

μαηαβαρατηα



estudo

História da Magia
de Eliphas Levi

ÍNDICE DOS VOLUMES

Volume I — AS ORIGENS MÁGICAS

Origens Fabulosas | Magia dos Magos: Irã e Mesopotâmia | Magia na Índia | Magia Hermética: Egito | Magia da Grécia | Magia Matemática de Pitágoras | A Santa Cabala

Volumes II e III — FORMAÇÃO E REALIZAÇÃO DO DOGMA

Simbolismo Primitivo da História | O Misticismo | Iniciação e Provas | Magia do Culto Público | Mistérios da Virgindade | Das Superstições | Monumentos Mágicos || Cristo Acusado de Magia Pelos Judeus | Verdade do Cristianismo Pela Magia | Do Diabo | Dos Últimos Pagãos | Das Lendas | Pinturas Cabalísticas e Emblemas Sagrados | Filósofos da Escola de Alexandria

Volume IV — A MAGIA E A CIVILIZAÇÃO

Magia Entre os Bárbaros | Influência das Mulheres | Leis Sálicas Contra os Feiticeiros | Lendas do Reino de Carlos Magno: Cavalaria Andante e Franco-Juízes | Mágicos: Rabino Jequiel | Processos Célebres: Templários - Joanitas - Barba Azul | Superstições Relativas ao Diabo

Volume V — OS ADEPTOS E O SACERDÓCIO

Sacerdotes e Papas Acusados de Magia | Aparição dos Boêmios Nômades - Ciganos | Lenda e História de Raimundo Lullo | Alquimistas: Flamel - Tritemo - Agripa... | Feiticeiros e Mágicos Célebres | Processos de Magia: Gaufridi - Grandier - Pe. Girard... | Origens Mágicas da Maçonaria

Volume VI — A MAGIA E A REVOLUÇÃO FRANCESA

Autores Notáveis do Século XVIII | Personagens Maravilhosos do Século XVIII | Profecias de Cazotte | Revolução Francesa | Fenômenos da Mediomania | Império e Restauração



Volume VII — OS ADEPTOS E O SACERDÓCIO

Magnetizadores Místicos e Materialistas | Das Alucinações | Os Magnetizadores e os Sonâmbulos | Os Fantasistas em Magia | Lembranças Íntimas do Autor | Das Ciências Ocultas | Resumo e Conclusão

APÊNDICE I — BIOGRAFIAS SUPLEMENTARES

Agrippa | Robert Fludd | Jacob Boheme | Paracelso | Mesmer

APÊNDICE II — TRECHOS DIVERSOS

O Mal | Luz Astral | Magos & Animais | Magia Negra | Lilith & Naema | Igualdade | Pecado | Céu e Inferno

μ α η α β α ρ α τ η α



estudo

História da Magia

de Eliphas Levi

ÍNDICE

Introdução

LIVRO I — As Origens Mágicas

Capítulo I — Mitos e Fábulas

Capítulo II — Magia no Oriente Médio

Capítulo III — Índia

Capítulo IV — Egito: Magia Hermética

Capítulo V — Grécia

Capítulo VI — Pitágoras

Capítulo VII — A Santa Cabala

Introdução

Há muito tempo que se vem confundindo a Magia com o prestígio dos charlatães, com as alucinações dos doentes e com os crimes de certos malfeitores excepcionais. Porém, a magia é a ciência exata e absoluta da Natureza e de suas leis. A Magia é a ciência dos antigos magos. ...A tradição dá ainda a estes magos o título de reis, porque a iniciação à Magia constitui a verdadeira realeza: a arte real ou o ***Sanctum Regnum*** (Santo Reino). A Magia era a ciência de Abraão e de Orfeu, de Confúcio e de Zoroastro. Os dogmas da magia foram esculpidos sobre as mesas de pedra de Enoch e Zoroastro. p 20-21

Tudo o que a Natureza fez de inferior ao homem ela submete ao homem, a quem cumpre engrandecer seu domínio. Assim, a extensão e mesmo a perpetuidade da vida, a atmosfera e suas borrascas, a terra e seus veios metálicos, a luz e suas miragens prodigiosas, a noite e seus sonhos, a morte e seus fantasmas, tudo isso obedece ao cetro real do mago. ...O adepto se faz rei dos elementos, transformador de metais, árbitro das visões, diretor dos oráculos, senhor da vida. p 24

LIVRO I - As Origens Mágicas



Capítulo I — Mitos e Fábulas

Eliphas Levi é um ocultista ocidental, de formação católica e especialmente interessado na Cabala e na teologia judaica. Em sua História da Magia, as origens da ciência dos encantamentos é diretamente relacionada ao episódio da Queda dos Anjos, tomando como referência o **Livro de Enoch**, um livro hebraico que não foi incluído no canon (reconhecidos como escritura sagrada), um texto antigo que também não consta nas Bíblias oficiais sendo, portanto, um escrito apócrifo. O Livro de Enoch permaneceu desconhecido na Europa durante mil anos até que alguns exemplares, escritos em língua etíope, foram encontrados na Abssínia, atual Etiópia (BLAVATSKY, 2003, p 89). Neste livro, os segredos da magia são transmitidos aos homens por anjos rebelados. Diz o Enoch, no começo de seu relato:

Houve anjos que se deixaram cair do céu para amar as filhas da Terra. Seu chefe era Samyasa e foram duzentos deles que desceram sobre as montanhas de Armon ou Montanha do Juramento. Eles tomaram esposas

com as quais viveram, ensinando-lhes a Magia, os encantamentos e a divisão das raízes e das árvores. **Amazarac** ensinou todos os segredos dos encantadores. **Barkaial** foi o mestre dos que observam os astros; **Akibeel** revelou os signos e **Azaradel**, o movimento da Lua.

Outro livro obscuro, **O Livro da Penitência de Adão**, apresenta uma outra origem para a Magia: morto Abel, Caim foi banido, condenado a "vagar pela Terra". Adão e Eva tiveram outro filho: Set, que teria se retirado com sua família para o Oriente onde foi o precursor da Magia Branca ou Magia dos Iniciados. Enquanto isso, Caim inventava a Magia Negra na Índia, o "país do fraticídio", e punha a maldade ao serviço da impunidade. Também no **Livro de Nod**, Caim é o primeiro Mago Negro, iniciado diretamente por Lilith, primeira mulher de Adão, também banida do Éden por sua rebeldia, amaldiçoada e iniciada na feitiçaria pelo Anjo caído Samael, geralmente identificado com a serpente do Paraíso e portanto responsável pela "má idéia" do pecado original.

Mais antigas e fabulosas ainda são as teorias que localizam as origens da Magia na cultura da Civilização Atlante, que desapareceu com suas terras e riquezas engolidas pelos terremotos e maremotos, um castigo, determinação Cármica desencadeada pelo uso indevido justamente das Ciências da Magia, desviadas para usos profanos, criminosos e aviltantes da condição humana. Neste caso, também os Atlantes foram instruídos por mestres divinos, "Anjos Caídos", o que faz suspeitar que os relatos cristãos e judeus são uma herança de tempos muito recuados na história da Raça ou das Raças humanas.

Capítulo II — Magia no Oriente Médio

Neste capítulo, Eliphas Levi começa a traçar um panorama cronológico e cultural das práticas mágicas. Entretanto, o texto do mestre ocultista deixa muitas lacunas de natureza histórica além de ser estruturado de maneira confusa. Por esta razão, este estudo procura ordenar e complementar o conteúdo de História da Magia.



mesopotâmia: babilônia e persas

No Ocidente, a escrita surgiu há cerca de 5.000 anos, entre os povos mesopotâmicos, marcando o início da história propriamente dita, história preservada em registros onde são encontradas as primeiras referências documentadas sobre práticas mágicas. Os sumérios são o povo mais antigo a ocupar as terras entre os rios Tigre e Eufrates. Sua cultura influenciou as civilizações que vieram depois: assírios, caldeus, hebreus. Toda a magia da Mesopotâmia, assim como no Egito, tem sua origem enraizada nas mitologias relacionadas à Cosmogênese, sobretudo, à Antropogênese.

Cada povo tem suas tradições mas o estudo comparado sugere uma origem comum. São histórias aparentemente diferentes mas todas que têm a figura de um Deus criador do Universo, da Terra e da humanidade e um Grande Iniciador, um Mestre Divino ou vários deles que promoveram a evolução da Raça Humana transmitindo, a discípulos escolhidos, conhecimentos em diferentes áreas da Ciência: da agricultura à metalurgia, da escrita a astronomia. Estes Iniciados escolhidos foram os primeiros Magos do mundo, uma elite de Sacerdotes e líderes políticos, o que explica a Teocracia predominante nem todos os grandes Impérios Antigos, quando os reis eram considerados representantes ou mesmo encarnações de uma divindade.

Estudos arqueológicos indicam:

"...que a religião foi a força que impulsionou a transformação de povoados em cidades. Os soberanos da região consideravam-se representantes dos deuses e uma parte importante de seus deveres consistia em conduzir cerimônias destinadas a prevenir o mal e ganhar a boa vontade das divindades. Existiam também diferentes tipos de sacerdote em funções diferentes: administração mas também os conjuros, os exorcismos, os augúrios etc.. Além da devoção aos deuses havia a crença em seres sobrenaturais bons e maus: demônios, espíritos, espectros. Julgava-se que alguns demônios eram responsáveis pelas doenças e outras desgraças." **GRANDES IMPÉRIOS**, 1997 - Mesopotâmia vol. I, p 74

"Mágica e religião para os povos da Antiga Mesopotâmia eram partes inseparáveis de um mesmo todo, pois tanto uma quanto a outra eram vistas como o traço de união entre a realidade física e palpável e as esferas mais sutis da existência. Daí por que quase todas as invocações e encantos grafados em escrita cuneiforme em geral contém a expressão "Pelo Duranki", ou seja, pela união de Céu e da Terra. Era através da mágica, por outro lado, que os mesopotâmicos antigos procuravam entender o universo como uma realidade animada e

multifacetada, sendo que a prática das artes mágicas visava fundamentalmente tentar afetar fatos ou prever acontecimentos da vida real e do mundo físico. A distinção entre mágica e religião, portanto, fica cada vez mais tênue neste contexto, porque a prática de mágica na Mesopotâmia era praticar religião, uma vez que as artes mágicas eram postas em prática por sacerdotes e sacerdotisas especializados para os mais diversos fins. Portanto, neste contexto, a religião também era vista como um ato mágico". **BABILÔNIA BRASIL**, 2005

Na antigüidade, o que hoje denomina-se Magia, não somente se confundia com a religião mas também dominava a área do conhecimento científico. Na medicina, a física e a metafísica aliavam-se a fim de obter a cura de um paciente. Acreditava-se que muitas doenças tinham causas sobrenaturais: deuses, espíritos, demônios etc.. e cada entidade era relacionada a moléstias determinadas, a afecções que atingiam certas partes do corpo. Uma dessas entidades é Lamashtu, um terrível demônio feminino capaz de provocar anemias profundas, depressão e morte.

Na Mesopotâmia, existiam dois tipos de médico-sacerdote-mago: o Ashipu, fazia o diagnóstico da doença determinando a "assinatura" do espírito ou deus causador do mal. Em certos casos, a doença resultava de algum grande erro ou pecado cometido pelo enfermo. O tratamento consistia então de evocações e encantamentos destinados a apaziguar o espírito causador ou anular a aura negativa do mal feito do paciente. Em questões mais complexas, o próprio Ashipu remetia o doente ao Asu, um especialista em remédios herbáceos, um "físico", como eram chamados. Em caso de feridas em geral, o Asu preparava receitas, banhos, fazia bandagens, ataduras, enfaixamentos, preparava e aplicava emplastros e unguentos.

O rótulo "Magia", tantas vezes usado pejorativamente em relação às práticas científicas dos Antigos deve-se, em parte ao desconhecimento da terminologia usada na época. Na tábuas cuneiformes encontradas em sítios arqueológicos há grandes listas de plantas e outras substâncias terapêuticas, porém seus nomes tornam quase impossível identificá-las quando não confundem o leitor com suas denominações exóticas que remetem ao universo da feitiçaria folclórica como: "gordura de leão" ou "fogo da terra", por exemplo. Entre substâncias que foram identificadas, muitas revelaram ser apenas extratos vegetais, resinas ou condimentos, temperos comuns como pimenta, cominho, hortelã, alho etc.. Plantas que até hoje são utilizadas **in natura** ou na composição de antibióticos, anti-inflamatórios, antipiréticos, cicatrizantes.

Pérsia: Os persas são um dos povos mais misteriosos da Antigüidade. Os livros de história do Mundo e as enciclopédias temáticas escritas no Ocidente, em geral, dedicam muito pouco espaço a esta civilização (e o mesmo ocorre em relação a outras nações como as africanas e as orientais: Índia, China, Japão). A desinformação começa com as datas incertas: alguns dizem que este povo "apareceu" no Planalto Iraniano por volta de 2.000 a.C.; outros encontram os rastros desta civilização e de sua cultura no século XV a.C., como nestes trechos da **História Geral** de Souto Maior e da **História da Civilização Ocidental**, de MacNall Burns:

"A partir de meados do segundo milênio antes de Cristo, apareceram no noroeste do Planalto Iraniani novos povos indo-europeus, mais tarde conhecidos como medos e persas." (**SOUTO MAIOR**, 1976 - p 43)

"Pouca coisa se conhece dos persas antes do século VI a.C.. Até essa época parece terem levado uma existência obscura e pacífica na costa oriental do Golfo Pérsico. [Entretanto, mais adiante, escreve o mesmo autor sobre a religião dos persas] ...A influência mais duradoura deixada pelos antigos persas foi, sem dúvida, a religião. As raízes desta religião podem ser encontradas em época tão remota como o século XV antes de Cristo." (**MacNALL BURNS**, 1975 - p 97)

Estas contradições mostram a grande confusão em se encontram os historiadores sempre que se fala das origens das culturas mais antigas, que são as orientais. Os persas dos livros de história, cuja existência somente começa a ter registro há poucos milênios antes de Cristo, são um povo, cultura, nação, que vinha se formando ao longo de um processo demorado que consumiu pelo menos 5 mil anos. As pesquisas mais recentes indicam que os persas têm uma origem comum com os indianos; eles foram os proto-indo-iranianos, da etnia dos indo-europeus. Sacerdotes, guerreiros e pastores semi-nômades provenientes das estepes do sudeste da Rússia (**CULTURE OF IRAN**, 2005) que, em torno de 3.000 a.C., fixaram suas tribos a leste do rio Tigre. Eram duas nações irmãs, como evidenciam estudos da língua, derivada do sânscrito. Os Medos, se estabeleceram no deserto ao sul do Mar Cáspio enquanto os persas ocuparam terras ainda mais ao sul, às margens do Golfo Pérsico.

A herança mágica dos persas está dispersa, misturada à magia dos mesopotâmicos, egípcios, gregos, árabes e hebreus. O sincretismo foi mútuo porém as crenças dos "parses" deixaram um legado poderoso que pode ser identificado em doutrinas teológicas do passado e do presente. Um bom indicativo desta forte influência é a própria palavra "Mago" ou "Magus", que deriva da língua dos persas onde é designativo da condição de sacerdote. O persas mais antigos diziam "**Magi**", os mais modernos, do tempo do império, eram os "**Magusk**", significando "homem sábio". Os gregos adotaram o termo e diziam "**Magéia**" para se referir às artes de um mago (**URBAN**, 2002). As práticas mágicas da Pérsia possuíam uma tradição das mais remotas, com origens recuadas até o neolítico de onde vieram os Cultos da Luz, do Fogo e da Água. O precursor desta magia é o mítico Zoroastro ou Zaratustra.

Zoroastro, apontado como o grande Iniciador da magia não é um indivíduo; antes, muito provavelmente, Zoroastro é um nome simbólico como Toth ou Hermes e há vários Zoroastros mencionados nos anais da história persa. Eudócio e Aristóteles situam sua vida há seis mil anos antes de Cristo. Sua história é envolta em mistério porém:

"os dogmas do verdadeiro Zoroastro são os mesmos da pura Cabala e suas idéias sobre a divindade são as mesmas que as dos Pais da Igreja. Apenas diferem os nomes: Zoroastro chama **Tríade** o que chamamos de **Trindade**. As três pessoas divinas, ele chama de as Três Profundidades. A Profundidade primeira ou Paternal é a fonte de **Fé**; a Segunda ou Profundidade do Verbo, é a fonte da **Verdade**; a terceira ou Ação Criadora, é a fonte do **Amor**." (**LEVI**, 2004 - p 58)

O Zoroastro histórico viveu no século VI antes de Cristo e a ele é atribuída a ordenação de tradições e crenças populares da religião Mazdeísta, em uma outra religião, um mazdeísmo reformado, estruturado na doutrina chamada zoroastrismo. Sobre os mistérios do fogo, escreveu Zoroastro em seus Oráculos:

"A Natureza nos ensina por indução que existem demônios incorpóreos ...O fogo sempre agitado e movendo-se na atmosfera pode tomar uma configuração semelhante à dos corpos. Digamos melhor, afirmemos a existência de um fogo cheio de imagens e ecos. ...E quando vires brilhar este fogo incorpóreo, este fogo sagrado cujas flechas atravessam as profundezas do mundo, ouve o que ele te dirá!" (LEVI, 2004 - p 60)

Este "fogo" a que Zoroastro se refere é a luz astral "com sua força configurativa e sua potência para refletir o verbo e repercutir a voz" e o conhecimento da Luz Astral era o começo da iniciação mágica. O adepto que se tornava capaz de "ler" na luz astral tornava-se vidente. ...Depois, tendo posto sua vontade em comunicação com essa luz, aprendia a dirigi-la como se dirige a ponta de uma flecha; ele podia então provocar perturbação ou paz nas almas, comunicava-se à distância com outros adeptos, apoderava-se desta força que é representada pelo leão. É o que significam as antigas figuras encontradas em sítios arqueológicos onde aparecem o leão ou outra fera subjogados diante de um gesto do Mago, bem como as esfinges com corpos de leão e cabeças humanas." (LEVI, 2004 - p 62)

Capítulo III — Índia

(LEVI, 2004 - p 67)

INTRODUÇÃO: Neste capítulo, o brilhante ocultista de Dogma e Ritual da Alta Magia se perde na superficialidade e no preconceito. Como historiador da Magia, Levi mostra desconhecimento arqueológico, mitológico, lingüístico, semiótico e teológico. O texto é limitado a uma cultura que não vai além das tradições ocidentais e, como o autor é estudioso da Cabala judaica, enaltece este sistema desvalorizando conhecimentos mais antigos ou simplesmente ignorando a existência desses conhecimentos.

Em relação à Índia, o preconceito de E. Levi é evidente tomando o exotérico por esotérico, apresentando crenças populares e folclore como se fossem a verdadeira face do ocultismo dos bramanes e dos budistas. Usando dois pesos e duas medidas, o Mago ocidental sabe reconhecer simbolismo e alegoria nas escrituras judaico-cristãs mas toma ao pé da letra as metáforas dos livros indianos. Na História da Magia de Levi, a Índia é "...sábia mãe de todas as idolatrias" onde prospera a "deificação do diabo" e a Santíssima Trindade é substituída pela "terrível trimurti dos brahmas" composta "de um criador, um destruidor e um reparador" (Brahma, Vishnu e Shiva). "É a Cabala profana; por isso, longe de fortificar a alma, aproximando-a da

suprema sabedoria, o bramanismo conduz o espírito aos abismos da loucura." (LEVI, 2004 - p 67)

"A Índia, que a tradição cabalística nos diz ter sido povoada pelos descendentes de Caim ...a Índia é, por excelência, o país da Goécia e dos prestígios. Lá se perpetuou a Magia Negra com as tradições originais do fraticídio". Para Eliphas Levi, todas as tradições indianas são resumidas em uma idéia: panteísmo e "a consequência desse panteísmo é a destruição de toda moral; não há mais crimes nem virtudes num mundo onde tudo é Deus. O livro do ocultismo indiano, o **Oupenek'hat** é o tronco de todos os engrimanços... Este livro é dividido em cinquenta seções: é uma sombra misturada com clarões... por exemplo, nas seções 11 e 48:

"O anjo do fogo criador é a palavra de Deus. A palavra de Deus produziu a terra e os vegetais que brotam dela e o calor que os alimenta. A palavra do Criador é o Criador e ela é o seu filho único (o Logos). ...Não sendo a matéria mais que uma aparência enganadora, o sol, os astros, os elementos mesmos são gênios, os animais são demônios e o homem um puro espírito enganado pelas aparências dos corpos.

Para tornar-se Deus é preciso reter seu alento. Isto é, atraí-lo o maior tempo possível e dele encher-se abundantemente (INSPIRAÇÃO). Em segundo lugar, guardá-lo o maior tempo que puder e pronunciar quarenta vezes, neste estado, o nome divino AUM. Terceiro, expirar também muito vagarosamente... Neste exercício, é preciso tornar-se cego e surdo, e imóvel como um pedaço de pau. ...Com um dedo fecha-se um buraco do nariz e inspira-se com o outro. Retém o ar e então, mergulha no pensamento de que Deus é o criador, que está em todos os animais, na formiga como no elefante. Expira, mui devagar emitindo o som divino, AUM, ...Fazei isso durante três meses, sem temor, sem preguiça, comendo e dormindo pouco; no quarto mês os Devas se fazem ver a vós; no quinto mês tereis adquirido as qualidades dos devatas; no sexto estareis salvos, vos vos tereis transformado em Deus." (LEVI, 2004 - p 69)

"É evidente que no sexto mês o fanático bastante imbecil para perseverar em tal prática, estará morto ou doido. ...O emprego graduado de narcóticos ou de uma gama de discos coloridos produz efeitos análogos aos que descreve o feiticeiro indiano. ...Todas essas práticas (contidas no **Oupenek'hat**) são dolorosas e perigosas tanto quanto ridículas e não as aconselhamos a ninguém; mas não duvidamos que elas produzam, num espaço de tempo mais ou menos longo, conforme a sensibilidade dos indivíduos, o êxtase, a catalepsia e o esvaimento letárgico. Para obter visões, para chegar aos fenômenos da segunda vista, é preciso por-se num estado que seja como o sono, morte ou loucura. É nisto, sobretudo, que os indianos são hábeis."

(LEVI, 2004 - p 71)

Chega a espantar que Eliphas Levi tenha escrito de forma tão ofensiva sobre estas práticas iogues que, com outras palavras, são reescritas e recomendadas por ele próprio e por outros estudiosos ocidentais, quando falam de meditação. Nada há de imbecil ou de loucura em exercícios respiratórios, hoje reconhecidamente benéficos para o equilíbrio do corpo e da mente. São exercícios que, no mínimo, induzem o espírito a um estado de profunda calma, efeito comprovado pela observação científica contemporânea. Em Tratado Elementar de Magia

Prática, o ocultista Papus, que também era médico, escreve:

O ritmo respiratório age sobre os centros nervosos de maneira notável. A inspiração rápida age como excitante; a inspiração lenta e sobretudo a expiração prolongada e espaçada, acalmará os centros nervosos. ...O pulmão e o coração podem ser considerados como duas rodas com engrenagens entrosadas uma na outra, o que faz com que o aumento do ritmo respiratório seja reproduzido no ritmo cardíaco com reflexos em todo o sistema circulatório. A respiração é, pois, o dispositivo mecânico-orgânico que restabelece o equilíbrio dos fluxos sempre que este equilíbrio se perde por um distúrbio qualquer. (**PAPUS**, 1995 - p 145/146)

Sobre o *Oupnek'hat*, continua Eliphas Levi:

Mas não ficam aí os segredos mágicos do *Oupnek'hat*; existe um que o hierofante tenebroso confia a seus iniciados como grande e supremo arcano ...Eis como se exprime o autor do livro indiano: ..."Qualquer que seja o pecado que cometa, a má obra que faça, ele não é nunca culpado. Ainda que fosse duas vezes parricida, ainda que matasse um bramane iniciado nos Vedas, qualquer coisa que cometa enfim, sua luz não diminuirá, porque, disse Deus, **'Eu sou a alma universal, em mim estão o bem e o mal que se corrigem um pelo outro. Aquele que sabe disso não será nunca um pecador; ele é universal como Eu.'** ...O grande arcano do *Oupnek'hat* é, desta forma, absoluto em imortalidade, em fatalidade e em quietismo mortal.

Isso é tudo que Eliphas Levi tem a dizer sobre a História da Magia na Índia. É uma exposição superficial, superticiosa e preconceituosa que ignora as escrituras sagradas da Índia, nada explica sobre os Vedas e os Puranas nem mesmo para fazer uma referência a obras importantes como a Bagavad Gita, as conferências de Buda Sakyamuni e a teosofia baseada na Doutrina Secreta dos Livros ou "Estâncias" de Dzyan, que foram minuciosamente estudados por Helena Petrovna Blavatsky.

Capítulo IV — Magia Hermética (EGITO)

É no Egito que a magia se completa como ciência universal ...nas poucas sentenças da doutrina gravada na Tábua de Esmeralda, atribuída a Hermes Trimegisto (Três vezes Mestre); ...[são dogmas que afirmam] ...a unidade do Ser e a unidade das harmonias, ...a lei imutável do equilíbrio e o progresso proporcional das analogias universais, o Verbo como mediador entre o Criador e a criatura.

"O superior é como o inferior e o que está embaixo é como o que está em cima para formar as maravilhas da coisa única." A sabedoria do Hermes egípcio revela e descreve a LUZ ASTRAL, que é o agente criador, é o fogo pantomorfo. Ensina Hermes que esta luz é uma força, uma alavanca (capaz de ação mecânica), é um princípio criador (coagulador), que dá forma às coisas e, ao mesmo tempo, é o aquele que dissolve o todo em nada. Outras obras são atribuídas a Hermes Trimegisto: Pimandro, Asclépio, Minerva do Mundo etc..

As ruínas do Egito são como páginas esparsas de um livro. Templos e pirâmides guardam, em sua estrutura e situação, a sabedoria dos tempos antigos. A divisão mesmo (geográfica) do Egito era uma síntese mágica: ...o Alto Egito ou Tebaida, representa o mundo celeste, pátria de êxtases; o baixo Egito simboliza a Terra e o Egito

Médio ou Central, é o país das ciências e das iniciações. O Egito era um grande livro cujos ensinamentos estavam escritos em toda parte, na linguagem codificada da pintura, escultura, arquitetura, em todas as cidades, em todos os templos.

O Egito é o berço das ciências e da sabedoria. ...A arte sacerdotal e a arte real ali formavam adeptos pela Iniciação, que era restrita como privilégio de casta (como na Índia). Viu-se um escravo hebreu iniciar-se e atingir a posição de primeiro ministro (José, da Bíblia). ...É sabido que José deveu sua elevação [social] à sua capacidade de interpretar sonhos. ...A ciência de José não era senão a inteligência [conhecimento] das relações naturais que existem entre as idéias e as imagens, entre o Verbo e suas figuras. Ele sabia que **durante o sono, a alma mergulhada na luz astral, vê os reflexos de seus pensamentos mais secretos e mesmo de seus pressentimentos**; ele sabia que a **arte de traduzir os hieróglifos do sono** é a chave da lucidez universal, porque **todos os seres inteligentes têm revelações em sonhos**.

TARO

No 'alfabeto' hieroglífico todos os deuses eram letras, todas as letras eram idéias, todas as idéias eram números, todos os números eram sinais perfeitos. ...Este alfabeto, dizemos nós, é o famoso livro de Thot, que Court de Gébelin suspeitou ser conservado até hoje sob a forma deste jogo de cartas que se chama **tarot**. ...[Entretanto] o **Tarot** que temos é de origem judaica e os tipos das figuras não remontam além do reino de Carlos XII. O jogo de cartas de Jacquemin Gringonneur é o primeiro **tarot** que conhecemos, mas os símbolos que ele reproduz são da mais alta antiguidade.

Conta-nos Moisés que os israelitas, ao saírem do Egito, conduziram os vasos sagrados dos egípcios. Esta historia é alegórica... Estes vasos sagrados são os segredos da ciência egípcia que Moisés aprendera na corte do Faraó. [Na época do Êxodo], a verdadeira ciência perdia-se no Egito, embrutecendo-se em práticas de idolatria. O vulgo imbecil [o povo, ignorante] tomou por realidades vivas as formas hieroglíficas de Osiris e Hermanubis. Osiris tornou-se um boi e o sábio Hermes, um cão.

LEVI - p 73

Capítulo V — Magia na Grécia

Este capítulo começa com vários parágrafos de pouco valor histórico. O autor perde-se em considerações literárias para informar que, na Grécia, os grande precursores da Magia, em termos de tradição mitológica, foram Orfeu e Cadmo, conforme o texto a seguir:

Aos cantos poéticos de Orfeu abrandam-se os rochedos, desenraizam-se os carvalhos e os animais selvagens submetem-se ao homem. ...Foi Orfeu que deu vida aos números, foi Cadmo que ligou o pensamento aos caracteres (Cadmo, personagem mítico, é considerado o inventor da escrita na Grécia). ...Cadmo é um exilado [sua origem é

Tebas, Egito] ...Ele trás para a Grécia as letras primitivas e a harmonia que as reúne.

A fábula do Tosão de Ouro liga a Magia Hermética (Egípcia) às Iniciações gregas. Tudo nesta lenda é alegoria, como o Navio dos Argonautas cujo correspondente egípcio é o Barco dos Mistérios de Isis, arca das sementes e da renovação. [Na lenda] ... A ciência é ainda uma vez traída por uma mulher: Medéia. Esta história da antiguidade grega encerra a epopéia das ciências ocultas. Depois da Magia hermética vem a Goécia, parricídio, fraticídio, infanticídio, sacrificando tudo às suas paixões e não gozando nunca do fruto de seus crimes. Medéia traía seu pai, como Cam (filho de nóe); assassina seu irmão, como Caim. Ela apunhala seus filhos, envenena sua rival e só recolhe o ódio daquele por quem queria ser amada, Jasão.

Prometeu, O Tosão de Ouro, a Tebaída, a Ilíada e a odisséia, cinco grandes epopéias todas cheias de mistérios da natureza e dos destinos humanos compõem a Bíblia da antiga Grécia... A fábula de Orfeu é toda um dogma. Ele é um poeta. Sua amada morre e ele não é capaz de resgatá-la do Hades. Orfeu sente-se viúvo e tendo no coração uma ferida que só a morte poderá curar, faz-se médico das almas e dos corpos; enfim, morre vítima de sua castidade; morre a morte dos iniciadores e profetas, depois de ter proclamado a unidade de Deus e a unidade do amor. Orfeu passou à história com fama de feiticeiro e encantador. A ele se atribui, como a Salomão, o conhecimento dos elementos simples e dos minerais, a ciência da medicina celeste e da pedra filosofal. Assim se resume a Iniciação Órfica:

O homem, depois de ter sofrido a influência dos elementos deve fazer sofrer aos elementos sua própria influência.

A criação é o ato de um magismo divino, contínuo e eterno. Para o homem, Ser é, realmente, conhecer-se.

A responsabilidade é uma conquista do homem, a pena mesma do pecado é um novo meio de conquistas.

Toda vida repousa sobre a morte. A palingenesia (ressurreição) é a lei reparadora. O casamento é a reprodução, na humanidade, do grande mistério cosmogônico. Ele deve ser um como Deus e a natureza são um. O casamento é a unidade da árvore da vida; a devassidão é a divisão e a morte.

MAGIA NEGRA

Dissemos que a primeira parte da fábula do Tosão de Ouro encerra os segredos da Magia Órfica e que a segunda parte é consagrada contra a Goécia ou a Magia tenebrosa. A Goécia ou falsa magia, conhecida em nossos tempos pelo nome de feitiçaria, não

poderia ser uma ciência; é o empirismo da fatalidade. Toda paixão excessiva produz uma força que escapa à Vontade, ao contrário, obedece ao despotismo da paixão. Dizia Alberto, o Grande: "não maldigais a ninguém quando estiverdes em cólera". A paixão excessiva é uma verdadeira loucura, uma embriaguês, uma congestão da luz astral.

FEITICEIRAS GREGAS

As feiticeiras entre os gregos, e especialmente na Tessália, praticavam horríveis ensinamentos e abandonavam-se a ritos abomináveis. Eram em geral, mulheres perdidas de desejos que já não podiam satisfazer; cortesão envelhecidas, monturos de imoralidade e hediondez. Ciosas do amor e da vida, estas miseráveis mulheres não tinham amantes senão nos túmulos [necrofilia], ou antes, elas violavam sepulcros para devorar de terríveis carícias a carne gelada dos moços. Elas roubavam crianças cujos gritos abafavam, premindo-as contra as mamas pendentes. Eram chamadas **lâmias**, **estriges**, **empulsas**; as crianças, objeto de sua inveja e ódio, eram sacrificadas.

Algumas destas feiticeiras, como **Canídia**, de que fala Horácio, as enterravam até a cabeça e as deixavam morrer de fome, cercando-as de alimentos que não podiam alcançar; outras, cortavam-lhes a cabeça, os pés e as mãos e faziam reduzir a gordura e a carne dos infantes em bacias de cobre, até obterem um unguento que misturavam ao suco de meimendo, da beladona e das papoulas negras. Elas enchiam deste unguento o órgão incessantemente irritado por seus detestáveis desejos, friccionavam as têmporas e as axilas, depois caíam numa letargia cheia de sonhos desenfreados e luxuriosos.

Convém dizer: eis as origens da magia negra, segredos que se perpetuaram até a Idade Média; eis, enfim, que as pretendidas vítimas inocentes da execração pública que a sentença dos inquisidores condenava a morrer nas chamas. Foi na Espanha e na Itália, sobretudo, que sobreviveu a "raça" das **estriges**, das **lâmias** e das **empulsas**; e os que duvidam disto podem consultar os mais sábios criminalistas destes países, reunidos por F. de Torreblanca em seu ***Epitome delictorium***.

Medéia e **Circe** são dois tipos da magia malfazeja entre os gregos. Circe é mulher viciosa que que fascina e degrada seus amantes; Medéia é a envenenadora apaixonada que a tudo se atreve e faz a própria natureza servir a seus crimes. Há, de fato, seres que encantam como Circe e perto dos quais todos se aviltam; há mulheres cujo amor degrada as almas. Elas não sabem inspirar senão paixões brutais; elas vos enervam e depois vos desprezam. É preciso, como Ulisses, saber subjugar-las pelo temor e depois, deixá-las sem pesar. São monstros de beleza, não têm coração; só a vaidade as faz viver. Na antigüidade eram representadas pela figura das sereias.

Quanto a Medéia, é a criatura perversa, que quer o mal e que o opera. Esta é capaz de amar e não se detém diante do temor; mas seu amor é mais temível que o ódio. Ela é mãe ruim e assassina de criancinhas. Ama a noite e vai clher ao luar ervas malélicas para preparar venenos. Ela magnetiza o ar, leva a desgraça à terra, infecta a água, envenena o fogo. Os répteis emprestam-lhe sua baba; ela murmura terríveis palavras; traços de sangue a acompanham. Seus conselhos endoidecem, suas carícias horrorizam.

LEVI, p 85-86

Capítulo VI — Magia Matemática de Pitágoras

...Pitágoras de Samos, chegou à Itália para fugir à tirania de Polícrate. Ele já percorrera todos os santuários do mundo. Na Judéia, se fez circuncidar para ser admitido nos segredos da Cabala; depois, iniciou-se no Egito com a recomendação do rei Amásis. Seu gênio superou os hierofantes e ele se tornou um mestre revelador. Pitágoras definiu Deus: "Uma verdade viva e absoluta revestida de luz; é a música suprema de que a natureza é a harmonia". Ele dizia que o verbo é o número manifestado pela forma e que tudo tem origem na *tetractys*, isto é, o quaternário. São idéias pitagóricas: a expressão mais alta da justiça é o culto; o mais perfeito uso da ciência é a medicina; o belo é a harmonia, a força é a razão, a felicidade é a perfeição e **a verdade prática é que se deve desconfiar da fraqueza e da perversidade dos homens.**

Quando ele se estabeleceu em Crotona, a princípio, os magistrados o temeram; depois, o consultaram. Pitágoras aconselhou que procurassem manter a mais perfeita harmonia entre eles mesmos porque são os conflitos entre os senhores que revoltam os servidores e ensinou um grande preceito religioso, político e social: "Não há mal nenhum que não seja preferível à anarquia". Entre os preciosos legados de sabedoria deixados por Pitágoras, os mais populares, até hoje, são os **Versos Áureos**. Eis um trecho:

Aos deuses, segundo as leis, presta as devidas homenagens
Respeita o juramento, os heróis e os sábios
Honra teus pais, teus reis, teus benfeitores
Escolhe para teus amigos os melhores homens
Seja obsequioso (educado),
seja fácil (objetivo e claro) em seus negócios
Não odeies teu amigo por faltas leves
Serve com teu poder a causa do bom direito
Quem faz tudo o que pode faz sempre o que deve
Porém, saiba o momento de reprimir como mestre severo
os apelos do sono, de Vênus (do sexo e do amor) e da cólera

Não peques contra a honra nem de longe nem de perto
Seja a mais rigorosa testemunha de você mesmo
Seja mais justo em ações e menos em palavras
Não dê pretextos frívolos ao despertar do mal
A sorte que nos enriquece, pode nos empobrecer
Mas fracos ou poderosos, todos morreremos

Não fuja da tua parte nas dores da vida terrena
Aceita o remédio útil e salutar
e saiba que os homens virtuosos
são os menos infelizes entre os mortais aflitos

Resigna teu coração diante de alianças injustas
Deixa falar o mundo e segue sempre teu caminho
e nada faças por pura imitação da ação de um outro
que seja coisa sem retidão e sem utilidade
Recorda os conselhos dos sábios
para reconhecer o absurdo nas encruzilhadas

Não sejas negligente em cuidar da tua saúde
Consome o necessário com sobriedade
Tudo que não pode prejudicar é permitido na vida
Seja elegante e puro sem excitar a inveja
Fuja da negligência mas evite o fausto insolente
O luxo mais simples é o mais excelente
Não procedas sem pensar no que vai fazer
e reflete, todas as noites, sobre toda a sua jornada
Que fiz? O quê ouvi? O quê devo lastimar?

Pitágoras possuía esta faculdade chamada de "segunda vista" ou adivinhação. Um dia ele se achava com seus discípulos à bair-mar quando surgiu um navio no horizonte. Um dos discípulos perguntou: "Mestre, pensais que eu seria rico se dessem a carga deste navio?" Ela vos seria inútil, respondeu Pitágoras. Retruca o discípulo: "Pois eu a guardaria para deixar aos meus herdeiros." Ao que rebateu o sábio: "Quereis então deixar-lhes dois cadáveres?" O navio entrou no porto instantes depois. Trazia o corpo de um homem que queria ser sepultado em sua pátria. Conta-se que os animais obedeciam Pitágoras. Um dia, no meio dos jogos olímpicos, ele chamou uma águia que atravessava o céu; a águia desceu fazendo giros e continuou seu vôo quando o mestre fez sinal de ir-se embora. Uma urso monstruosa devastava a Apúlia; Pitágoras a mandou vir a seus pés e ordenou-lhe que deixasse o país; depois disso ela não reparceu mais e como se lhe perguntassem a que ciência devia poder tão maravilhoso, respondeu: "A ciência da luz."

Imortalidade

Pitágoras acreditava ...na imortalidade da alma e na eternidade da vida. A sucessão contínua dos verões e dos invernos, dos dias e das noites, do sono e do despertar, explicavam-lhe assaz o fenômeno da morte. A imortalidade especial da alma humana consistia, na sua opinião, na prolongação da lembrança. Ele pretendia lembra-se ...de suas existências anteriores e ...achava, de fato, alguma coisa semelhante em suas reminiscências.

Capítulo VII — A Santa Cabala

Remontemos agora às fontes da verdadeira ciência e retornemos à santa Cabala ou tradição dos filhos de Set (terceiro filho de Adão e Eva), preservada na Caldéia por Abraão, ensinada ao sacerdócio egípcio por Moisés, oculta em símbolos na Bíblia, revelada pelo Salvador (Cristo Jesus) a Santo João e contida ...no Apocalipse deste apóstolo.

Os cabalistas têm horror a tudo o que parece idolatria; contudo, conferem a Deus uma figura humana mas é uma figura puramente hieroglífica. Eles consideram Deus como o infinito inteligente, amante e vivo. Não é uma coleção de seres, nem a abstração do Ser nem um ser filosoficamente definível. Ele está em tudo, distinto de tudo e maior que tudo. Seu nome é inefável ...O que Deus é por si mesmo não é dado ao homem conhecer.

Morte

O que chamamos **morte** é um nascimento em uma nova vida. ...A alma humana, servida e limitada por órgãos, não pode senão por meio destes órgãos mesmos por-se em relação com as coisas do mundo visível. O corpo é um invólucro proporcional ao meio material no qual a alma deve viver neste mundo. Limitando a ação da alma, o corpo a concentra e a torna possível. De fato, a alma sem corpo estaria por toda parte porém, nesta condição, ela não poderia agir em parte nenhuma; perder-se-ia no infinito; seria absorvida e como aniquilada em Deus.

Supõe uma gota de água doce encerrada num glóbulo e arremessada ao mar; enquanto o glóbulo não se romper, a gota continuará individualizada em si mesma; mas se o glóbulo se quebrar, procurai a gota na massa de água do mar. Deus, criando os espíritos, somente lhes pôde dar uma personalidade consciente de si mesma dando-lhes um invólucro que centraliza sua ação (do espírito) e o impede de perder-se ...Quando a

alma se separa do corpo, então, necessariamente, ela muda de meio e muda de invólucro [ou despe-se do invólucro de matéria densa]. Ela parte somente revestida de sua forma astral, que é um invólucro de luz, e sobe acima da atmosfera como o ar se mantém acima da água. ...O ar atmosférico torna-se sólido para estes corpos de luz ...Somente podem retornar à Terra encarnando-se de novo. ...Os cabalistas formularam por um só axioma toda a doutrina que expomos aqui: "O espírito reveste-se para descer e se despoja para subir".

Seria impossível que uma alma separada de seu corpo pudesse viver, um só instante, na espessura de nossa atmosfera. As almas dos mortos não estão, portanto, ao nosso redor como supõem alguns "giradores de mesa" [espíritas]. Os que amamos, podem ver-nos e aparecer-nos, mas somente por miragem e por reflexo no espelho comum que é a luz [luz astral]. Aliás, eles não podem interessar-se por coisas terrenas, mortais, e só se prendem a nós por sentimentos elevados que têm algo de análogo à sua vida na eternidade.

Aparições

[Sobre manifestações de mortos em sessões espíritas] ... é preciso abordar aqui um dos segredos mais perigosos da Magia. É a hipótese das **larvas fluídicas** conhecidas na antiga teurgia como **espíritos elementares**. ...Com efeito, evocar estes espíritos elementares é ter o poder de coagular os fluidos por uma projeção de luz astral.

A luz é o **agente eficiente** das formas e da vida, porque ela é, ao mesmo tempo, movimento e calor. Quando ela chega a fixar-se e polarizar-se ao redor de um centro, ela produz um ser vivo, cuja matéria constitutiva, substância plástica [moldável], ela mantém coesa e conservada. Esta substância plástica formada, em última instância, de terra e água, foi denominada na Bíblia de limo da terra [o barro em lama]. Mas a luz não é espírito, como crêem hierofantes indianos e todas as escolas de Goécia [evocação de mortos]. A luz é instrumento do espírito. Deus criou esta luz na eternidade e o homem, à imagem de Deus, modifica e "manipula" a luz.

Os espíritos elementares, de acordo com a Cabala secreta, são os filhos da solidão de Adão; nasceram de seus sonhos, quando aspirava pela mulher que Deus não lhe dera ainda. Paracelso diz que o sangue [ou o sêmen] perdido, quer regularmente, em ato voluntário [masturbação], quer em um sonho, pelos celibatários, sejam homens ou mulheres, esse "sêmen" [ou melhor, o pensamento que orientou o prazer solitário] povoa o ar de fantasmas. Esta é uma das origens das larvas astrais, erroneamente consideradas como almas, aparições do além-túmulo que "freqüentam" sessões espíritas.

Estas larvas têm, pois, um corpo aéreo formado de "vapor" de sangue [ou dos fluidos, da energia vital contida em secreções humanas perceptíveis ou não]. É por isso que elas

procuram o sangue derramado e, outrora, nutriram-se muito com exalações [produzidas em rituais de sangue e orgias sexuais].

FIM DO VOLUME I

► Retorno: [Índice de Volumes](#)

Bibliografia do Pesquisador

BABILÔNIA BRASIL. In <<http://www.angelfire.com/me/babiloniabrasil/magic1.html>> — acessado em 27/05/2005

BLAVATSKY, Helena Petrovna. Doutrina Secreta. São Paulo: Pensamento, 2003.

CULTURE OF IRAN. IN <<http://www.cultureofiran.com/>> acessado em maio de 2005

ENOCH. O livro de Enoch, o Profeta: a revelação dos anjos. [Trad. Getúlio Elias Schanosky Jr.] — São Paulo: Madras, 2004.

GRANDES IMPÉRIOS E CIVILIZAÇÕES Enciclopédia. Mesopotâmia vol. I. Madrid: Ed Prado, 1997.

JOCASTIAN, Ayisha. O Livro de Nod. Edição online.

In< http://pwp.netcabo.pt/dtangel/Livro_de_nod.pdf> acessado em 21/02/2005

MacNALL BURNS, Edward. História da Civilização Ocidental, vol. I. Porto alegre: Globo, 1975.

PAPUS (Gerard Anaclet Vincent Encausse). Tratado Elementar de Magia Prática. São Paulo: Pensamento, 1995.

SOUTO MAIOR, A. História Geral. **As civilizações iranianas**, p 43. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

μαηαβαρατηα



estudo

História da Magia

de Eliphas Levi

ÍNDICE

LIVRO II — FORMA E REALIZAÇÃO DO DOGMA

Capítulo I: Simbolismo Primitivo da História

Capítulo II — Misticismo

Capítulo III — Iniciação e Provas

Capítulo IV — Magia do Culto Público: Exoterismo

Capítulo V — Mistérios da Virgindade: Roma

Capítulo VI — Superstições

Capítulo VII — Monumentos Mágicos

LIVRO III - SÍNTESE E REALIZAÇÃO DIVINA DO MAGISMO PELA REVELAÇÃO CRISTÃ

Capítulo I: Cristo Acusado de Magia Pelos Judeus

**Capítulo II — Verdade da Magia Pelo Cristianismo
— SIMÃO, o mago**

Capítulo III — Do Diabo

Capítulo IV — Os Últimos Pagãos

LINKS SUPLEMENTARES:

I - Apolônio de Thyana IN www.sobrenatural.org

II - Apolônio de Thyana IN Orion.med

Capítulo V — Das Lendas

Capítulo VI — Pinturas Cabalísticas & Emblemas Sagrados

Capítulo VII — Filósofos da Escola de Alexandria

LIVRO II FORMAÇÃO E REALIZAÇÃO DO DOGMA

Capítulo I - Simbolismo Primitivo da História

Este é outro exemplo de um texto de Levi que deixa muitas lacunas no que se refere à ciência da História, propriamente dita. O "Simbolismo Primitivo", tema central do capítulo, restringe-se ao conjunto de signos da alegoria bíblica judaico-cristã que compõem o relato da queda do homem, de uma condição de ser paradisíaca para uma condição infernal. O autor busca decifrar o episódio que fala de Adão expulso do Éden. Abaixo, alguns comentários do ocultista:

Expulsão do Paraíso

O homem abdica o domínio da inteligência cedendo às solicitações da parte sensitiva; ele profana o fruto da ciência que deve nutrir a alma e usa a ciência para satisfazer a desejos injustos e puramente materiais [terrenos]. Então, o homem perde o sentimento da harmonia e da verdade. Ele se reveste de uma pele animal, porque a forma física conforma-se, cedo ou tarde, com as disposições morais. [Assim, "Adão"] é expulso do círculo banhado pelos quatro rios da vida e um **querubim**, armado com uma espada flamejante, o impede de entrar no **domínio da unidade**. O querubim é o anjo é representativo da terra e aparece nos antigos mistérios na figura de um boi, um anjo com cabeça de touro.

Torre de Babel

A primeira consequência do pecado de Eva é a morte de Abel. Eva separou o amor da inteligência e com isso a inteligência tornou-se uma força cega, entregue às ambições terrenas. [Enquanto isso...] Os filhos de Caim perpetuaram o crime de seu pai. Puseram no mundo filhas fatalmente belas, filhas sem amor, nascidas para a danação dos anjos ...Depois do Dilúvio e da prevaricação de Cam [filho de Noé] os homens intentam um projeto insensato: construir um palácio universal. É um gigantesco ensaio de socialismo igualitário ...uma cidadela elevada, protegida contra inundações [onde] ...onde povo divinizado estivesse acima das tempestades ...mas os degraus hierárquicos do espírito não podem ser ignorados e não se constroem com argamassa. A anarquia protestou, prevaleceu e os homens não se entenderam mais; uma lição mal compreendida até hoje [o autor escreve no sec. XIX] por aqueles que, em nossos dias, sonham com uma outra Babel. ...A dispersão dos homens foi o primeiro efeito da maldição lançada contra os profanadores filhos de Cam.

Ética, moral e suas relações com Magia Negra

A castidade conservadora da família é o caráter distintivo das iniciações hieráticas; **a profanação e a revolta são sempre obscenas** e tendem à promiscuidade infanticida. Macular os mistérios do nascimento, o atentado contra crianças eram o fundo dos cultos da antiga Palestina, abandonada aos ritos da magia negra. Ali reinava o deus negro da Índia, o monstruoso Rutra, de formas principescas, que no Oriente Médio foi chamado **Belfegor**.

Os talmudistas e o judeu platônico Fílon ...contam coisas vergonhosas sobre o culto a este ídolo. Era, dizem eles, uma figura barbuda, de boca aberta, tendo por língua um gigantesco falo; todos se depiam sem pudor diante deste semblante. ...Dançava-se ao ruído das trombetas e dos tambores para não serem ouvidos os gritos das vítimas. As mães dirigiam as danças. O incesto, a sodomia, a bestialidade eram usos, parte dos ritos sagrados adotados entre estes povos infames. ...O sabá dos feiticeiros da Idade Média não foram senão uma repetição [herança] das festas de Belfegor. Os adoradores dos deuses negros, os apóstolos da promiscuidade, os teóricos do impudor público, os inimigos da família e da hierarquia, os anarquistas da religião e da política são inimigos de Deus e da humanidade; não separá-los do mundo é consentir no envenenamento do mundo. Assim raciocinavam os Inquisidores.

Capítulo II - Misticismo

A legitimidade de direito divino pertence de tal forma ao sacerdócio que sem ela o verdadeiro sacerdócio não existe. A iniciação e a consagração são uma verdadeira hereditariedade. O santuário é inviolável para os profanos. ...As luzes da revelação divina se distribuem com uma suprema razão, porque descem com ordem e harmonia. Deus não esclarece o mundo com meteoros e raios, mas em compensação faz gravitar universos cada um ao redor do seu sol. ...Muitos homens, que não podem forçar a harmonia revelada a concordar com seus vícios, proclamam a si mesmos como reformadores da moral. ...Assim começam os sectários, agentes da anarquia religiosa que não desejamos entregar as chamas, mas que é preciso enclausurar como loucos furiosos. Assim se formaram as escolas místicas profanadoras da ciência.

Vimos por que processos os faquires da Índia chegavam ...à luz incriada. O Egito teve também seus feiticeiros ...e a Tessália, na Grécia, esteve cheia de conjurações e malefícios. Por-se em relação com demônios e deuses é suprimir o sacerdócio; mas a Alta Magia é a arte sacerdotal primitiva. Ela reprova tudo o que se faz fora da

hierarquia legítima e aprova não o suplício, mas a condenação dos sectários e feiticeiros.

Sendo a anarquia o ponto de partida e o caráter distintivo do **misticismo dissidente**, a concórdia religiosa é impossível entre os sectários; mas eles se entendem admiravelmente num ponto: o ódio a autoridade hierárquica e legítima. ...É sempre o crime de Cam; o desprezo ao princípio da família, o ultraje inflingido ao pai... Os místicos anarquistas ... embriagam-se de vertigens e não tardam a cair no abismo da loucura. ...Os loucos tomam horror aos médicos e os místicos alucinados detestam os sábios.

Rituais de sangue

A Igreja, admitindo a possibilidade e a existência dos **milagres diabólicos**, reconhece a existência de uma **força natural** que, em mãos humanas, pode servir tanto ao bem quanto ao mal. ...Os falsos [malignos] milagres ocasionados pelas consgestões astrais têm sempre uma tendência anárquica e imoral, porque **a desordem chama a desordem**. Por isso os deuses e os gênios dos sectários são ávidos de sangue e prometem sua proteção ao preço do assassinio. Os idólatras da Síria e da Judéia faziam oráculos com cabeças de crianças.

...Dissemos que o sangue atrai as larvas. Nos sacrifícios infernais, os antigos cavavam um fosso e enchiam de sangue tépido e fumegante da vítimas, humanas ou não [caso do judeus, que sacrificavam animais; ou como os pré-colombianos, mais cruéis, que faziam sacrifícios humanos. Valas que conduziam o sangue do alto dos templos às bacias de pedra na base da pirâmides, de fato, podem ser vistas nas ruínas]. Desses poços de sangue os sacerdotes profanos viam rastejar, subir, descer, acorrer das profundezas da terra, de todas as profundidades da noite, sombras débeis e pálidas. **Para tudo poder é preciso tudo ousar, tal era o princípio dos encantamentos e dos horrores dos magos negros.**

Os falsos mágicos são reconhecidos pela sua relação com o crime ...É sempre o mesmo amor às trevas, são sempre as mesmas profanações, as mesmas prescrições sangrentas. A magia da morte é o culto da morte. O feiticeiro abandona-se à fatalidade, ele abjura sua razão, renuncia à esperança de imortalidade e imola crianças. Ele renuncia ao casamento honesto e faz voto de devassidão estéril. [Mas]Quando o cérebro atrai violentamente uma série de imagens análogas a uma paixão ...a luz extraviada se coagula ...todos os excessos da vida ...podem exaltar e produzir estagnações da luz astral. A ambição excessiva, pretensões orgulhosas à saúde, a continência hipócrita povoada de desejos, paixões vergonhosas, remorsos, tudo isso conduz ao enfraquecimento da razão, ao êxtase mórbido, à histeria, às visões, à loucura.

Capítulo III - Iniciação e Provas

Os que os adeptos chamam **grande obra** não é somente a transmutação dos metais, é também e sobretudo a medicina universal, isto é, o remédio a todos males, entre os quais, a morte.

O grande mistério da vida e de suas provas acha-se representado na esfera celeste e no ciclo do ano. As quatro formas da Esfinge correspondem aos quatro elementos e às quatro estações. ...Todo homem que pensa é um Édipo que tem de adivinhar o enigma da esfinge ou morrer. Todo iniciado deve ser um Hércules a realizar o ciclo de um grande ano de trabalhos para merecer, pelos sacrifícios do coração e da vida, os triunfos da apoteose. A **prova**, tal é a grande palavra da vida; a vida é uma serpente que se procria e se devora sem cessar; é preciso fugir aos seus abraços e por-lhe o pé sobre a cabeça.

As grandes provas de Mênfis e Eleusis tinham por alvo formar reis e sacerdotes. Para ser admitido nestas provas, era preciso entregar-se de corpo e alma ao sacerdócio e fazer abandono da própria vida. Descia-se então a subterrâneos escuríssimos onde se deveria atravessar alternativamente fogueiras acesas, correntes de água profunda e rápida, pontes móveis lançadas sobre abismos e isso sem deixar extinguir-se e sem perder uma lâmpada que se levava à mão.

Aquele que vacilasse ou tivesse medo não deveria jamais rever a luz; o que transpusesse com intrepidez todos os obstáculos era recebido entre os mistos, isto é, era um iniciado nos pequenos mistérios. Mas ainda faltava provar sua fidelidade e seu silêncio e só no fim de muitos anos ele se tornava **epopta**, título que corresponde ao de adepto. ...Pitágoras exigia o silêncio e a abstinência durante cinco anos; Platão não admitia em sua escola senão geômetras e músicos e reservava uma parte de seus ensino para os iniciados e sua filosofia, tinha seus mistérios.

Necromancia e Goétia

As experiências da Teurgia e da Necromancia são sempre funestas aos que se abandonam a elas. Quando se põs uma vez o pé no limiar do outro mundo, é preciso morrer e quase sempre de um modo estranho e terrível. A vertigem começa, a catalepsia e a loucura concluem. É certo que em presença de certas pessoas e depois de uma série de atos embriagadores, faz-se uma perturbação na atmosfera, as madeiras estalam, portas tremem e gemem. Sinais extravagantes e às vezes sanguinolentos parecem imprimir-se sobre o pergaminho virgem ou sobre a roupa branca. Estes sinais são sempre os mesmos e os magistas os classificam sob o nome de **escrituras diabólicas**

Inferno Grego

Em sua descrição alegórica dos infernos os hierofantes gregos ocultaram grandes segredos da magia. Quatro rios se encontram ali, como no paraíso terrestre ...Um rio de dores e gemidos, o **Cocito**; um rio do esquecimento, o **rio Lete**; um rio de água rápida que a tudo arrasta, o **Aqueronte**; e um rio de fogo, o **Flegetonte**. Os dois últimos se cruzam: o Flegetonte aquece e faz fumegar as águas frias e negras do Aqueronte e o Aqueronte cobre de espessos vapores as chamas líquidas do Flegetonte. Destes vapores, saem aos milhares, larvas e lêmures, imagens vãs dos corpos que viveram e dos que não vivem mais e todos, tenham bebido ou não do rio das dores, todos aspiram ao esquecimento do Lete, cuja água soporífica lhes restituirá a juventude e a paz.

Mistérios da Morte

Não é além da tumba, mas na vida mesma que se deve procurar os mistérios da morte. A salvação e a reprovação começam aqui e o mundo terrestre tem também seu céu e seu inferno. Sempre aqui a virtude é recompensada, sempre, aqui, o vício é punido; e o que nos faz crer, as vezes, na impunidade dos maus, é que as riquezas, estes instrumentos do bem e do mal, parecem agraciar a vida dos maus por mero jogo do acaso. Mas infelizes os homens injustos quando possuem a chave do ouro, ela não lhes abre senão a porta do túmulo e do inferno. Todos os verdadeiros iniciados reconhecem a imensa utilidade do trabalho e da dor. ...Aprender a sofrer, aprender a morrer, é a ginástica da Eternidade, é o noviciado eterno.

No Fédon, de Platão, Sócrates discorre sobre os destinos da alma: os espíritos depurados pela provação libertam-se das leis da gravidade e, sobretudo, da atmosfera das lágrimas; os outros rastejam nas trevas e são estes que aparecem aos homens fracos e criminosos. Os que se libertaram das misérias da vida material não voltam mais a compartilhar dessa existência de crimes e erros.

Os que perturbam o repouso do túmulo sempre foram considerados ímpios. Chamar os mortos à Terra é condená-los a morrer duas vezes ...Depois da morte, a alma pertence a Deus e o corpo à mãe comum, que é a terra. Quando um homem atrai, por uma cadeia de conjurações, as almas que nadam nas trevas, eles vêm à luz como filhos do conjurador; filhos póstumos que se alimentam do sangue e da alma de quem os evoca. Os necromantes são produtores de vampiros; não os lastimemos se morrerem roídos pelos mortos.

Capítulo IV - Magia do Culto Público ou Exotérico

As idéias produzem as formas e as formas, por sua vez, refletem e reproduzem as idéias. ...Estas duas grandes leis da natureza, observadas pelos antigos magos, fizeram-lhes compreender a necessidade de um culto público [exotérico], único, obrigatório, hierárquico e simbólico ...A humanidade nunca teve senão uma religião e um culto. Essa religião é uma luz universal; tem suas miragens incertas, seus reflexos enganadores e suas sombras, mas depois das noites do erro, nós vemos a luz da verdadeira religião ressurgir única e pura como o brilho do Sol. As magnificências do culto são a vida da religião e se o Cristo quer ministros pobres, sua divindade soberana não quer altares pobres. Os protestantes, com suas igrejas frias e nuas, não compreenderam que o culto é um ensinamento e que na imaginação da multidão não se deve criar um deus mesquinho e miserável.

A ortodoxia é o caráter absoluto da Magia. ...É pela inteligência [entendimento] da hierarquia e a prática da obediência que se obtém a iniciação e um verdadeiro iniciado não será nunca um sectário [dissidente]. ...Sendo a iniciação a consequência necessária da hierarquia, princípio fundamental das realizações mágicas, os profanos, depois de terem tentado inutilmente forçar as portas do santuário, tomaram o partido de indispor altar contra altar. ...Histórias horríveis correram sobre os magos; feiticeiros e estriges lançaram sobre eles a responsabilidade de seus crimes ... e quanto maior a calúnia, tanto maior impressão faz sobre os tolos.

Capítulo V - Mistérios da Virgindade: Roma

A tradição mágica de todas as idades concede à virgindade alguma coisa de sobrenatural e divino. As inspirações proféticas procuram as virgens. A inocência e virgindade sempre foram as vítimas preferidas dos praticantes da Goetia, que sacrifica crianças em cujo sangue reconhece uma virtude sagrada [e que lhes falta]. Lutar contra os atrativos da geração é exercitar-se em vencer a morte e a suprema castidade era a mais gloriosa coroa proposta aos hierofantes. Espalhar a vida nos abraços humanos é lançar raízes no túmulo.

Vestais

Os romanos, herdaram a cultura dos gregos porém, com diferenças notáveis a partir de um fato em especial que caracteriza a iniciação dada aos romanos, a iniciação de Numa. Esta diferença é a importância conferida à mulher. Numa pedirá sua inspiração à sábia e

discreta Egéria, a deusa do mistério e da solidão. ...O que deve assegurar o futuro de Roma é o culto da pátria e da família. Numa tratou de honrar a Mãe dos deuses elevando um templo esférico cuja cúpula abriga um fogo que não deve nunca apagar-se. Este fogo é mantido por quatro virgens que se chamam **Vestais**.

[A mulher romana assume um novo papel no quadro socio-cultural da antiguidade ocidental] - ...não é mais a escrava oriental, é a divindade doméstica, é a guarda do lar, honra do pai e do esposo. ...O fogo sagrado das Vestais era símbolo da fé e do casto amor ...do amor à pátria e da religião do lar. ...Tal era a religião de Roma e foi a Magia deste tipo de moral que fez de Roma o centro do mundo; mas quando o casamento deixou de ser sagrado, a decadência não estava longe.

Monastérios

Numa, iniciado nas leis mágicas e conhecendo as influências da vida comum, instituiu colégios de sacerdotes e de augúrios, e os submeteu a regras; estes foram os primeiros modelos dos monastérios, um dos grandes poderes da religião. Já há muito tempo, na Judéia, os profetas se reuniam em **círculos simpáticos** e faziam em comum a inspiração e a prece. Numa ..instruiu seus sacerdotes na arte dos augúrios, isto é, revelou a eles uma certa teoria dos pressentimentos e da segunda vista, determinada por leis secretas da natureza.

As perturbações físicas da atmosfera têm, muitas vezes, causas morais. As revoluções se traduzem no ar por grandes borrascas e a respiração dos povos agita os céus. O bom êxito marcha com as correntes elétricas ... "Há alguma coisa no ar", diz o povo com seu instinto profético. Os arúspices e augúrios ensinavam a ler os caracteres impressos na luz astral e reconhecer os vestígios das correntes e das revoluções astrais. Eles sabiam porque os pássaros voam isolados ou se reúnem, as influências que os fazem ir para o norte ou para o sul, oriente ou ocidente...

Tradições

O calendário religioso de Numa é calcado no calendário dos antigos magos. É uma série de festas e mistérios que lembram toda a doutrina secreta dos iniciados... [e sua influência resiste nos dias atuais]. ...Como os romanos de Numa, santificamos ainda por abstinência os dias consagrados à lembrança da geração e da morte mas para nós, o dia de Vênus (sexta-feira) é santificado pelas expiações do Calvário. [Entre cristãos católicos a sexta-feira é o dia das orações do terço dedicadas os mistérios dolorosos ou da Paixão de Cristo].

O dia sombrio de Saturno (sábado) é o dia do repouso do Cristo em seu túmulo, antes da

ressurreição, no domingo, dia do Sol. O mês que os romanos consagravam à Maia, ninfa da juventude e das flores, dedicamos hoje a Maria a rosa mística, o livro da pureza, a celeste mãe do Salvador. Assim, nossos costumes religiosos são antigos como o mundo, nossas festas assemelham-se às de nossos pais e o Salvador dos cristãos não suprimiu nada das belezas simbólicas e religiosas da antiga iniciação; ele veio, como ele mesmo dizia, não para destruir a lei, mas para cumpri-la.

Capítulo VI - Superstições

As superstições são formas religiosas que sobrevivem às idéias perdidas. Todas têm uma razão de ser, uma verdade que ninguém conhece mais ou que se transfigurou. A palavra, do latim **superstes**, significa "o que sobrevive" - são os restos materiais das ciências ou das opiniões antigas.

A multidão, sempre mais instintiva que pensante ...dificilmente muda de hábitos. Quando se quer combater as superstições, ao povo parece que estão atacando a religião. Por isso, São Gregório, um dos maiores Papas da cristandade, não queria que suprimissem as práticas. Ele escreveu aos seus missionários:

"Purificai os templos mas não os destruam porque enquanto o povo vir subsistir seus antigos lugares de orações, para estes lugares ele vai se dirigir pelo hábito e assim conquistareis as pessoas mais facilmente para o culto ao verdadeiro Deus. Os bretões, fazem festins e sacrifícios em certos dias. Deixai-lhes os festins e suprimiremos somente os sacrifícios; deixai-lhes a alegria de suas festas, mas de pagãos que eram, tornar-se-ão cristãos."

A religião [católico-cristã] guardou quase todos os nomes dos costumes piedosos que ela substituiu pelos santos mistérios. Os antigos celebravam todos os anos um banquete chamado "caristia"; para este banquete convidavam as almas de seus antepassados ...a Eucaristia (missa), a substituiu as "carestias" e nós comungamos nas Páscoas com todos os nossos amigos da terra e do céu. Longe de favorecer por semelhantes processos as antigas superstições, o cristianismo restituía a alma e a vida aos sinais das crenças universais. A Magia, esta **ciência da Natureza** que se prende tão de perto à religião, visto que inicia os homens nos segredos da divindade, a Magia vive ainda nos sinais hieroglíficos e nas tradições.

[Sobre alimentação, por exemplo] ...Os magos abstinham-se da carne de certos animais e não bebiam sangue. Moisés diz que a alma dos animais se acha unida a eles e que não devemos nos alimentar das almas dos animais. Estas almas animais ficam no sangue como luz astral coagulada e corrompida tornando tal sangue origem de uma série de moléstias. Porfírio adverte: "**Quando a alma de um animal é separada do corpo**

com violência, ela não se afasta e, como as almas humanas dos que morreram violentamente, a alma animal fica perto do corpo ...ficam ali, retidas por simpatia".

Crenças

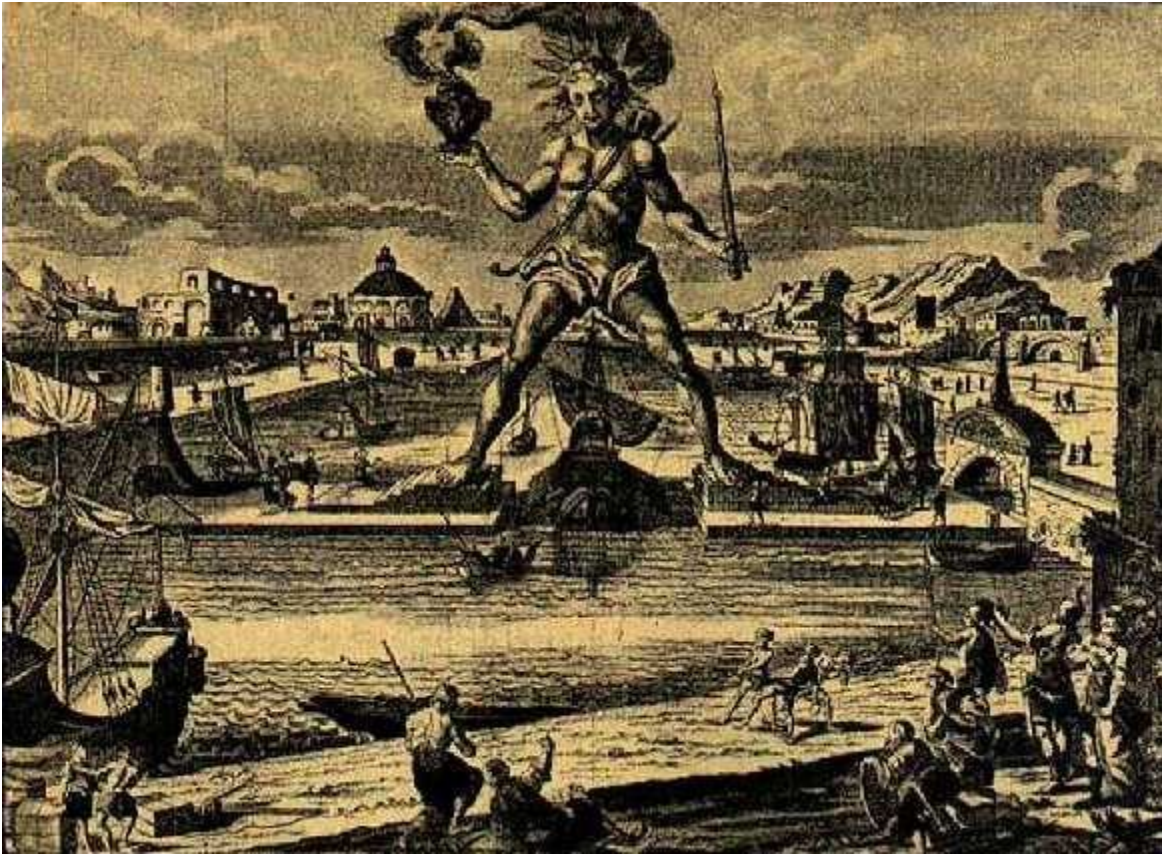
Gregos e romanos acreditavam em **presságios**. Entre os romanos, especialmente, tudo era presságio ...Se trovejava à esquerda ou à direita, o augúrio era auspicioso ou desgraçado. Os espirros eram presságios ... Um calhau em que se tropeçava, o grito de um mocho, o ladrar de um cão, um vaso quebrado, uma mulher velha que vos olhava ...Estes terrores vão tinham por princípio a ciência mágica da adivinhação, que não despreza nenhum indício porque um fato de aparência irrelevante pode ser parte de uma série de outros fatos que, encadeados entre si, resultam em ocorrência relevante.

A tradição mágica romana ensina, por exemplo, que as influências atmosféricas que fazem os cães ladrar são mortais para certos doentes; que a presença e o giro dos corvos anunciam cadáveres abandonados, o que é sempre de sinistro augúrio até porque, os corvos são habituais frequentadores de lugares que abrigam morte e suplício. A passagem de certos pássaros anuncia invernos rigorosos; outros, por gritos lastimosos, dão sinal das tempestades. Os romanos eram também grandes observadores de sonhos e a arte de explicá-los relaciona-se à ciência [conhecimento] da luz astral. ...O sonho é uma lembrança de imortalidade nesta morte de todas as noites que chamamos **sono** [porque durante o sono, não nos sentimos no mundo físico ordinário e, no entanto, continuamos a sentir que existimos.]

Médiuns

Os **médiuns** são, em geral, seres doentes ...que atraem a luz [astral] como os abismos atraem as águas dos turbilhões. ...Estas naturezas ...mal equilibradas, em que o corpo fluido é informe, projetam à distância sua força de atração e criam em si mesmos membros suplementares e fantásticos. ...Poder-se-ia dizer que os **médiuns** são criaturas em que a morte luta visivelmente contra a vida. O mesmo se dá com os fascinadores, os lançadores de sorte, as pessoas que têm mau olhado e os feiticeiros. **São vampiros**, quer voluntários, quer involuntários. Eles atraem a vida que lhes falta e perturbam o equilíbrio da luz. Se o fazem voluntariamente são malfeitores que é preciso punir; se o fazem involuntariamente, são doentes perigosos que as pessoas delicadas e nervosas devem evitar.

Capítulo VII - Monumentos Mágicos



Neste capítulo curto e obscuro, o autor trata da simbologia presente nas estruturas das conhecidas "Sete Maravilhas do Mundo Antigo", a saber: 1. as Pirâmides do Egito; 2. os Jardins Suspensos da Babilônia; 3. o Farol de Alexandria; 4. a Estátua Júpiter Olímpico; 5. o Colosso de Rodes; 6. o Templo de Diana; 7. O Sepulcro do Rei Mausolo. Em *A Doutrina Secreta*, da teósofa H.P. Blavatsky, vários trechos são muito mais esclarecedores quando tocam na simbologia que envolve estes monumentos deixando claro porque eles são considerados verdadeiros livros arquitetônicos onde, em cada detalhe, estariam registrados conhecimentos capazes de explicar todos os mistérios da humanidade.

As pirâmides, dedicadas a Hermes Trimegisto, triangulares nos lados e quadradas na base representavam a ciência da Natureza. [Sua estrutura reúne o Ternário e Quaterário, ou seja, a Trindade Criadora da realidade das idéias (mundo psicotrônico, sutil) e a realidade das formas materiais correspondentes às idéias ou o mundo material, terreno, denso.]

O Colosso de Rodes era um pentaclo (símbolo) do Sol. ...O Templo de Diana, em Éfeso, era feito à imagem do Universo. ...O túmulo de Mausolo era o pentaclo da Vênus. ...Júpiter olímpico era o (símbolo) de Júpiter. ... Os "muros da Babilônia" (Jardins

Suspensos) eram de Marte. Enfim, o templo de Salomão [que o autor coloca no lugar do Farol de Alexandria] - esse pentaclo universal e absoluto ...era, para a gentilidade, pentaclo terrível de Saturno. [Vemos que o autor não esclarece quase nada sobre suas idéias em relação aos significados ocultos nas Sete Maravilhas).

Link relacionado: [As Sete Maravilhas do Mundo Antigo](#)

LIVRO III SÍNTESE E REALIZAÇÃO DIVINA DO MAGISMO PELA REVELAÇÃO CRISTÃ

Capítulo I - Cristo Acusado de Magia Pelos Judeus

Nas primeiras linhas do evangelho segundo São João há uma palavra que a Igreja católica não pronuncia nunca sem dobrar os joelhos: "O verbo se fez carne". ...Considerado como a expressão perfeita, realizada e viva da Cabala, isto é, da tradição primitiva, o Cristianismo ainda é desconhecido e por isso, o livro cabalístico e profético do Apocalipse continua inexplicado. ...Todo mundo sabe que com a vinda de Jesus os oráculos cessaram no mundo inteiro e uma voz exclamou sobre o mar: "O grande Pã morreu!" ...É preciso dizer a mesma coisa dos prestígios, que foram desdenhados quando se produziram os verdadeiros milagres ...Os milagres tornaram sobrenaturais como as virtudes que os produzem.

...No Talmude [os judeus] contam que Jesus Ben-Sabta, ou **o filho da separada**, tendo estudado no Egito os mistérios profanos ergueu em Israel uma falsa pedra angular e arrastou o povo à idolatria. Eles reconhecem, todavia, que o sacerdócio israelita não tem razão para amaldiçoá-lo com as duas mãos, de acordo com o preceito talmudista que um dia aproximará Israel do Cristianismo: "Não amaldiçoeis nunca com as duas mãos, para que vos reste sempre uma para perdoar e abençoar".

Capítulo II - Verdade do Cristianismo Pela Magia

Submeter as coisas da fé aos preceitos da ciência é uma coisa tão ridícula como submeter as ciências à obediência cega da fé; não cabe ao teólogo a demonstração de um teorema como a um sábio não convém discutir, em nome da ciência, pró ou contra os mistérios do dogma. Pergunta à Academia das Ciências se é matematicamente verdadeiro que há três pessoas em Deus e se pode ser provado por meio das ciências

que Maria, mãe de Deus, foi concebida sem pecado? A Academia das Ciências recusará e com razão; os sábios não têm nada a ver com isso, que é do domínio da fé. Um artigo de fé não se discute, crê-se ou não nele; mas ele é de fé porque escapa ao exame da ciência.

A verdade em ciência se prova por demonstrações exatas; a verdade em religião se prova pela unanimidade da fé e a santidade das obras. ...A prova da fé são as obras. O cristianismo constituiu uma sociedade imensa de homens, tendo a hierarquia por princípio, a obediência por regra e a caridade por lei. ...A Caridade! Grande palavra e grande coisa, palavra que não existia antes do Cristianismo, coisa que é a verdadeira religião no seu todo. O espírito de caridade não é o espírito divino tornado visível sobre a Terra?

O espírito de caridade é Deus, é imortalidade da alma, é a hierarquia, é a obediência, é o perdão das injúrias, é a simplicidade e a integridade da fé. ...A fé que transporta montanhas e que faz suportar o martírio, a generosidade que dá, a eloqüência que fala a linguagem dos homens e dos anjos, tudo isso não é nada sem caridade, diz São Paulo. A ciência pode falhar, ajunta o mesmo apóstolo, a profecia pode cessar, a caridade é eterna.

A magia de luz, a magia do verdadeiro Zoroastro, de Melquisedeque e Abraão, devia cessar com a vinda do grande realizador. Num mundo de milagres os prodígios não deviam ser mais um escândalo, a ortodoxia mágica se transfigurava em ortodoxia religiosa; os dissidentes não podiam ser mais que iluminados ou feiticeiros; o nome mesmo "Magia" devia ser tomado em mau sentido. É sob esta maldição que seguiremos de agora em diante as manifestações mágicas através das idades.

A Lenda de Simão, o Mago

O primeiro heresiarca de que fazem menção as tradições da Igreja foi um taumaturgo chamado Simão, o Mago. Judeu na origem, supõe-se que nasceu no burgo de Giton no país de Samaria. Teve por mestre o sectário Dositeu, que se dizia enviado de Deus e o Messias anunciado pelos profetas. Simão aprendeu não somente a arte dos prestígios mas ainda certos segredos naturais que pertencem à tradição secreta dos magos: ele possuía a ciência do fogo astral (luz astral). Tinha também o poder de elevar-se no ar (levitação). Ele magnetizava à distância os que nele acreditavam e lhes aparecia sob diversas figuras. As coisas naturalmente inanimadas moviam-se ao redor dele ...e muitas vezes, quando ele queria entrar em uma casa ou dela sair, as portas rangiam, agitavam-se e acabavam abrindo-se por si mesmas.

Simão operou estas maravilhas diante dos nobres do povo de Samaria; elas foram

exageradas e o taumaturgo passou por um ser divino. Como ele alcançou tal poder por excitações que perturbavam sua razão, ele mesmo julgou-se digno de honras divinas e desejou as adorações do mundo inteiro. Suas crises, ou êxtases, produziam sobre seu corpo efeitos extraordinários. Ora viam-no pálido, encovado, alquebrado, qual um velho que vai morrer; ora, um fluido luminoso revigorava seu sangue tornando suave seu rosto de modo que parecia rejuvenescido de repente. ...Por toda parte só se falava de seus milagres e ele tornou-se um ídolo dos judeus de Samaria e dos padres circunvizinhos.

Mas os adoradores do maravilhoso são geralmente ávidos de emoções novas ...O apóstolo São Felipe foi pregar o Evangelho em Samaria e angariou uma nova corrente de entusiasmo. Simão perdeu todo o seu prestígio e sentindo-se abatido por sua moléstia, que tomava por uma impotência. Julgando-se superado por magos mais sábios que ele, decidiu unir-se aos apóstolos para estudar e apoderar-se de seus segredos. Simão, certamente, não era iniciado em Alta Magia; se fosse, saberia que para dispor das forças secretas da Natureza, de modo a dirigí-las sem ser quebrado por elas, é preciso ser um sábio e um santo.

Privado de suas vertigens, Simão estava infeliz. Ninguém se conforma em voltar a ser um simples mortal depois de ter se sentido como um Deus. Para recuperar os poderes perdidos, o feiticeiro submeteu-se a todos os rigores da austeridade apostólica: fez vigílias, orou, jejuou, mas os prodígios não voltaram. Finalmente, ofereceu dinheiro a São Pedro. O chefe dos apóstolos o repeliu com indignação. O mago deixou depressa esta sociedade de homens tão desinteressados e com o dinheiro que São Pedro recusou, comprou uma escrava chamada Helena.

Ele se apaixonou intensamente pela mulher e a paixão, enfraquecendo-o e exaltando-o, fez voltar suas catalepsias e seus fenômenos mórbidos. Foi assim que Simão forjou, sobre si mesmo, uma mitologia cheia de reminiscências mágicas misturada a devaneios eróticos. Pôs-se a viajar, como os apóstolos, levando consigo sua Helena. A doutrina do novo "iluminado" pregava que a primeira manifestação de Deus fora um esplendor perfeito, reflexo do Criador. Este sol de almas era ele, Simão, e reproduzindo a criação de seu Pai, seu reflexo era Helena, que ele chamava Selene, para significar Lua.

...Simão fazia-se chamar "santo"; tornou-se um "personagem" e voltou à Roma, onde o imperador, curioso de todos os espetáculos extraordinários, estava disposto a acolhê-lo. Este imperador era Nero. ...Segundo as lendas, foi para preservar os judeus da doutrina de Simão que São Pedro dirigiu-se para Roma. Nero soube depressa ...que um novo taumaturgo israelita chegava para fazer guerra ao feiticeiro e resolveu confrontar os dois, porque deleitava-lhe a idéia do embate.

— Que a paz esteja convosco! diz entrando o príncipe dos apóstolos.

— Nada temos a fazer com tua paz — responde Simão — é pela guerra que a verdade se

descobre. A paz entre adversários é o triunfo de um e a derrota do outro.

Pedro replicou

— Por quê recusas a paz? Foram os vícios dos homens que criaram a guerra; a paz acompanha sempre a virtude.

— A virtude é a força e a destreza — diz Simão. Eu afronto o fogo, elevo-me nos ares, ressucito as plantas, mudo a pedra em pão; e tu, que fazes?

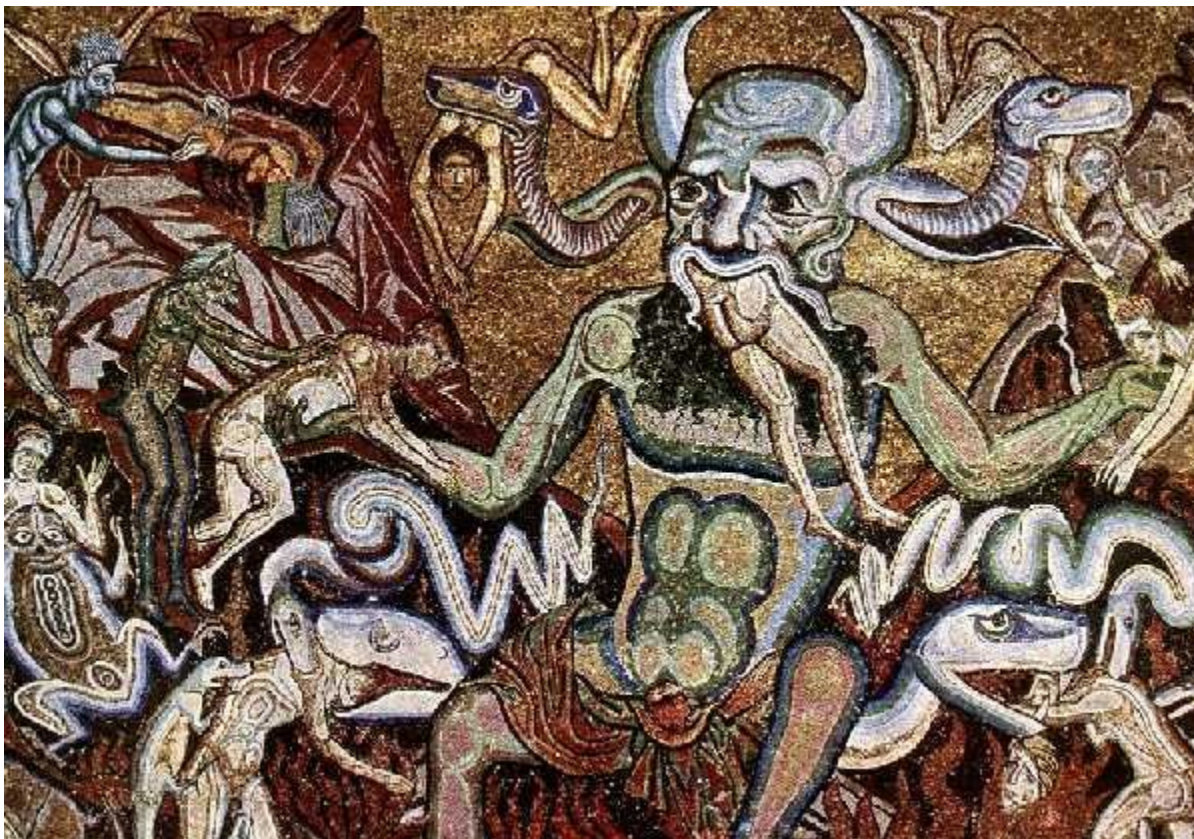
— Oro por ti — responde São Pedro — para que não pereças vítima de teus prestígios.

— Guarda tuas preces; elas não subirão no mesmo instante que eu aos céus.

Neste momento, o Mágico precipita-se por uma janela, elevando-se nos ares. São Pedro estava de joelhos e orava; de súbito, Simão grita e cai; levantaram-no ainda vivo, com as coxas quebradas; mas não se recuperou e morreu em decorrência da gravidade do acidente. Nero mandou encarcerar São Pedro, que lhe parecia ser um mago menos divertido que Simão.

Herança de Simão: a seita dos menandrinhos

A seita de Simão não se extinguiu com ele. Seu sucessor foi um de seus discípulos, chamado Menandro de onde derivou o nome destes sectários: são os menandrianos. Menandro contentava-se com o papel de profeta; quando batizava seus prosélitos um fogo visível descia sobre a água; ele lhes prometia a imortalidade da alma e do corpo por meio deste banho mágico. Ainda no tempo de São Justino, havia meandrinhos que se julgavam imortais. A morte de uns não desenganava aos outros, porque o defunto era imediatamente excomungado e considerado como falso irmão. Os menandrinhos consideravam a morte como verdadeira apostasia. ...Os que sabem até onde pode chegar a loucura humana, não se admirarão se lhes informarmos que neste mesmo ano, de 1858, existiam ainda na América e na França da seita dos menandrinhos.



Capítulo III - Do Diabo

O Cristianismo, que compreende Deus como o amor mais puro e o mais absoluto, define claramente o espírito oposto a Deus. É o espírito ...de ódio, é Satã. Mas este espírito não é um personagem que se deva compreender como uma espécie de "deus da maldade". [Satã] ...é uma **perversidade** [uma imperfeição] comum a todas as **inteligências desencaminhadas**. "Eu me chamo Legião — diz ele no Evangelho — porque somos uma multidão".

A personificação e quase divinização de Satã é um erro que se liga ao falso Zoroastro [doutrinas corrompidas do Zoroastrismo] ...aos magos materialistas da Pérsia. Eles transformaram em deuses dois pólos do mundo intelectual. ...A este respeito [sobre o mal], expomos aqui qual é o ensino secreto dos iniciados das ciências ocultas.

...O grande agente mágico, chamado justamente Lúcifer, porque é veículo da luz e receptáculo de todas as formas, é uma força intermediária onipresente em toda a Criação ...e serve tanto para criar quanto para destruir [ou, serve para FORMAR e para TRANSFORMAR]. ...A queda de Adão [alegoria] foi uma embriaguês erótica que tornou sua geração [existência] escrava desta luz fatal. ...Toda paixão amorosa que invade os sentidos é um turbilhão dessa luz que nos arrasta para o golfo da morte. ...A loucura, as

alucinações, as visões, os êxtases, são uma **exaltação** perigosa dessa luz interior.

Essa luz é da natureza do fogo, cujo emprego inteligente aquece e vivifica, cujo excesso, ao contrário, queima, dissolve e aniquila. Essa luz, enquanto devoradora ...seria o fogo do inferno, a serpente da lenda. ...As ações do mal dirigidas pela vertigem da luz astral, as miragens enganadoras de prazer, de riqueza e de glória ...seriam as pompas do inferno. Tudo o que entrega nossa alma à fatalidade das vertigens é, de fato, infernal ... [desordem], ou seja, o oposto do que visto como céu, reino da ordem.

Os possessos do Evangelho fugiam diante de Jesus Cristo, os oráculos calavam-se diante dos apóstolos e os doentes alucinados manifestavam repugnância pelos sábios e iniciados. A cessação dos oráculos e das possessões era uma prova do triunfo da liberdade humana sobre a fatalidade. Quando as moléstias astrais se mostram de novo, é um sinal funesto que anuncia o enfraquecimento das almas. O célebre criminalista Torreblanca, que estudou a fundo as questões da magia diabólica [e sua relação com o crime], descreveu precisamente todos os fenômenos de perturbação **astral**. No sumário do capítulo XV da **Magia Operatória** [...Torreblanca, atribuindo doenças à ação do demônio permite entender que "o demônio", é uma perturbação da inteligência que dá causa a ações ditas demoníacas.] Eis parte do sumário do livro:

1º O esforço contínuo do demônio mira levar-nos ao erro.

2º O demônio **engana os sentidos** perturbando a imaginação...

5º e 6º Quando o **equilíbrio da imaginação** e da razão é destruído por uma causa mórbida, sonha-se acordado e pode-se ver com aparência real o que não existe...

10º As visões saem de nós e são reflexos de nossa própria imagem.

11º Os antigos conheciam duas moléstias que eles chamavam, a uma **frenesi** e à outra **coribantismo**. A primeira fazendo ver formas imaginárias; a segunda fazendo ouvir vozes e sons que não existem...

Os enfermos de **perversão astral** são inclinados ao mal e entristecem-se com a alegria dos outros. É também a perversão astral ...que produz os abusos sexuais. Cada um dos vícios humanos e terrenos personificou-se em um demônio que é uma imagem negativa, desfigurada da divindade. São ídolos da morte:

Moloch é a fatalidade que devora os filhos.

Satã e Nisroch são "deuses" do ódio, da fatalidade e do desespero.

Astartéia, Lilith, Naema e Astaroth são os ídolos da devassidão e do aborto.

Adramalaque é o "deus" do assassinio.

Belial produz a revolta e a anarquia.

Para os iniciados, [o diabo] não é uma pessoa; é uma força [criadora que seres animados e inteligentes usam livremente, para bem e para o mal] ...[Em sua] ...forma mitológica e cornuda, [é o] deus Pã; daí veio o bode do sabá [e as figurações desta força que acabam se impondo às mentes mais simplórias que, não entendendo as idéias abstratas sobre o mal, acolhem facilmente representações concretas dotadas de forma e personalidade].

Capítulo IV - Os Últimos Pagãos

Este é mais um dos capítulos onde Eliphas Levi promete e não cumpre. O autor fornece um quase nada em termos de dados biográficos das personagens sobre as quais pretende escrever: Apolônio de Tiana (ou Thyana), Juliano, o Imperador, Jâmblico e Máximo de Tiro. No sumário, também consta o subtítulo "Começo das sociedades secretas e práticas proibidas", tópico praticamente inexistente no corpo do texto. Os trechos escolhidos seguem abaixo:



Apolônio de Thyana

Diante da ação civilizadora do Cristianismo nascente, as paixões amigas da desordem entraram em ação. O politeísmo expirante [moribundo] pediu forças à magia dos antigos santuários; aos mistérios do Evangelho opuseram-se os de Eleusis. **Apolônio de Tiana** foi posto em paralelo com o Salvador do mundo [Jesus]; Filóstrato encarregou-se de fazer uma lenda a esse deus novo. ...A história de Apolônio por Filóstrato, absurda se quisermos tomá-la ao pé da letra, é muito curiosa ...É uma espécie de Evangelho pagão oposto aos Evangelhos do Cristianismo. (p 163)

Toda a vida de Apolônio, escrita por Filóstrato segundo Damis, o Assírio [principal discípulo de Apolônio] é um tecido de apólogos e parábolas. ...Apesar de sua grande ciência e de suas brilhantes virtudes Apolônio não era o continuador da escola hierárquica dos magos. Sua iniciação vinha das Índias e ele, para inspirar-se, entregava-se às práticas enervantes dos Brâmanes; ele pregava abertamente a revolta e o regicídio: era um grande caráter desviado. (p 166)

[Ao invés de falar de Apolônio do ponto de vista histórico biográfico, Levi se detém em descrever determinados conteúdos da biografia escrita por Filóstrato, *Vida de Apolônio* a fim de demonstrar que Apolônio era um Iniciado. Fervoroso defensor do cristianismo católico romano, Eliphas Levi preocupa-se em demonstrar a inferioridade de Apolônio comparado a Jesus.]

Imperador Juliano

A figura do imperador Juliano nos aparece mais poética ...que a de Apolônio. Juliano ...queria transfundir a seita nova do Cristianismo no corpo do helenismo envelhecido ...Para contrabalançar a potência realizadora do dogma cristão, tomou também a Magia Negra em seu auxílio e entregou-se ...a tenebrosas evocações. Seus deuses, cuja beleza e juventude queria ressucitar, apareceram-lhe velhos e decrepitos, inquietos da vida e da luz e prestes a fugir diante do sinal da cruz!

Depois da morte deste imperador, a idolatria e Magia foram envolvidas numa mesma reprovação universal. Foi então que nasceram estas sociedades secretas de adeptos às quais se ligaram mais tarde os gnósticos e os maniqueus; sociedades depositárias de uma tradição misturada de verdades e erros.

Como se vê, o autor trata da vida destes "Ultimos Pagãos" de forma superficial e literária. Informações sobre Jâmblico e Máximo de Éfeso simplesmente não constam no capítulo e estes nomes são mencionados de passagem em um parágrafo exíguo sobre o imperador Juliano. O leitor fica curioso; fica sedento de dados mais precisos. Neste estudo, buscaremos resolver este problema fornecendo links que conduzem a páginas que contêm biografias bem mais completas de Apolônio. Uma delas, hospedada no site Sobrenatural, foi extraída da edição on-line de um dos poucos escritos atribuídos a Apolônio de Thyana que chegou aos nossos dias: o Nuctameron, livro que também pode ser obtido na internet.

I - Apolônio de Thyana IN www.sobrenatural.org

II - Apolônio de Thyana IN Orion.med

Capítulo V - Das Lendas



São Cipriano

Antióquia - Justina era uma jovem e bela virgem pagã, filha de um sacerdote dos ídolos. Sua janela dava para o pátio vizinho da igreja dos cristãos. Todos os dias ela ouvia a voz pura de um diácono ler bem alto os santos Evangelhos. Esta palavra desconhecida tocou e revolveu-lhe o coração. Uma tarde, sua mãe, vendo-a pensativa, insistiu para que lhe confiasse as preocupações. Justina lançou-se aos seus pés dizendo-lhe: "Mãe, abençoe-me ou perdoai-me, eu sou cristã".

A mãe chorou abraçando sua filha e foi procurar o esposo a quem confiou o que acabava de saber. Eles adormeceram e tiveram o mesmo sonho. Uma luz divina descia sobre eles e uma voz doce os chamava dizendo-lhes: "Vinde a mim, vós que viveis aflitos e eu vos consolarei; vinde, os amados de meu Pai e eu vos darei o reino que vos está preparado desde o começo do mundo."

Ao amanhecer, o pai e a mãe abençoaram sua filha. Os três fizeram-se inscrever entre os catecúmenos e depois das provas de costume foram admitidos ao santo batismo. Justina voltava branca e radiosa da igreja, entre sua mãe e seu velho pai, quando por ela passaram dois homens sombrios embrulhados em seus mantos: era o mago Cipriano e seu discípulo, Acládio. Os homens pararam deslumbrados pela visão da moça. Justina não os notou e entrou em casa com sua família.

No laboratório de Cipriano, uma vítima degolada palpita perto de um estrado fumegante. Em frente ao mago, apareceu então o gênio das trevas:

— Eis-me aqui; por que me chamas-te? Fala! Que queres?

— Amo uma virgem.

— Seduze-a.

— Ela é cristã.

— Denuncia-a.

— Eu quero possuí-la e não perdê-la; podes fazer alguma coisa em meu favor?

— Eu seduzi Eva, que era inocente e que conversava todos os dias familiarmente com Deus. Se tua virgem é cristã, fica sabendo que fui eu que fiz crucificar Jesus Cristo.

— Logo, tu me entregarás a jovem?

— Toma este unguento mágico; besuntarás com ele o limiar da porta dos aposentos da moça e do resto eu me encarregarei.

Justina dorme em seu quartinho casto e severo. Cipriano posta-se à porta murmurando palavras sacrílegas e procedendo a ritos horríveis. O demônio coloca-se à cabeceira da rapariga e sopra-lhe sonhos voluptuosos cheios da imagem de Cipriano que ela crê encontrar ainda ao sair da igreja; mas desta vez ela o contempla, escuta o que ele diz e perturba-se. Ela se agita e desperta. Faz o sinal da cruz e o demônio desaparece. O sedutor que faz sentinela à porta aguarda-a inutilmente toda a noite.

No dia seguinte ele recomeça suas evocações e faz amargas censuras ao cúmplice infernal. Este, confessa sua impotência. Cipriano o expulsa e faz aparecer um demônio de ordem inferior. O recém convocado transforma-se alternadamente em formoso mancebo e moça para tentar Justina por carícias e conselhos. A virgem vai sucumbir mas seu anjo da guarda a assiste; ela faz o sinal da cruz e expulsa o mau espírito. Cipriano invoca, então, o rei dos infernos e vem Satã em pessoa. Ele acomete Justina com todas as dores de Jó e espalha uma peste terrível em Antióquia, mandando os oráculos dizerem que a peste cessará quando Justina acalmar Vênus e o amor ultrajados. Justina ora publicamente pelo povo e a peste cessa.

Vencido mais uma vez, Cipriano obriga Satã a confessar a onipotência do sinal da cruz e o afronta, marcando-se com este sinal. Ele abjura a magia, torna-se cristão, chega a bispo e reencontra Justina num mosteiro de virgens. Eles se amam, então, com o puro e durável amor da celeste caridade; a perseguição, porém, os atinge: são presos juntos e mortos no mesmo dia, consumando no seio de Deus um casamento místico e eterno. (p 167-169)

Lenda de Apuleio

Eis o assunto do livro de Apuleio: ele é um viajante de passagem pela Tessália, país dos encantamentos. Ali recebe a hospitalidade de um homem cuja mulher é feiticeira. Seduz a criada desta mulher pretendendo, por este meio, obter segredos de magia. A criada promete entregar ao amante uma poção por meio da qual a feiticeira se transforma em pássaro porém engana-se com as caixas e Apuleio se vê mudado em Asno.

A amante desastrada o consola dizendo-lhe que para retomar sua forma humana basta comer rosas, que é a flor da iniciação. Mas onde achar rosas à noite? É preciso esperar o dia seguinte. A criada conduz o asno à estrebaria. Aparecem ladrões que roubam o asno. Torna-se difícil aproximar-se de rosas, que não são feitas para burros; sempre que tenta, os jardineiros expulsam-no a pauladas. Apuleio vai perdendo as esperanças mas, certa ocasião, tendo adormecido, aparece-lhe em sonho a deusa Ísis e lhe promete que seu sacerdote, prevenido por uma revelação, lhe dará rosas durante as solenidades de sua festa, que está próxima.

Chega o dia da festa: homens mascarados seguem à frente; ...depois vêm as mulheres espalhando flores; por fim, as imagens dos deuses, em número de três, seguidas pelo grande hierofante, que conduz, não uma imagem, mas o símbolo de Ísis, uma bola de ouro com o caduceu em cima. Lúcio Apuleio vê na mão do sacerdote uma coroa de rosas. Aproxima-se e não é repellido. Come as rosas e recupera a natureza humana.

Capítulo VI - Pinturas Cabalísticas e Emblemas Sagrados

Sobre a Igreja Primitiva

A Igreja primitiva, obedecendo ao preceito formal do Salvador, não entregava seus mais santos mistérios às profanações da multidão. Ao batismo e à comunhão só se era recebido por meio de iniciações progressivas. ...As imagens eram então menos numerosas e, sobretudo, menos explícitas. Abstinham-se de reproduzir a figura do Salvador; as pinturas das catacumbas são, em sua maior parte, emblemas cabalísticos.

Gnósticos

O nome "gnóstico" nem sempre foi um nome proscrito na Igreja. Os padres ...empregaram muitas vezes esta denominação para designar o cristão perfeito ...Os falsos gnósticos foram todos rebeldes à ordem hierárquica ...quiseram nivelar a ciência, vulgarizando-a ...concedendo licença à mística das paixões sensuais em detrimento da sobriedade cristã e da obediência às leis ...Produzir êxtases por meios físicos e substituir a santidade pelo sonambulismo, tal foi sempre a tendência das seitas caínicas continuadoras da Magia Negra da Índia. A Igreja devia reprová-las com energia...

Esperando escapar à hierarquia pelo milagre comum ...os gnósticos ...eram operadores de prodígios, substituindo o culto regular pelos ritos impuros da Magia Negra, fazendo aparecer sangue em vez do vinho eucarístico...

A intrusão da mulher no sacerdócio foi sempre o sonho dos falsos gnósticos porque nivelando assim os sexos, eles introduziam a anarquia na família e punham, para a sociedade, uma pedra de tropeço. O sacerdócio real da mulher é a maternidade e o culto desta religião do lar é o pudor.

Manés - Maniqueísmo

Depois do panteísmo polimorfo dos gnósticos, veio o dualismo de Manés [que] ...formulou em dogma religioso a falsa iniciação dos pseudo-magos da Pérsia. O mal, personificado, tornou-se rival de Deus. ...[Conceberam] um rei da Luz e um rei das Trevas...[e foi netsa época que começou a institucionalização desta crença] ...esta idéia funesta da soberania e ubiqüidade de Satã.

INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR:

O maniqueísmo, tal como o gnosticismo e outras correntes doutrinárias religiosas, está relacionado entre os chamados "movimentos heréticos" dos primeiros séculos da Era Cristã. O encontro do Cristianismo com a filosofia neoplatônica em várias "heresias", ou seitas de perdição, conforme São Pedro e São Paulo; entre elas, a gnose é mais conhecida. Entre os séculos III e IV surgiu o Maniqueísmo, um sistema de pensamento elaborado pelo neoplatonico Mani (ou Manés). Suas influências eram o budismo e o Zoroastrismo. Pregava a existência da dualidade, dois princípios, o bem e o mal. A matéria era essencialmente má. Santo Agostinho chegou a pertencer a esta seita.

Outras heresias proliferaram. O Arianismo, criado por Ário, bispo de Alexandria, que pregava o Cristo criatura, eliminando assim o mistério da divindade coexistente com a natureza humana. O Nestorianismo, heresia de Nestório, negava a Maria a condição de Mãe de Deus. O monofisismo, de Eutiques, negava a natureza humana de Cristo. O pelagianismo, negava o pecado original.

**Fonte: ENCICLOPÉDIA BARSA, vol VII - p 186.
São Paulo: Melhoramentos | Britânica Editores, 1966.**

Capítulo VII - Filósofos da Escola de Alexandria

Amônio Sacas, Plotino, Porfírio, Proclo, são grandes nomes para a ciência e para a virtude. Sua teologia e moral eram elevadas, seus costumes austeros. Mas a maior e a mais tocante figura desta época, a mais brilhante estrela desta plêiade, foi Hipátia, filha de Teon. ...Na escola de Hipátia formou-se Sinésio de Cirene, que foi mais tarde bispo de Ptolemaida, um dos mais sábios filósofos e o maior poeta do Cristianismo dos primeiros séculos.

Sinésio de Cirene escreveu:

O povo escarnecerá sempre das coisas difíceis de compreender, ele tem necessidade de imposturas.

Um espírito amigo da sabedoria e que contempla de perto a verdade é forçado a mascarar-la para que seja aceita pelas multidões. ...Se o olho recebesse de repente uma luz muito abundante, ele seria deslumbrado ...No meu entender, as ficções são necessárias ao povo e a verdade se torna funesta aos que não têm força para contemplá-la em todo o seu fulgor. ...A verdade deve ser mantida em segredo e as multidões têm necessidade de um ensino proporcional à sua imperfeita razão.

O livro mais notável de Sinésio é um **Tratado dos Sonhos**. ...No pensar de Sinésio, o estado de sonho prova a especialidade e imaterialidade da alma, ...que cria campinas, palácios ou cavernas sombrias segundo suas afeições e seus desejos. ...Alguns críticos atribuem também a Sinésio livros notáveis que trazem o nome de Saint Dinis, o Areopagita ...[Entre tais volumes destaca-se] ...**O tratado dos nomes divinos** ...Deus, diz o autor, é o princípio infinito e indefinível perfeitamente uno e indivisível mas nós lhe damos nomes que expressam nossas aspirações para esta perfeição divina; o conjunto desses nomes, suas relações com os números, compõem o que há de mais elevado no pensamento humano e a teologia é menos a ciência de Deus que a de nossas aspirações mais sublimes.

FIM DOS VOLUMES II e III

► Retorno: [Índice de Volumes](#)

Bibliografia do Pesquisador

BABILÔNIA BRASIL. In <<http://www.angelfire.com/me/babiloniabrasil/magic1.html>> — acessado em 27/05/2005

BLAVATSKY, Helena Petrovna. Doutrina Secreta. São Paulo: Pensamento, 2003.

CULTURE OF IRAN. IN <<http://www.cultureofiran.com/>> acessado em maio de 2005

ENOCH. O livro de Enoch, o Profeta: a revelação dos anjos. [Trad. Getúlio Elias Schanosky Jr.] — São Paulo: Madras, 2004.

GRANDES IMPÉRIOS E CIVILIZAÇÕES Enciclopédia. Mesopotâmia vol. I. Madrid: Ed Prado, 1997.

JOCASTIAN, Ayisha. O Livro de Nod. Edição on line.

In<http://pwp.netcabo.pt/dtangel/Livro_de_nod.pdf> acessado em 21/02/2005

MacNALL BURNS, Edward. História da Civilização Ocidental, vol. I. Porto alegre: Globo, 1975.

PAPUS (Gerard Anaclet Vincent Encausse). Tratado Elementar de Magia Prática. São Paulo: Pensamento, 1995.

SOUTO MAIOR, A. História Geral. **As civilizações iranianas**, p 43. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

μαηαβαρατηα



estudo

História da Magia

de Eliphas Levi

ÍNDICE

LIVRO IV — A MAGIA E A CIVILIZAÇÃO

Capítulo I: Magia Entre os Bárbaros

Capítulo II — Influência das Mulheres

Capítulo III — Leis Sálicas Contra os Feiticeiros

Capítulo IV — Lendas do Reino de Carlos Magno

Capítulo V — Mágicos

Capítulo VI — Processos Célebres

_____ **Templários**
_____ **Barba Azul**

Capítulo VII — Superstições Relativas ao Diabo

LIVRO IV A MAGIA E A CIVILIZAÇÃO

Capítulo I - Magia Entre os Bárbaros

[A magia dos bárbaros], que o cristianismo ia encadear e atirar no poço do abismo ...manifestou suas últimas convulsões e seus últimos esforços entre os bárbaros por **partos** monstruosos. Quase não há regiões onde os pregadores do Evangelho não tivessem de combater animais de formas horríveis, encarnações da idolatria agonizante. Os "vouivres", os "graouilles", as carrancas, as tarascas, não são unicamente alegóricas.

É certo que as desordens morais produzem monstruosidades físicas e realizam de alguma sorte figuras apavorantes que a tradição empresta ao demônio. Os ossos fósseis, com auxílio dos quais a ciência de Curvier reconstruiu monstros gigantescos, pertencem todos realmente a épocas anteriores à nossa criação? Era uma tradição entre os antigos que os deuses irritados por crimes extraordinários enviavam monstros à terra, e esta tradição é muito universal para não ser apoiada em fatos reais...

Entre todas as lembranças que nos restam dos povos bárbaros na época em que o Cristianismo conquistou a civilização, se nos deparam ...o aviltamento idolátrico no qual caíra o simbolismo do antigo mundo; por toda parte reinavam, em lugar dos discípulos dos magos, adivinhos, feiticeiros, encantadores. Esqueciam-se do Deus supremo para divinizar os homens. Roma dera este exemplo às suas províncias e a apoteose dos Césares ensinara ao mundo a religião dos deuses de sangue.

Druídas

A Providência que destinava a Gália a tornar-se a França cristianíssima fizeram brilhar ali a luz das verdades eternas. Os primeiros druídas foram os verdadeiros filhos dos magos e sua iniciação vinha do Egito e da Caldéia, isto é, das fontes puras da Cabala primitiva: eles adoravam a trindade, sob o nome de Ísis ou Iléus, a harmonia suprema;

de Belen ou Bel, que significa em assírio "O Senhor", nome que corresponde ao de Adonai; e de Camul ou Camael, nome que na Cabala personifica a justiça divina.

Abaixo desse triângulo de luz eles supunham um reflexo divino, composto também de três raios personificados: Têutates, ou Teuth, o mesmo que Toth dos egípcios, Verbo ou inteligência formulada; depois a Força e a Beleza, cujos nomes variavam ...Eles completavam o **setenário sagrado*** com uma imagem misteriosa... era uma moça velada tendo uma criança nos braços e eles dedicavam esta imagem à **virgem que virá a ser mãe**.

*** SETENÁRIO SAGRADO: concepção ocultista sobre a estrutura ontológica, do SER, da criatura humana. Segundo tradições de diferentes culturas, o homem não é apenas uma combinação elementar dual, corpo-alma; antes, é um sistema complexo de sete corpos interagentes, diferentes entre si em substância e natureza. Na base, na dimensão de ser mais grosseira, está o corpo de matéria densa; na dimensão mais sutil ou elevada, o homem é "O Espírito Puro", também chamado Eu Superior, ou ainda, Atman, uno com o Criador de todas as coisas.**

Os antigos druídas viviam numa rigorosa abstinência, guardavam o mais profundo segredo sobre seus mistérios, estudavam as ciências naturais e não admitiam entre eles novos adeptos senão depois de longas iniciações. ...Os druídas não construíam templos; realizavam os ritos de sua religião sob os dólmens [os círculos de pedra do tipo Stonehenge] e nas florestas. Ninguém sabe ainda com auxílio de que máquinas eles puderam levantar as pedras colossais que formavam seus altares, e que se erguem ainda, sombrios e misteriosos, sob o céu nevoento da Armórica.

Os druídas ensinavam que a alma dos antepassados se ligava aos filhos; que ela é feliz de sua glória ou atormentada pela sua vergonha; [ensinavam ainda] que os gênios protetores se ligam às árvores e às pedras da pátria; que o guerreiro morto por seu país expiou todas as suas faltas e cumpriu dignamente sua missão. ...Por isso, entre os gauleses o patriotismo era uma religião: as mulheres e até as crianças se armavam se fosse preciso para repelir uma invasão as "Joana D'Arc" ...não fizeram mais que continuar as tradições destes nobres filhos dos gauleses.

Capítulo II

Influência das Mulheres

A Providência, impondo à mulher os deveres tão severos e tão doces da maternidade, deu-lhe direito à proteção e ao respeito do homem. Sujeita pela natureza mesma às conseqüências das afeições que são sua vida [filhos, casa, marido], ela dirige seus senhores [homens, marido, pai, filho] com as rédeas que o amor lhe dá; quanto mais se

submeter às leis que constituem e protegem sua honra, tanto mais poderosa ela é e respeitada no santuário da família. ...O Cristianismo só pôde legitimamente emancipar a mulher chamando-a à virgindade e glória do sacrifício. Numa pressentiu este mistério quando instituiu as vestais; mas os Druídas anteciparam o Cristianismo ouvindo as inspirações das virgens e prestando honras quase divinas às sacerdotizas da Ilha de Saine.

Veleda

Na Gália, as mulheres não reinavam por sua faceirice e por seus vícios, mas governavam por seus conselhos. Não se fazia nem a paz nem a guerra sem consultá-las. [Entre os gauleses, viveu e morreu a virgem **Veleda**.] Era uma espécie de Pítia que profetizava nas grandes solenidades. ...Vestia-se com uma roupa comprida, sem mangas, cabeça coberta por um véu branco que lhe descia até os pés; usava uma coroa de verbenha e tinha na cintura uma foice de ouro. ...A grande sacerdotisa andava com as insígnias da divindade protetora dos Druídas: **Herta** ou **Werta**, a jovem Ísis gaulesa, a rainha do céu, a virgem que devia conceber.

Santas

...Na França, a inspiração [faculdades paranormais] parece pertencer sobretudo às mulheres; os **elfos** e as **fadas** precederam as santas e as santas francesas têm, quase todas, alguma coisa de **feérico*** em sua lenda. Santa Clotilde fez-nos cristãos. Santa Genoveva conservou-nos franceses, repelindo pela energia de sua virtude e de sua fé a invasão ameaçadora de Átila. Joana D'Arc, essa era mais da família das fadas que da hierarquia das santas. ...**Santa Clotilde** fez ainda milagres em nossas províncias. ...Era uma enérgica mulher e uma grande rainha ...por isso foi submetida às mais cruciantes dores ...É por semelhantes dores que as rainhas da terra assemelham-se à Rainha do Céu.

* **FEÉRICO**: que pertence ao mundo das fadas - próprio das fadas - mágico.

Capítulo III **Leis Sálicas Contra os Feiticeiros**

Alguns parágrafos curiosos das Leis Sálicas, datadas em 424 d.C.:

"Se alguém tratou altivamente a um outro de **hereburgo** ou **estrioporto**, denominações para quem leva o vaso de cobre ao lugar onde as **estriges** fazem seus encantamentos e se não pode provar o que diz, que seja condenado a uma multa de sete mil e quinhentos dinheiros, que fazem cento e oitenta sous e meio."

"Se alguém tratar uma mulher livre de **estriga** ou de prostituta sem poder prová-lo, seja condenado a uma multa de dois mil e quinhentos dinheiros, que fazem sessenta e dois sous e meio."

"Se uma **estriga** devorou um homem e tenha sido provado tal fato, será condenada a pagar oito mil dinheiros, que fazem duzentos sous".

ESTRIGES: Na mitologia grega, monstros femininos dotados de asas e garras semelhantes às das aves de rapina. Nutriam-se do sangue das entranhas de recém nascidos. Eram combatidos por meio de operações mágicas realizadas por Carna.

CARNA: era uma ninfa, também chamada Cárdea ou Carma. Habitava um bosque às margens do rio Tibre ...Carna protegia os recém-nascidos contra os vampiros. Fazendo encantamentos e entregando-se a operações mágicas, salvou o filho do rei Procas, governante de Alba, descendente de Enéias, este, filho de Anquises e Afrodite, mencionado por Virgílio, em Eneida, como fundador de Roma. (DICIONÁRIO DE MITOLOGIA GRECO-ROMANA)

Vê-se que naqueles tempos a antropofagia era possível a dinheiro e que a carne humana não custava caro. Pagava-se cento e oitenta e sete sous e meio para caluniar um homem; por mais doze sous e meio podia-se degolá-lo e comê-lo, o que era mais leal e completo. ...As Leis Sálidas eram as de um povo ainda bárbaro onde tudo se redimia, como na guerra, com um resgate.

A única legislação forte desta época era a da Igreja; por isso os Concílios decretaram contra as **estrigas** e envenenadores que tomavam o nome de feiticeiros, as penas mais severas. O **Concílio de Agde**, no Baixo Languedoc, reunido em 506, os excomunga; o primeiro **Concílio de Orleans**, reunido em 511, proíbe expressamente as operações adivinhatórias; o **Concílio de Narbona**, em 589, fere os feiticeiros de uma excomunhão sem esperança e ordena que sejam feitos escravos e vendidos em proveito dos pobres. Este mesmo Concílio ordena açoitar publicamente os **amadores do diabo**.

Capítulo IV

Lendas do Reino de Carlos Magno

Carlos Magno é o verdadeiro príncipe dos encantamentos e das fadas. ...Com ele começou a era da cavalaria. ...Carlos Magno, dando um trono ao papado e recebendo dele o império do mundo, é o mais grandioso de todos os personagens da história européia. ...[Segundo a lenda] este rei possuía o **Enchiridion**, presente do autor, o pontífice Leão III, livro que contém as mais belas preces cristãs e os mais ocultos caracteres da Cabala. ...O soberano proprietário deste livro, dele sabendo dignamente

servir-se, devia ser o senhor do mundo.

Os Franco-Juízes

A espada e o punhal mágico figurados no Enquiridion parece ter sido o símbolo secreto do tribunal dos franco-juízes. ...Os franco-juízes foram uma sociedade secreta oposta ...às sociedades secretas anárquicas e revolucionárias. ...Era uma polícia secreta com direito de vida e morte. [Foram instituídos para reprimir insurreições políticas de comunidades que se recusavam a abandonar seus antigos líderes, crenças e tradições] ...Todos os cultos vencidos, o paganismo romano, a idolatria germânica, o rancor judaico, ligavam-se contra o Cristianismo vitorioso. Realizavam-se assembléias noturnas ...O **sabá**, em uma palavra, celebrava-se ainda em todas as florestas e nos desertos das províncias ainda selvagens. ...Carlos Magno resolveu combatê-los com suas próprias armas.

Neste mesmo tempo as tiranias feudais conspiravam com os sectários contra a autoridade legítima: as feiticeiras eram as prostitutas dos castelos; os bandidos, iniciados no Sabá, partilhavam com os senhores o fruto das rapinas... Carlos Magno enviou à Vestfália, onde o mal era maior, agentes dedicados encarregados de uma missão secreta. Estes agentes ...instituíram o tribunal dos franco-juízes. A **Santa Vema** tomou proporções gigantescas.

O povo falava das aparições de homens mascarados, citações apareciam fixadas nas portas de poderosos senhores, chefes de bandidos eram encontrados mortos com o terrível punhal cruciforme no peito e em uma faixa, presa no punhal, o resumo do julgamento da Santa Vema. ...[Estas "Santa Vema" chegaram a ser] ...assembléias formidáveis, algumas tão numerosas que pareciam um exército de exterminadores. Uma noite, o imperador Segismundo presidiu uma Santa Vema e mais de mil franco-juízes tinham assento a seu lado. Em 1400, havia cem mil franco-juízes na Alemanha.

Imprimiu-se no Reichstheuer de Müller, o código da corte Vêmica, encontrado nos antigos arquivos da Vestfália. Eis o título deste velho documento:

"Código e estatutos do Santo Tribunal secreto dos franco-condes e francos-juízes de Vestfália, que foram estabelecidos no ano de 722 pelo imperador Carlos Magno, corrigidos em 1404 pelo rei Roberto que fez as alterações e adições que exigia a administração da justiça nos tribunais dos iluminados."

Pode-se ver nos Capitulários com que penas deviam ser punidos os feiticeiros, os adivinhos, os encantadores, os evocadores do diabo, os envenenadores. Estas mesmas leis proíbem de perturbar o ar, de excitar tempestades, fabricar caracteres e talismãs, tirar sortes, fazer malefícios praticando feitiçaria contra rebanhos. Os feiticeiros, astrólogos, adivinhos, necromantes, matemáticos ocultistas, são declarados execráveis e sentenciados às mesmas penas dos assassinos. Compreender-se-á esta severidade se nos

lembramos do dissemos sobre os ritos horríveis da Magia Negra de seus sacrifícios infanticidas; grande devia ser o perigo para que a repressão se manifestasse de forma tão implacável.

Heróis e Romance de Cavalaria

Outra instituição que se liga às mesmas fontes da Santa Vema é a **Cavalaria Errante** [ou Cavalaria Andante]. Estes cavaleiros eram como franco-juizes que recorriam a Deus e à lança contra as injustiças dos castelões e contra todas as maldades dos necromantes. [Nos romances] ...era preciso ter exposto sua vida pelo fraco e oprimido, ter libertado cativos e punido profanadores de coisas santas para ser digno de ser chamado "cavaleiro". Somente então, belas e pálidas senhoras usando vestidos brasonados, com suas mãos delicadas, madonas com seus livros de orações presos à cintura, tiram o véu bordado a ouro e prata e o dão como cinto ao cavaleiro ajoelhado diante delas...

Capítulo V Mágicos

O dogma fundamental da alta ciência, que consagra a Lei eterna do Equilíbrio, obtivera sua inteira realização na constituição do mundo cristão. Duas colunas vivas sustentavam o edifício da civilização: o **Papa** e o **Imperador**. [Entretanto]...o poder temporal, abandonado às aventuras das conquistas [Cruzadas] ou da intriga, perdeu a unidade harmônica que tinha com Roma. O Papa teve de intervir muitas vezes como justiceiro e apesar dos riscos e perigos reprimiu as cobiças e a audácia de tantos soberanos divididos.

A excomunhão era, então, uma pena terrível, porque era **sancionada pelas crenças universais** e produzia, pelo misterioso efeito da **cadeia magnética das reprovações**, fenômenos que aterrorizavam a multidão. ...Roberto, o Pio - tendo incorrido nesta terrível pena [excomunhão] por um casamento ilegítimo, tornou-se pai de uma criança monstruosa... Os cronistas daquele tempo ...gostam muito das lendas diabólicas. Todos os pesadelos dos monges, todos os sonhos doentios das religiosas, são considerados aparições reais.

O Rabino Jequiel

Sob o reino de São Luiz viveu o famoso Rabino Jequiel, grande cabalista e físico notável. Tudo o que se diz de sua lâmpada e de seu fogo mágico prova que ele conhecia a eletricidade. Este conhecimento, tão antigo quanto a Magia, se transmitia como uma das

chaves da alta iniciação. Quando chegava a noite, uma estrela radiosa parecia brilhar no quarto de Jequiel; sua luz era tão viva que ninguém podia fixá-la sem se ofuscar ...Ninguém a via esmaecer nem apagar-se e todos sabiam que ela não era alimentada com azeite ou com qualquer das substâncias combustíveis então conhecidas.

Quando um importuno ou curioso mal intencionado tentava introduzir-se na casa de Jequiel e peristia em forçar a aldrava da porta, o rabino batia num prego que se achava plantado em seu gabinete e saía, ao mesmo tempo, da cabeça do prego e da aldrava da porta uma luz azulada, e o importuno era sacudido de tal sorte que pedia misericórdia sentindo a terra entreabrindo-se a seus pés. ...Jequiel conquistou sua tranquilidade pelo terror que espalhava. São Luiz, que por ser um grande católico não deixava de ser um grande rei, quis conhecer Jequiel; mandou buscá-lo para sua corte e com ele teve muitas palestras, ficando plenamente satisfeito com suas explicações. Protegeu-o contra seus inimigos e não deixou de testemunhar-lhe estima e fazer-lhe bem.

Capítulo VI

Processos Célebres

Templários

Em 1118, nove cavaleiros cruzados no Oriente consagraram-se à religião e prestaram juramento diante do patriarca de Constantinopla, sede sempre secular e publicamente hostil à de Roma... O objetivo confessado dos templários era proteger os cristãos que visitavam os lugares santos; seu objetivo secreto era a reconstrução do templo de Salomão de acordo com o modelo profetizado por Ezequiel [daí o nome "Templários", segundo E. Levi]. Esta reconstrução, ...predita pelos místicos judaicos dos primeiros séculos, tornara-se um sonho não confessado dos patriarcas do Oriente. O templo de Salomão, reconstruído e consagrado ao culto católico, seria, de fato, a metrópole [o centro] do Universo. O Oriente prevaleceria sobre o Ocidente e os patriarcas de Constantinopla apodera-se-iam do Papado.

Joanitas

...Os templários seguiriam os modelos da Bíblia, os pedreiros guerreiros de Zorobabel que traziam a espada em uma mão e a trolha [pá de pedreiro] na outra. É por isso que a espada e a trolha foram as insígnias dos templários que, mais tarde ...se ocultaram sob o nome de "irmãos maçons". [Entre os nove cavaleiros consagrados estava Hugues de Payens que não estava interessado nos sonhos dos patriarcas. Ele tinha ingressado em uma seita de **cristãos joanitas**] ...que pretendiam ser os únicos iniciados nos verdadeiros mistérios da religião do Salvador; pretendiam conhecer a história real de

Jesus Cristo e, adotando em parte tradições judaicas e narrações do Talmude, acreditavam que os fatos contados nos Evangelhos não passavam de alegorias... No que se refere à história, eis o que os Joanitas contavam:

"Uma moça de Nazaré, chamada *Míriam*, noiva de um rapaz de sua tribo chamado *Iocanaã*, foi surpreendida por um certo Pandira, ou Panter, que abusou dela à força depois de se ter introduzido em seu quarto sob as vestes e nome do noivo. Iocanaã, conhecendo sua noiva, deixou-a sem comprometê-la ...e a moça deu à luz um menino que chamou Josuá ou Jesus. Este menino foi adotado por um rabino de nome José, que o levou em sua companhia para o Egito. Ali, Jesus teria sido iniciado nas ciências secretas e os sacerdotes de Osíris, reconhecendo nele a verdadeira encarnação de Horo, prometido há muito tempo aos adeptos, o consagraram soberano pontífice da religião universal.

Josua e José voltaram à Judéia onde a ciência e a virtude do moço não demoraram a excitar a inveja e o ódio dos sacerdotes que, um dia, lhe censuraram publicamente a ilegitimidade de nascimento. Josua que amava e venerava sua mãe, interrogou José e soube toda a história do crime de Pandira e da desgraça de Míriam. Seu primeiro movimento foi renegá-la publicamente, dizendo-lhe no meio de um festim de núpcias: "Mulher, que há de comum entre ti e eu?"

Depois, pensando que uma pobre mulher não pode ser punida por ter sofrido o que ela não podia impedir, exclamou: "Minha mãe não pecou, ela não perdeu sua inocência; ela é virgem, embora seja mãe; que dupla honra lhe seja prestada! Quanto a mim, eu não tenho pai sobre a terra. Eu sou filho de Deus e da humanidade."

...Os joanitas chegavam ao ponto de fazer São João, o Evangelista, responsável por esta pretendida tradição e atribuíam a este apóstolo a fundação de sua Igreja secreta. Os grandes pontífices desta seita tomavam o título de **Cristo** e pretendiam ser os sucessores de São João. ...Assim, a ordem dos cavaleiros foi manchada desde sua origem...

...A ordem fazia profissão exterior da mais perfeita ortodoxia ...católica-romana... [Secretamente, porém] ... O Joanismo dos adeptos era a Cabala dos Gnósticos degenerada em um panteísmo místico... Para ter melhor êxito e criar adeptos, eles [acolhiam] os pesares dos cultos decaídos e as esperanças dos cultos novos, prometendo a todos liberdade de consciência e uma nova ortodoxia que seria a síntese de todas as crenças perseguidas. ...Os templários foram jesuítas mal sucedidos.

Sua palavra de ordem era tornarem-se ricos para comprar o mundo. ...com efeito, em 1312 eles possuíam na Europa mais de mil senhorias. A riqueza foi seu desastre: tornaram-se insolentes, mostraram seu desdém para com as instituições religiosas e sociais que aspiravam derrubar. ...O Papa Clemente V e o rei Felipe, o Belo, deram um

sinal à Europa e os templários, envolvidos por uma imensa rede, foram presos, desarmados e encarcerados.

O estupor apoderou-se do mundo cristão e esperavam-se revelações. Era impossível explicar ao povo o plano da conspiração dos templários. ...Recorreu-se à acusação de Magia e acharam-se denunciadores e testemunhas. ...É conhecido o fim deste drama ...como Jacques de Molai e seus companheiros morreram nas chamas; mas antes de morrer, o chefe do templo organizou e instituiu a **maçonaria oculta**. Do fundo de sua prisão, o grão-mestre criou quatro Lojas metropolitanas: em Nápoles, para o Oriente, em Edimburgo para o Ocidente, em Estocolmo para o Norte e em Paris para o Sul. O Papa e o rei morreram logo de um modo estranho e súbito. Esquino de Florian, principal denunciador da ordem foi assassinado. Quebrando-se a espada dos templários fez-se com ela um punhal e suas trilhas proscritas não trabalhavam senão em túmulos.



Barba Azul

Gilles de Laval, senhor de Raiz, tinha de fato a barba tão negra que parecia ser azul, como se pode ver em seu retrato que está no museu de Versalhes, na sala dos Marechais. Ele era um marechal da Bretanha, bravo porque era francês, faustoso porque era rico e feiticeiro porque era louco. ...Andava sempre precedido da cruz e do estandarte; seus capelães eram cobertos de ouro e ornamentados como prelados; tinha consigo um colégio inteiro de pequenos pagens ...Todos os dias, um menino era enviado a algum lugar e seus camaradas não o viam mais voltar. Um recém-vindo substituíria o que partira e era severamente proibido às crianças tentar saber da sorte dos que desapareciam. O marechal obtinha estas crianças com pais pobres, seduzidos pelas promessas de um futuro brilhante para os filhos. Ora, eis o que se passava...

A devoção era apenas uma máscara, passaporte para práticas infames. O marechal,

arruinado por suas loucas despesas, queria a todo custo obter mais riquezas. Os empréstimos dos agiotas logo faltariam. Ele resolveu recorrer à Magia Negra. ...Seus cúmplices e confidentes eram Prelati, um sacerdote apóstata da diocese de Saint Malo e o feiticeiro florentino Sillé. Aconteceu que o marechal Gilles de Laval, o Barba Azul, desposara uma moça de origem nobre. Ele matinha a esposa praticamente como uma prisioneira no castelo, em Machecoul. Neste castelo havia uma torre cuja porta era murada. Ela parecia em ruínas e o marechal advertia para que ninguém fosse ali.

Madame de Raiz passava longas temporadas sozinha e, uma noite, percebeu luzes azuladas que vinham das janelas da torre. Ficou curiosa mas não ousava interrogar o marido, cujo caráter estranho e sombrio lhe inspirava terror. Na Páscoa de 1440, o marechal, depois de ter comungado na capela, despediu-se da mulher dizendo que partia para a Terra Santa. Ela estava grávida de poucos meses. O marechal permitiu que a irmã ficasse com ela em sua ausência e Gilles de Laval se foi.

Sozinha com a irmã, Madame de Raiz confidenciou-lhe suas inquietações, seus temores: que se passava no castelo? Porque andava tão sombrio o Senhor de Raiz? Porque as ausências freqüentes? Que acontecia com as crianças que desapareciam todos os dias? E as luzes noturnas na torre abandonada? Resolveram entrar na torre. Devia existir uma entrada secreta. Madame de Raiz e sua irmã, Ana, começaram a procurar. Todas as salas do castelo foram exploradas ...Por fim, na capela, atrás do altar, encontraram um botão de cobre escondido e acionaram o dispositivo. Uma pedra se moveu e as duas perceberam os primeiros degraus de uma escada através da abertura.

Esta escada conduziu as duas senhoras à torre condenada. No primeiro andar acharam uma capela cuja cruz estava derrubada e negros os círios; sobre o altar havia uma figura horrorosa representando, sem dúvida, o demônio. No segundo andar havia fornos, alambiques, carvão, enfim, todos os aparelhos dos alquimistas. No terceiro, o quarto estava escuro e o ar fétido. As mulheres apressaram-se em sair dali. Foi quando Madame de Raiz chocou-se contra um vaso e derramou seu conteúdo. Ela sentiu o vestido e os pés umedecerem-se com um líquido espesso. Quando chegou à luz, viu que estava banhada em sangue.

Ana queria fugir mas Madame de Raiz queria saber mais. Ela voltou ao aposento com uma lâmpada e então um horrível espetáculo ofereceu-se a seus olhos. Bacias de cobre cheias de sangue estavam enfileiradas ao longo da parede, etiquetadas e datadas. No meio da peça, sobre uma mesa de mármore negro, estava deitado o cadáver de uma criança recém-degolada. Da bacia que derrubada escorrera um sangue negro que se espalhava pelo assoalho de madeira.

As duas mulheres ficaram apavoradas. Madame queria apagar os indícios de sua indiscrição. Foi buscar água e esponja para lavar o chão mas enquanto tentava limpar somente conseguia estender a mancha que, de enegrecida que era, tornara-se

sanguinolenta, vermelha. De repente, ouve-se um grande rumor, gritos que chamam Madame e ela distingue as palavras: "Eis o senhor que regressa!"

Elas tentaram sair da torre mas era tarde. Ouvem na capela do diabo o barulho de passos e vozes. Ana fugiu, subindo até as ameias da torre. Madame de Raiz desceu cambaleando e deu de cara com o marido que subia seguido do padre e do feiticeiro Sillé. Gilles de Laval nada diz a mulher. Segura-a pelo braço e conduz de volta à capela. Foi quando o padre disse ao marechal:

- Vós vedes o que é preciso fazer e que a vítima veio por si mesma.

- Pois bem, seja! - diz o marechal - Começai a missa negra!

O padre apóstata dirigiu-se ao altar. O Marechal abriu um pequeno armário de onde tirou um punhal. Começaram as cerimônias sacrílegas. O fato é que Barba Azul não pretendia ir à Terra Santa; na verdade, fora para Nantes, onde residia o padre. Estava furioso com Prelati porque não obtinha resultados com sua magia. Prelati, para ganhar tempo, disse que o diabo exigia condições terríveis: o marechal deveria sacrificar o filho que estava para nascer; deveria arrancar a criança do ventre da mãe. Laval não hesitou: regressou para o castelo arrastando consigo o padre e o feiticeiro e foi nestas circunstâncias que encontrou sua mulher.

Madame de Raiz parecia perdida entretanto, a irmã Ana, esquecida na plataforma da torre, tirara seu véu e fazia ao acaso sinais de aflição, aos quais responderam dois cavaleiros seguidos de alguns homens de armas que galopavam para o castelo; eram seus dois irmãos que, tendo sabido da suposta partida do Senhor, vinham visitar Madame de Raiz. Eles entraram fazendo barulho na corte do castelo. Gilles de Laval teve de interromper a cerimônia e disse à mulher:

- Madame, eu vos perdôo e não se tratará mais disso se fizerdes o que vou dizer: voltai ao vosso quarto, mudai de roupa e vinde procurar-me na sala de honra onde vou receber vossos irmãos; se em frente deles disserdes uma palavra ou se lhes fizer suspeitar de qualquer coisa, eu vos trago aqui depois que eles partirem e recomeçaremos a missa negra...

Ele conduziu a mulher até o quarto e desceu para receber os dois fidalgos e sua comitiva. Alguns momentos depois, muito pálida, aparece Madame. Subitamente, Ana invade a sala gritando:

- Levai-nos, levai-nos meus irmãos; este homem é um assassino! - E lhes mostrava Gilles de Laval.

O bandido chamou os criados em seu auxílio mas a escolta dos irmãos cercou as

senhoras empunhando suas espadas e até os subordinados do marechal voltaram-se contra o patrão dando tempo de fuga para as mulheres, seus irmãos e os outros cavaleiros. No dia seguinte, o duque João V mandou prender Gilles de Laval que entregou-se sem resistência. O parlamento da Bretanha decretou sua prisão como homicida; os juízes eclesiásticos prepararam-se para julgá-lo como herético, sodomita e feiticeiro. Vozes que o terror conservara mudas por muito tempo fizeram-se ouvir ...Eram os pais das crianças desaparecidas. Houve um luto e um clamor universal em toda a província. Feita a busca nos castelos de Machecoul e Chantocé, foram encontrados os restos de mais de duzentos esqueletos de crianças. ...Gilles de Laval foi queimado vivo no prado de Madalena, perto de Nantes. Obteve permissão para comparecer à execução com todo o fausto que o acompanhara durante a vida...

Capítulo VII

Superstições Relativas ao Diabo

[Sobre o diabo ou sobre o gênio do mal, a Igreja ensina] ...a não temê-lo, recomenda a seus filhos não se ocupar com ele e nunca pronunciar-lhe o nome. Entretanto, durante a Idade Média, a inclinação das imaginações doentias e das cabeças fracas deu uma importância formidável e formas ameaçadoras a este ser tenebroso... Esta realização aparente do fantasma da perversidade foi uma encarnação da loucura humana; o diabo tornou-se o pesadelo dos claustros ...As superstições conduzem depressa à inépcia e à demência ...Só se ouvia falar de incubos e súcubos...

O padre Hilário Tissot ...diz que o crime é uma loucura; infelizmente, ele explica sempre a loucura como uma obsessão do mau espírito. ...Admitamos pois, ...que o diabo ...somente obseda os que se entregam voluntariamente à ele e estes são responsáveis por tudo o que poderá [ele, o diabo] sugerir-lhes, como o ébrio deve ser responsável por todas as desordens às quais ele poderá abandonar-se sob a influência da embriaguês. A embriaguês é uma loucura passageira e a loucura uma embriaguês permanente; uma e outra são causadas por um engurgitamento fosfórico dos nervos do cérebro que destrói nosso equilíbrio luminoso e priva a alma de seu instrumento de precisão.

A alma do mundo é uma força que tende sempre ao equilíbrio. ...Toda vida incompleta atormenta como uma monstruosidade e ela [a alma do mundo] esforça-se sempre para reabsorver os **abortos intelectuais**; é por isso que os maníacos, os alucinados sentem um atrativo irresistível para a destruição e a morte. ...Eles sentem que a vida lhes escapa, a consciência os queima e desespera; sua existência não é mais que o sentimento de morte, é o suplício do inferno.

O ser é substância e vida. **A vida se manifesta pelo movimento e o movimento se perpetua pelo equilíbrio; o equilíbrio é, pois, a lei da imortalidade.** Por toda parte

onde se manifeste uma vida imperfeita e mal formada, [o movimento astral, alma da terra] faz afluir suas forças para destruí-la como espíritos vitais abundam para fechar feridas. Daí estas desordens atmosféricas que se manifestam ao redor de certos doentes: ...comoções fluídicas, giramento de móveis [mesas giratórias-espiritismo], suspensões [levitação], atiramentos de pedras [fenômeno poltergeist]... É a natureza que se atormenta ao redor de um cancro que quer extirpar, de uma chaga que quer fechar, ao redor de um tipo de vampiro cuja morte quer terminar para remergulhá-lo na vida.

FIM DO VOLUME IV
► Retorno: [Índice de Volumes](#)

Bibliografia do Pesquisador

BABILÔNIA BRASIL. In <<http://www.angelfire.com/me/babiloniabrasil/magic1.html>> — acessado em 27/05/2005

BLAVATSKY, Helena Petrovna. Doutrina Secreta. São Paulo: Pensamento, 2003.

CULTURE OF IRAN. IN <<http://www.cultureofiran.com/>> acessado em maio de 2005

DICIONÁRIO de Mitologia Greco-Romana — São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ENOCH. O livro de Enoch, o Profeta: a revelação dos anjos. [Trad. Getúlio Elias Schanosky Jr.] — São Paulo: Madras, 2004.

GRANDES IMPÉRIOS E CIVILIZAÇÕES Enciclopédia. Mesopotâmia vol. I. Madrid: Ed Prado, 1997.

JOCASTIAN, Ayisha. O Livro de Nod. Edição on line.
In<http://pwp.netcabo.pt/dtangel/Livro_de_nod.pdf> acessado em 21/02/2005

MacNALL BURNS, Edward. História da Civilização Ocidental, vol. I. Porto alegre: Globo, 1975.

PAPUS (Gerard Anaclet Vincent Encausse). Tratado Elementar de Magia Prática. São Paulo: Pensamento, 1995.

SOUTO MAIOR, A. História Geral. **As civilizações iranianas**, p 43. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

μ α η α β α ρ α τ η α



estudo

História da Magia

de Eliphas Levi

ÍNDICE

LIVRO V — OS ADEPTOS E O SACEDÓCIO

Capítulo I: Sacerdotes e Papas Acusados de Magia

Capítulo II — Aparição dos Boêmios Nômades

Capítulo III — Lenda e História de Raimundo Lullo

Capítulo IV — Alquimistas

Capítulo V — Feiticeiros e Mágicos Célebres

Capítulo VI — Processos de Magia

Capítulo VII — Origens Mágicas da Maçonaria

LIVRO V OS ADEPTOS E O SACERDÓCIO

Capítulo I - Sacerdotes e Papas Acusados de Magia

Desde as profanações e as impiedades dos gnósticos a Igreja procreveu a Magia. O

processo dos Templários consolidou a ruptura e, desde aquela época, a Magia, reduzida a esconder-se na sombra, por sua vez, proscreveu a Igreja. ...Os adeptos dissimulavam seus ressentimentos e suas doutrinas; ligaram-se entre si por juramentos terríveis e, sabendo o quanto importa [a opinião pública], adotaram a estratégia de acusar seus acusadores; empenharam-se em disseminar entre o povo a idéia de que o sacerdócio era uma escola de Magia Negra.

É injustiça lançar sobre todos os sacerdotes os crimes de alguns homens que dele se achavam revestidos. Um homem, qualquer que seja, pode ser mau; um verdadeiro sacerdote é sempre caridoso. ...Porém, não desse modo que entendiam os falsos adeptos ...e para apoiar suas calúnias eles inventaram fábulas. Os Papas, **diziam eles**, eram devotados ao espírito das trevas desde o século X. O sábio Gobert, que foi investido no papado sob o nome de **Silvestre II**, confessara sua ligação com a magia negra na ocasião de sua morte. **Honório III**, que confirmou a ordem de São Domingos [Dominicanos] e que pregou as Cruzadas, era um abominável necromante, supostamente autor de um engrimango [conjunto de fórmulas de magia] que ainda hoje leva seu nome e seria exclusivamente reservado aos sacerdotes. Mostrava-se e comentava-se este engrimango...

Silvestre II

Houve historiadores malévolos que deram crédito a estas mentiras. Platino, cronista escandaloso do Papado, repetiu as calúnias contra Silvestre II: era versado nas ciências matemáticas e na Cabala evocara o demônio a fim de obter o pontificado. O diabo prometera e anunciou que ele somente morreria em Jerusalém e o Papa-mago fez, internamente, voto de nunca ir a Jerusalém. Feito Papa, um dia, rezando a missa numa igreja de Roma, sentiu-se gravemente doente. Lembrou-se, então, que a capela onde estava chamava-se Santa Cruz de Jerusalém. Compreendeu que tudo estava acabado e mandou estender um leito na capela. Chamou ao redor de si os cardeais e confessou em alta voz ter tido contato com demônios.

Ordenou que após sua morte o pusessem numa carroça de madeira nova com dois cavalos atrelados, um preto e outro branco; que soltassem estes cavalos sem guiá-los e enterrassem seu corpo no lugar onde estes cavalos parassem. A carroça percorreu ruas de Roma e foi parar diante da igreja de Latrão. Então, foram ouvidos gritos e gemidos; depois, tudo voltou ao silêncio e pôde-se proceder ao sepultamento.

[Ainda de acordo com a crônica de Platino] ...o túmulo de Silvestre II permanece feiticeiro [encantado ou assombrado]; ele chora profeticamente na iminência de queda dos Papas; no fim da vida dos pontífices "ouve-se o estremecer e entrechocar dos ossos malditos de Gebert". Um epitáfio gravado sobre este túmulo "atestaria"

esta maravilha... Platino, bibliotecário do Vaticano durante o pontificado de Sixto IV escreveu a história dos Papas. Ele viveu em Roma, onde era fácil verificar [que não existe no túmulo tal epitáfio].

[As acusações contra Silvestre II são falsas] ...Para fazer cair a acusação de feitiçaria ...bastaria dizer que ele era o homem mais sábio de seu tempo... Conhecia a fundo as matemáticas [a física, astronomia, mecânica]...e construiu na cidade Reims, segundo Guillaume Malmesbery, máquinas hidráulicas tão maravilhosas que a água executava nelas sinfonias e tocava árias agradáveis. Na cidade de Magdeburgo, montou um relógio que marcava todos os movimentos do céu e a hora do despontar e do pôr das estrelas. [Possuía] uma erudição universal. ...Preferia instruir os príncipes a excomungá-los e, possuindo o favor de dois reis de França e de três imperadores, ele não tinha necessidade ...de se dar ao diabo para subir aos arcebispados de Reims e de Ravena e por fim, o Papado.

O Grimório de Honório III

Honório III foi um dos mais zelosos pontífices do século XIII; a ele [os caluniadores] atribuíram a autoria deste "livro ímpio". [Seu nome era] Cêncio Savelli, coroado Papa em 1216, confirmou a ordem de São Domingos... Estabeleceu também os Franciscanos e os Carmos, pregou uma Cruzada, governou sabiamente a Igreja... Acusar de Magia Negra este Papa tão eminentemente católico é fazer pairar a mesma suspeita sobre as grandes ordens religiosas instituídas por ele...

...O Grimório não deixa de ter importância para os curiosos da ciência. À primeira vista, parece não ser mais do que um tecido de absurdos revoltantes; mas para os iniciados nos sinais e nos segredos da Cabala, ele tornou-se um verdadeiro monumento da perversidade humana: o diabo aí se mostra como um instrumento de poder. A doutrina deste Grimório é a mesma de Simão e da maioria dos Gnósticos...

"A fatalidade reina pelas matemáticas e só há um Deus que é a Natureza. Os dogmas são o acessório do poder sacerdotal e impõem-se à multidão para justificar o sacrifício. O iniciado está acima da religião, de que ele se serve, e diz absolutamente o contrário do que crê. A obediência não se motiva: impõe-se. Os iniciados são feitos para mandar, os profanos para obedecer.

A LÓGICA DO GRIMÓRIO - O Prólogo do Grimório, transcrito por inteiro:

"A santa sede apóstólica, a quem foram dadas as chaves do reino dos céus, por estas palavras de Jesus Cristo a São Pedro: ***Eu te dou as chaves do reino dos céus***, tem poder de comandar somente [justamente!] o príncipe das trevas e seus anjos pois, como criados a seus amos, lhe devem [os

demônios ao Papado] honra, glória e obediência em virtude destas outras palavras dirigidas por Jesus Cristo ao próprio Satã: ***Tu não servirás senão a um só Senhor.*** Pela obediência a estes decretos, o chefe da Igreja foi feito o Senhor dos Infernos."

Eis aí o pontificado dos infernos... Segue-se a bula infernal do "pontífice". O mistério das evocações tenebrosas se acha aí exposto... Os jejuns, as vigílias, os mistérios profanados, as **cerimônias alegóricas**, os sacrifícios sangrentos...

Capítulo II

Aparição dos Boêmios Nômades - Ciganos

No começo do século XV, espalharam-se pela Europa bandos de viajantes morenos e desconhecidos. Eram chamados **Boêmios**. porque diziam que vinham da Boêmia, ou então eram **Egípcios**, porque seu chefe tomava o nome de "duque do Egito". Eles exerciam a adivinhação, o saque e o roubo. Eram hordas nômades. Viviam em tendas, sua religião era desconhecida, apesar de se dizerem cristãos... Inimigos do trabalho, eles não respeitavam nem a propriedade nem a família e perturbavam, com sua pretensa adivinhação, a paz das pessoas de bem e dos lares honestos. [Diz o cronista descrevendo] seu primeiro acampamento na vizinhança de Paris:

No ano seguinte, 1427, domingo, 17 de agosto, chegaram aos arredores de Paris doze deles dizendo-se penitentes... muito bons cristãos e originários do baixo Egito. ...[Teriam sido invadidos por Sarracenos que exigiram a conversão ao islamismo, os que recusaram morreram ou fugiram. O pecado dos que renegaram Jesus pesava sobre todo o povo e por isso foram a Roma buscar salvação com o Papa. O pontífice, tendo-os ouvido, lhes dera como penitência o destino de andar pelo mundo durante sete anos sem deitar-se em cama nenhuma e por isso, há cinco anos viviam como nômades.]

Eram cerca de 120 pessoas incluindo mulheres e crianças. Afirmaram que ao deixar seu país eram cerca de mil e duzentas pessoas; haviam morrido no caminho e os aqueles que sobreviveram esperavam possuir bens ainda neste mundo, porque o Santo Padre lhes prometera país bom e fértil, logo que terminassem sua penitência. ...Seus filhos, rapazes e moças, eram extraordinários escamoteadores. Quase todos tinham orelhas furadas e em cada uma, um ou dois anéis de prata; diziam que era de nobreza em seu país. Tinham a pele escura e os cabelos encarapinhados.

As mulheres eram as mais feias que se possam ver: todas tinham o rosto coberto de chagas, os cabelos negros como cauda de cavalo e por vestido tinham uma velha *flaussoie*... Eram as mais pobres criaturas que porventura já se viram na França. Não obstante sua pobreza, tinham eles feiticeiros que olhavam as mãos da gente e diziam a cada um o que lhes acontecera e o que lhes devia acontecer. ...Isto chegou ao conhecimento do Bispo de Paris, o qual lá foi ...e fez ver a eles que deviam ir embora...

Ninguém sabe se eles continuaram sua viagem... mas certo é que a lembrança deles ficara... Existe um bosque, perto da aldeia de *Hamel*, a quinhentos passos de um monumento de seis pedras drúidicas, uma fonte chamada *Cozinha dos Feiticeiros*. Diz a tradição que lá repousavam os *Caras Maras*, os quais são certamente os Caras'mar, isto é, boêmios, feiticeiros e advinhadores ambulantes... Eles deixaram Paris, mas em seu lugar chegaram outros... Ninguém os viu desembarcar nem na Inglaterra nem na Escócia, apesar de haver mais de cem mil deles neste último reino.

A partir desta época eles são geralmente conhecidos por todo o continente europeu. ...Bom ou mal grado, vão sendo suportados. ...Muitos deles, cansados de erigir suas tendas, resolveram fixar-se e cavam *bordeils*, cabanas quadradas de quatro a seis pés debaixo da terra e cobertas com ramos... É nesta toca ...que se aglomera promiscuamente toda uma família.

...Mr. Vaillant, autor de uma **História especial do Rom-Muni** ou Boêmios, ...não faz deles um retrato lisonjeiro. ...Conta-nos o autor como estes protestantes estranhos das civilizações primitivas, atravessando as idades com uma maldição na fronte e a rapina nas mãos, excitaram a princípio a curiosidade, depois a desconfiança e por fim, a proscricção e o ódio dos Cristãos na Idade Média. Muito cedo, o povo passou a vê-los como feiticeiros, demônios, lançadores de sorte, raptadores de crianças... Por toda parte foram acusados de celebrar em segredo horrendos mistérios e feitos responsáveis por todos os roubos misteriosos.

Capítulo III

Lenda e História de Raimundo Lullo



Romance

Corria o ano de 1250. Em Palma, na ilha de Mayorca, Ambrósia, uma dama bela e sábia dirigia-se à igreja. Pela rua passava um cavaleiro de alto porte e ricamente vestido; vê a senhora: pára fulminado. Ela entra no templo ...O cavaleiro, transtornado, arremessa seu cavalo e entra atrás dela no meio dos fiéis aterrorizados causando grande rumor. Foi um escândalo. O cavaleiro é o conhecido Senhor Raimundo Lullo, mordomo-mor das ilhas e dono do paço. Ele é casado; tem dois filhos e uma filha. Madame Ambrósia di Castelo também é casada e tem uma reputação sem mancha.

Raimundo Lullo era tido como grande sedutor. Sua entrada eqüestre na igreja de Palma causou grande sensação na cidade. Ambrósia, confusa, consultou o marido que era, sem dúvida, um homem prudente; ele não considerou ofensa a atitude de Lullo, mas elogia à beleza da mulher e aconselhou Ambrósia a curar seu louco adorador pela loucura mesma de que ela era causa. Raimundo Lullo escrevera à senhora para desculpar-se: o que ela lhe inspirava, dizia ele, "era estranho, sobre-humano, fatal; ele respeitava sua honra, sua afeição, que sabia pertencer a outro; mas precisava expressar seu amor, precisava de dedicações, de sacrifícios a fazer, de milagres a realizar, de penitências, das proezas de um cavaleiro errante..."

Ambrósia lhe respondeu: "Para viver um amor que dizeis ser sobre-humano ser-me-ia necessária uma existência imortal. ...Dizem existir um elixir da vida. Procurai-o! E quando estiverdes certo de vossa descoberta, vinde ver-me. Até lá vivei para vossa mulher e vossos filhos, como eu viverei para meu marido, que eu amo, e se me encontrardes na rua, não me reconheçais."

Era uma saída graciosa que mandava o enamorado para as calendas gregas; mas ele

não compreendeu assim e a partir daquele dia, o brilhante senhor desapareceu para dar lugar a um sombrio e grave alquimista. Passaram-se anos. A mulher de Raimundo Lullo morreu, Ambrósia di Castelo ficou viúva. O alquimista parecia tê-la esquecido e somente se ocupava da Grande Obra. Um dia, estava a viúva em sua casa quando anunciaram-lhe Raimundo Lullo.

Estava velho, pálido, calvo; trazia um frasco cheio de um elixir vermelho como fogo. Avançou cambaleando, procurando a amada com os olhos. Estava em sua frente mas ele não a reconheceu porque em seu pensamento, ela era sempre moça e bela, como naquele dia, na igreja de Palma.

— Sou eu — ela diz — que deseja?

Ouvindo-lhe a voz, o alquimista estremeceu, reconheceu Ambrósia e, delirante, enxerga a moça de outrora; lançando-se a seus pés, estendeu o frasco:

— Toma — disse ela — bebe, é a vida. Pus aí dentro trinta anos da minha vida mas eu o experimentei, estou certo disso, é o elixir da imortalidade.

— Como o experimentaste? — pergunta Ambrósia com um triste sorriso.

— Há dois meses, depois de ter bebido uma quantidade de elixir igual a esta, abstive-me de todo alimento. A fome torceu-me as entranhas mas não morri e posso dizer que sinto em mim mais vida e mais força que nunca.

— Eu vos creio — disse Ambrósia — mas este elixir que vos conserva a vida não faz voltar a mocidade... Meu pobre amigo, olhai-vos — e apresentou-lhe um espelho.

Raimundo recuou. Nunca, nos últimos trinta anos ele pensara em mirar-se.

— Agora, Raimundo, olhai-me — disse ela — descobrindo seus cabelos brancos. — Depois, desprendendo o alfinete de seu vestido, mostrou-lhe o seio que tinha sido destruído por um cancro. — É isto que quereis imortalizar?... Ouvi-me: há trinta anos que vos amo e não quero condenar-vos à prisão perpétua no corpo de um velho; não me condeneis a isto. Dai-me a graça da morte. Deixa que eu me transforme para reviver, retemperamo-nos na juventude eterna. Eu não quero vosso elixir que prolonga a noite do túmulo; eu aspiro a imortalidade.

Raimundo Lullo lançou ao chão o frasco, que se quebrou.

— Eu vos liberto — disse ele — e fico por vós na prisão. Vivei na imortalidade do céu. Eu estou condenado para sempre à morte viva sobre a Terra.

Escondendo o rosto entre as mãos, ele se retirou banhado em lágrimas. Alguns meses depois, um monge da ordem de São Francisco de Assis assistia Ambrósia di Castelo em seus últimos momentos. Este monge era Raimundo Lullo...

Lenda

A lenda diz que o alquimista viveu ainda muitos séculos em expiação. Nas ocasiões em que deveria naturalmente morrer, o pobre adepto sentia todas as dores da agonia, tinha crises extremas e depois sentia a vida retomá-lo... Ele orava e dedicou sua existência às boas obras. Deus lhe concedia todas as graças exceto a morte. Ele estudava muito: compreendeu o ser e suas harmonias, adivinhou a Cabala, lançou as bases e traçou o plano de uma ciência universal e desde então foi chamado de *doutor iluminado*.

Ele, que sabia fazer ouro e podia comprar o mundo não tinha direito ao descanso do túmulo. Era o pobre da imortalidade. Por toda parte ele ia mendigando a morte que ninguém podia dar. Resolveu lutar contra o Islamismo e se expor aos fanáticos. Tomou como criado um jovem árabe na frente do qual atacava a doutrina de Maomé. O árabe assassinou seu amo, exatamente como Lullo esperava. Mas ele não morreu. Persistente, foi para Túnis pregar o cristianismo mas o rei, admirando sua ciência e coragem, salvou-o do furor do povo e mandou-o embora com todos os seus livros. O alquimista e missionário cristão Raimundo Lullo esteve outras cidades muçulmanas da África; ninguém ousava pôr as mãos nele.

Regressou então a Túnis e reunindo o povo nas ruas exclamava que fora expulso do país mas voltava para desmascarar os dogmas ímpios de Maomé e morrer por Jesus Cristo. Conseguiu que a turba furiosa o perseguisse. Foi espancado, apedrejado, mas não morria, embora ferido, quebrado. Por fim, as pedras que lhe atiravam cobriram-no completamente. Na noite seguinte, dois negociantes genoveses, navegando junto à costa de Túnis, viram uma grande luz que se elevava próxima ao porto. Foram até o lugar e encontraram um monte de pedras de onde saíam os raios da esplendorosa luz. Removendo as pedras, encontraram Lullo, quebrado e vivo. Embarcaram-no em seu navio e o levaram até Majorca, sua pátria. Ao avistar a ilha, o mártir expirou. Deus o libertava, a penitência terminava.

História

Raimundo Lullo, o filósofo e adepto que morreu sendo considerado "Doutor Iluminado" era, na verdade, filho deste Senhor de Majorca que ficou célebre por sua paixão por Ambrósia di Castelo. O Raimundo Lullo alquimista não compôs o elixir da imortalidade mas foi aquele que produziu ouro para o rei Eduardo III, da Inglaterra.

Este ouro foi chamado *ouro de Raimundo* e existem ainda moedas, muito raras, conhecidas como *raimundinas*. Sobre Raimundo Lullo, L. Figuier escreveu em seu *Doctrines et Travaux des Alchimistes*:

"Raimundo Lullo, foi um gênio que alcançou todos os ramos dos conhecimentos humanos, como exposto em seu livro *Ars Magna* - Magna Arte. ...Ele aperfeiçoou e descreveu com cuidado diversos compostos que estão muito em uso na química. A ele devemos a preparação do carbonato de potássio por meio do tártaro e por meio das cinzas de lenha, a retificação do espírito do vinho, a preparação dos óleos essenciais, a purificação da prata e a preparação do mercúrio doce."

Raimundo Lullo encerrou em seu testamento filosófico todos os princípios desta ciência [química] mas de um modo velado, como era uso e dever de todos os adeptos. Este estudioso foi o primeiro iniciado depois de São João que se dedicou ao apostolado hierárquico da santa ortodoxia. Toda a sua vida foi dedicada a fundações pias e aos trabalhos científicos. Em 1276, fundou em Roma um colégio de franciscanos onde era ensinada a língua árabe, com o propósito de refutar os livros dos doutores mamometanos e de pregar aos mouros a fé cristã. João XXI confirmou esta instituição, o colégio, no primeiro ano de seu pontificado.

Entre os anos de 1293 e 1311, ele solicitou e obteve do Papa Nicolau IV e dos reis de França, Sicília, Chipre e Mayorca o estabelecimento de muitos colégios para o estudo de línguas. Por toda parte ensinou sua grande arte, que é uma síntese universal dos conhecimentos humanos e tem por objetivo estabelecer entre os homens uma só língua... Na Espanha, em Compluto, fundou uma academia para estudo de línguas e ciências. Reformou muitos conventos, viajou pela Itália recrutando soldados para uma nova ordem militar.

Raimundo Lullo morreu em 1314 ou 1315 aos oitenta anos, segundo Genebard. Discípulo dos grandes cabalistas, ele queria estabelecer uma filosofia universal universal e absoluta. Queria substituir as abstrações convencionais, os termos ambíguos da escolástica por um verbo simples, popular. ...Raimundo Lullo define as coisas pelo seu nome mesmo e não por sinônimos; depois, explica os nomes pela etimologia.

À pergunta: "Que é o homem?" - Responderá: esta palavra tomada na acepção geral significa a condição humana; tomada numa acepção particular, designa a pessoa humana. Mas, que é a pessoa humana? Originariamente é a pessoa que Deus fez dando um sopro de vida a um corpo tirado da terra - ou *humus*. ...As pessoas habituadas aos termos científicos dirão que qualquer um poderia dizer o mesmo que diz o doutor iluminado; que ele raciocina como uma criança; que com esse método todo mundo seria sábio e que se preferiria o bom senso da gente do povo à doutrina dos acadêmicos. "É isso que eu quero" - diria simplesmente Raimundo Lullo.

[A teoria de Lullo pode ser classificada de pueril, infantil, tão pueril quanto a moral daquele que disse: "Se não vos tornardes como crianças não entrareis no Reino dos Céus".] Raimundo Lullo queria opor a Cabala tornada cristã à magia fatalista dos árabes, às tradições do Egito e da Índia, opor a magia da luz à magia das trevas. Ele dizia que nos últimos tempos, as doutrinas do Anticristo seriam de um **realismo materializado e que então ressuscitariam todas as monstruosidades da magia má...**

Capítulo IV Alquimistas



Neste capítulo, Eliphas Levi continua econômico com o conteúdo histórico-biográfico e pouco diz sobre a vida e a obra dos alquimistas que relaciona no início do capítulo: Nicolau Flamel, Abade Tritemo, Cornélio Agripa, Guilherme Postel e Paracelso.

Flamel pertence exclusivamente à alquimia; por isso, só faremos menção dele para falar deste livro hieroglífico de Abraão, o Judeu, [refere-se ao Taro] no qual o alquimista encontrou as chaves da grande obra. ...A tradição assegura que Flamel não morreu e que ele enterrou um tesouro debaixo da torre de Saint Jacques-la-Boucherie [residência de Flamel]. ...Depois de Flamel vieram Bernardo de Trevisan, Basílio Valentino e outros alquimistas célebres.

Em 1480 apareceu **João Tritemo**, mestre de Cornélio Agripa e o maior mágico dogmático da Idade Média. Tritemo era um abade da ordem de São Benedito, de irrepreensível ortodoxia e de conduta regular. ...Todos os seus trabalhos mágicos tratam da arte de ocultar os mistérios. Escreveu *Tratado das Causas Segundas* e ainda uma história da magia toda em pentaclos: *Veterum Sophorum Sigilla et Imagines Magicae*, onde dá a chave de todas as escrituras ocultas e explica, em termos velados, a ciência real dos encantamentos e evocações. Tritemo é, em magia, o mestre dos mestres e não hesitamos em proclamá-lo o mais sábio dos adeptos.

Cornélio Agripa: durante toda sua vida foi um investigador que não achou nem a verdadeira ciência nem a paz. Os livros de Agripa são cheios de erudição e ousadia. Com seu caráter fantasioso e independente ganhou fama de ser um abominável feiticeiro. Foi perseguido pelo clero e pelos príncipes. Morreu pobre e abandonado.

Guilherme Postel Era filho de um pobre camponês dos arredores de Barenton, na Normandia; à força de perseverança e sacrifícios conseguiu instruir-se, tornando-se cedo o homem mais sábio de seu tempo; a pobreza o acamponhou sempre e a miséria o forçou, às vezes, a vender seus livros. Postel trabalhava como um mouro para ganhar um pedaço de pão e voltava em seguida para estudar. Aprendeu todas as línguas conhecidas e todas as ciências de seu tempo; descobriu manuscritos preciosos e raros, como os Evangelhos Apócrifos e o Sepher Jesirah; ele mesmo iniciou-se nos mistérios da Cabala ...e quis revelá-la ao mundo.

...Escreveu ...*A Chave das Coisas Ocultas Desde o Princípio do Mundo*. Ele enviou este livro aos padres do Concílio de Trento, conjurando-os a entrar na senda da conciliação e a síntese universal. Ninguém o compreendeu, alguns o acusaram de heresia, os mais moderados se contentaram em dizer que ele era louco.



Doutrina de Postel - A Trindade, dizia ele, fez o homem à sua imagem e semelhança. O corpo humano é duplo e sua unidade ternária compõe-se da união de duas metades; a alma humana também é dupla: ela é *animus* e *anima*, espírito e ternura; ela [a alma] tem dois sexos, o sexo paterno, que tem sede na cabeça e o sexo materno, que reside no coração. O cumprimento da redenção da humanidade deve ser duplo. ...O Verbo fex-se homem mas só quando ele se fizer mulher é que o mundo virá a salvar-se. É o gênio materno da religião que ensinará aos homens as sublimes grandezas do espírito de caridade e então a razão se conciliará com a fé...

Mãe Joana - esta personagem foi uma espécie de mestre espiritual de Guilherme Postel. Ele a considerava "iluminada". As relações místicas de Postel e desta religiosa duraram cerca de cinco anos depois dos quais ela morreu; teria aparecido a Postel do além-túmulo:

"Ela cumpriu sua palavra. Veio visitar-me em Paris; esclareceu-me com sua luz, conciliou minha razão com minha fé. Sua substância e corpo espiritual, dois anos depois de sua ascensão ao céu, desceu em mim e estendeu-se sensivelmente por todo o meu corpo de tal modo que é ela e não eu quem vive em mim."

Depois desta época Postel passou a chamar a si mesmo de "o ressuscitado", *Postellus restibulus* e, de fato, ocorreu nele um fenômeno singular: seus cabelos, de brancos que eram, tornaram-se negros; suas rugas desapareceram e a cor rosada da mocidade espalhou-se em seu semblante. No fim de sua vida, seus superiores eclesiásticos acharam por bem enclausurá-lo num convento pelo resto de seus dias.

Paracelso

Teófrasto Aurélio Bombast, o Paracelso, é conhecido por ser o renovador da medicina oculta. ...Ele curava por *simpatia de luz*; aplicava os medicamentos, não no corpo exterior e material mas a esse médium interior [o corpo astral] ...princípio das sensações cuja quintessência ela reavivva por quintessências simpáticas. Assim, por exemplo, ele curava feridas aplicando reativos poderosos no sangue derramado, [que contendo em si uma conexão simpática com o corpo de origem produzia naquele corpo o reflexo da medicação aplicada no sangue]. Para curar um membro doente ele fazia um membro de cera ao qual ele dava pelo poder de sua vontade, o magnetismo do membro doente; o paciente reagia, por correspondência magnética, ao tratamento aplicado ao símile.

Mistérios do Sangue

Paracelso conhecia os *mistérios do sangue*. ele sabia por quê os sacerdotes de Baal faziam em si mesmos incisões com faca para fazer descer o fogo do céu. Sabia por quê os orientais que querem inspirar a uma mulher o amor físico, espalham seu sangue diante dela. Sabia como o sangue derramado clama vingança ou misericórdia e enche o ar de anjos ou demônios. É o sangue, com efeito, instrumento dos sonhos, é ele que faz abundar as imagens em nosso cérebro durante a noite, porque o sangue é cheio de luz astral.

Tais eram os segredos que Paracelso conhecia e era aplicando na medicina as forças ocultas da natureza que ele fazia tantos admiradores e tantos inimigos. ...Sua vida foi uma luta incessante: ele viajava, escrevia, medicava, ensinava. [Considerado profeta] ... deixou escritos que devem ser lidos com precaução [porque ele não é um verdadeiro mestre adepto]. ...Morreu ainda moço esgotado por seus trabalhos e seus excessos.

Capítulo V Feiticeiros e Mágicos Célebres

Lutero e o Diabo

Não foi certamente Lutero que fez a reforma [Reforma Protestante] mas a reforma apoderou-se de Lutero... Ele julgava-se obsedado pelo diabo; o diabo ditava-lhe argumentos contra a Igreja, o diabo o fazia raciocinar, disparatas e sobretudo escrever. ...Lutero sentia e odiava o diabo. ..."Antes turco que papista", era a divisa

de Lutero. ...Os protestantes são, do ponto de vista do dogma católico, muçulmanos com algumas superstições a mais e um profeta a menos. ...Os homens renunciam mais voluntariamente a Deus que ao diabo... Os discípulos de Lutero, cedo divididos pela anarquia, não tinham mais entre eles que um laço de crença comum: eles acreditavam todos em Satanás.

Renascença

A época da Renascença, dissoluta, perseguidora e crédula, não foi certamente a renascença da razão. Catarina de Médicis era feiticeira, Carlos IX consultava necromantes, Henrique III fazia partidos de devoção e de depravação. ...Era o tempo dos astrólogos ...Os feiticeiros da corte, não raro, eram envenenadores...

Henrique III - Quando foi jurado de morte, o fraco e miserável Henrique III, foi objeto dos feitiços da Magia Negra. ...A imagem de cera do rei achava-se colocada sobre altares onde sacerdotes celebravam missa. Ali a figurinha era espetada e eram pronunciadas orações de maldição e anátemas. Como o rei não morreu, concluíram daí que ele era feiticeiro. ...O rei tinha entre os seus favoritos uma personagem desconhecida que era o diabo em pessoa... O povo dava crédito a essas fábulas e enfim apareceu um fanático para realizar o que os feitiços não puderam fazer: Jacques Clemente teve visões, ouviu vozes imperiosas e matou o rei. ...

Enquanto as guerras religiosas ensanguentavam o mundo as sociedades secretas do Iluminismo, não mais que escolas de Teurgia e Alta Magia, cresciam sobretudo na Alemanha. A mais antiga dessas sociedades parece ter sido a dos Rosa-Cruzes... Na primavera de 1623, viu-se fixada nas ruas de Páris esta estranha proclamação:

"Nós, deputados dos irmãos rosa-cruzes, temos morada visível e invisível nesta cidade, pela graça do Altíssimo, para o qual se volta o coração dos sábios: ensinamos, sem nenhuma sorte de meios exteriores, a falar as línguas dos países que habitamos e tiramos os homens, nossos semelhantes, do terror da morte.

Se alguém tiver vontade de ver-nos somente por curiosidade, este não se comunicará nunca conosco; se sua vontade o leva realmente e de fato a inscrever-se sob os registros de nossa confraternidade, nós, que julgamos conhecendo os pensamentos, far-lhe-emos ver a verdade de nossas promessas, de tal modo que não indicamos o lugar de nossa morada visto como o pensamento, unido à vontade real do leitor, será capaz de nos fazer conhecer a ele e ele a nós."



Henrique Khunrath

É um personagem pouco conhecido: Henrique Khunrath nasceu em 1502. Era médico e químico. Tinha 42 anos quando alcançou a alta iniciação teosófica. É considerado um mestre... É um príncipe soberano da rosa-cruz. A mais notável de suas obras, *Anfiteatro da Sabedoria Eterna*, foi publicada em 1598. Este livro extraordinário contém todos os mistérios da mais alta iniciação; ele é, como se anuncia no título: *Cristiano-cabalístico, divino mágico, físico-químico, triplo único e universal*. É um verdadeiro manual de Alta Magia e de filosofia hermética e, a não ser no Sepher Jesira e Sohar [Zohar], em parte alguma se poderá encontrar uma mais completa e perfeita iniciação.

Alquimistas no Século XVIII

O começo do século XVIII foi a grande época da alquimia. São nomes de destaque do período: Felipe Muller, John Torneburg, Miguel Mayer, Potério, Samur Northon, barão de Beausoleil, David Planiscampe, John Duchesne, Robert Flud, Benjamin Mustafá, Irineu Philatele, Rodolfo Glauber e o sublime sapateiro Jacó Boheme.

Capítulo VI Processos de Magia

**"Só há um bem verdadeiro a desejar,
a sabedoria, só há um mal a temer, é loucura."**

Introdução

O mal moral com efeito, a maldade, o crime não são outra coisa que uma loucura ...e o padre Hilário Tissot tinha sua dose razão quando diz em suas brochuras ...que em lugar de punir os criminosos seria preciso tratá-los e curá-los. [Entretanto] ...nossa razão protesta contra esta interpretação demasiado caritativa do crime... Comparamos a loucura à embriaguês e considerando que a embriaguês é quase sempre voluntária, concordamos com a sabedoria dos juízes que, desconsiderando a perda momentânea da razão, punem sem piedade os delitos e crimes cometidos na embriaguês. Virá o dia em que a embriaguês será contada entre as circunstâncias agravantes [O ocultista acertou: o Código Penal Brasileiro considera a embriaguês como condição de agravamento da pena nos crimes em geral, como no caso de atropelamentos e acidentes outros do trânsito de automóveis]

Coitado do homem que se embriaga seja de vinho, seja de orgulho, seja de ódio, seja de amor! Ele é cego, é injusto, é joguete da fatalidade; é um flagelo que caminha, calamidade viva. Ele pode matar, pode violar, é um louco sem cadeias. Cuidado com ele! A sociedade tem direito de defender-se; é mais do que um direito, é um dever porque ela tem filhos.

Leis & Magia

[Quando se fala de processos, de poderes jurídicos aplicados a condutas ligadas à magia, freqüentemente fala-se de loucura e de embriaguês.] ...A Igreja foi por demais acusada, e a sociedade também, de morticínio judiciário praticado em loucos; admitimos que os feiticeiros eram loucos; mas eram loucos de perversidade; se entre eles pereceram alguns doentes inocentes, são desgraças [inevitáveis em uma realidade construída por seres imperfeitos e falíveis]. Todo homem condenado segundo as leis de seu país e as formas judiciárias do seu tempo é justamente condenado... Sócrates, condenado a morte, teria podido fugir e seus próprios juízes facilitariam sua fuga; mas ele respeitou a leis e quis morrer.

É às leis e não aos tribunais da Idade Média que se deve responsabilizar pelo rigor de certas sentenças. Porém, crimes como o de Gilles de Laval - O Barba Azul, deveriam permanecer impunes em nome de uma loucura questionável? Eram inocentes estas horríveis multidões que compunham filtros com os miolos das criancinhas? Naquela época, a Magia Negra era a loucura geral. ...A feitiçaria, em muitas localidades, tornava-se epidêmica e os suplícios pareciam multiplicar os culpados.

Os condenados são na maioria alucinados e idiotas; mas são idiotas maus e alucinados perigosos. As paixões eróticas, a cupidez e o ódio são as causas principais

de transvio da razão. Os feiticeiros medievais eram capazes de tudo. Diz Spencer que as feiticeiras se entendiam com as parteiras para lhes comprar cadáveres de recém-nascidos. As parteiras matavam estes inocentes no momento mesmo de seu nascimento. [À noite, as *estriges* iam resgatar os bêbes enterrados.] ...Ferviam o cadáver com ervas narcóticas e venenosas... [Por outro lado] ...quando se vê a credulidade e a crueza dos juízes, as falsas promessas de perdão que empregavam para obter confissões, as torturas atrozes, as visitas obscenas... e depois de tudo isso, a fogueira na praça pública... [Diante de tais fatos] ...só a religião permanece santa... os homens [sejam juízes ou réus, podem ser] igualmente idiotas e celerados.

Casos Notáveis

1599, Dôle - Uma mulher, Antide Aollas, foi queimada porque sua conformação sexual tinha alguma coisa de fenomenal que não se podia explicar senão por um comércio infame com Satã. A infeliz, posta e reposta em tortura, despojada, sondada, visitada em presença de médicos e juízes, morta de vergonha e dores, confessou tudo para acabar com aquele martírio.

Rolanda de Vernois - Esta mulher de 35 anos foi esquecida numa prisão tão glacial que prometeu confessar-se culpada de magia se a deixassem aproximar-se do fogo. Ao sentir o calor, caiu em convulsões terríveis, teve febre, delírio e neste estado, foi levada à tortura. Ela disse tudo que mandaram dizer e foi arrastada, moribunda, até a fogueira.

Luis Gaufridi - Foi o processo mais escandaloso do começo do século XVII. Gaufridi era cura da paróquia *des Accoules*, em Marselha. Era um sacerdote acusado por sacerdotes! [Assim deu-se o caso:] ...Em dezembro de 1610, uma moça de Marselha, **Madalena de la Palud**, tendo ido em peregrinação a Saint-Baume, em Provença, foi ali tomada de êxtase e convulsões. Outra devota, **Luiza Capeau**, foi logo atingida pelo mesmo mal. Dominicanos e Capuchinhos julgaram que era o demônio e fizeram exorcismos: ...elas gritavam, torciam-se e pediam que lhes batessem e pisassem. [Dizia Madalena que] ...entregara-se ao diabo de corpo e alma; era noiva do demônio [e tudo isso] por intermédio de um sacerdote chamado Gaufridi.

Em vez de enclausurarem esta louca, ouviram-na; e os padres capuchinhos despacharam para Marselha três agentes para informarem secretamente os superiores eclesiásticos do que se passava em Saite-Baume e trazer, se possível, sem violência nem escândalo, o cura Gaufridi para acareá-lo com os pretensos demônios. Enquanto isso, registravam por escrito as inspirações infernais das duas histéricas, discursos de uma devoção ignorante e fanática... As possesas pareciam narrar os sonhos dos que as interrogavam, como no fenômeno das mesas falantes e

médiuns de nosso tempo [o autor escreve no século XIX, quando a doutrina espírita proliferava na França]. Na presença destes demônios feitos à sua imagem e semelhança, os padres não duvidaram mais da possessão e da veracidade dos espíritos infernais; e foi assim que receberam o infeliz Gaufridi.

Gaufridi era um sacerdote assaz mundano, figura agradável, caráter fraco e de moralidade mais que suspeita. Ele fora confessor de Madalena de la Palud e inspirara-lhe uma profunda paixão. Esta paixão, transformada em ódio pelo ciúme, ...arrastou o sacerdote à fogueira. ...Tudo o que podia dizer o acusado para defender-se voltava-se contra ele. [Submetido à tortura] ...prometeram-lhe perdão se ele assinasse as declarações de Madalena de la Palud. O réu, desatinado, enganado, esmagado, assinou tudo; assinou o bastante para ser queimado...



Urbano Grandier - A história de Urbano Grandier aconteceu quando reinava o terrível Cardeal de Richilieu. Na província de Loudoun, um havia um eclesiástico notável e de grande caráter; tinha ciência e talento mas pouca circunspecção. Richilieu o via como perigo em potencial, um possível sectário. O protestantismo sacudia a França e o cura Grandier, por demais disposto às idéias novas e pouco devotado ao celibato, podia tornar-se um pregador mais brilhante e mais audacioso que Calvino e Lutero.

As religiosas ursulinas de Loudun tinham por superiora, sob o nome de mãe Joana dos Anjos, uma certa Joana de Belfiel. Não era uma religiosa fervorosa e seu convento tinha fama de não ser dos mais regulares: passavam-se lá cenas noturnas que se atribuíam aos espíritos. Os pais começavam a retirar as pensionistas e a casa ia fechar em pouco tempo.

Grandier tinha casos amorosos e rumorosos. As pensionistas ursulinas ouviam falar deles ...e ficavam preocupadas com o personagem escandaloso. Elas o viram durante a noite aparecer nos dormitórios com atitudes conforme o que se dizia de seus costumes. As freiras julgaram-se obsedadas: eis o diabo em casa. As diretoras dessas moças, inimigas mortais de Grandier, viram que podiam tirar partido da situação no interesse de seu rancor e no interesse do convento. Fizeram-se exorcismos; primeiro em segredo depois, em público.

Os amigos de Grandier sentiam que se tramava alguma coisa e insistiam com ocura a deixar Loudun... Mas Grandier era um homem valente, não sabia o que era ceder à calúnia. Ficou e foi preso uma manhã quando entrava numa igreja vestido com seus hábitos sacerdotais. Foi tratado como criminoso de Estado. Seus papéis foram apreendidos, seus móveis selados e ele mesmo conduzido debaixo de vara à fortaleza de Angers. Durante este tempo preparava-se-lhe em Loudun um cárcere que parecia feito mais para uma fera do que para um homem.

Se a conduta do cura fora a de um mundano, a atitude de Grandier, prisioneiro e acusado de magia, foi a de um herói e de um mártir. Escreveu à sua mãe:

"Eu suporto minha aflição com paciência e lastimo mais a vossa que a minha. Sinto-me muito incomodado por não ter leito; tratai de mandar-me trazer um porque se o corpo não repousa o espírito sucumbe. Enfim, enviai-me um breviário, uma Bíblia e um Santo Tomás, para minha consolação; quanto ao mais, não vos aflijais, eu espero que Deus mostrará minha inocência..."

Não façamos, entretanto, os homens piores do que eles são... Os inimigos de Grandier não acreditavam em sua inocência... julgavam perserguir um grande culpado. Os fenômenos histéricos eram então mal conhecidos e o sonambulismo, de todo ignorado. As contorções das religiosas, a segunda vista aterradora [clarevidência], tudo isso era de natureza a convencer os menos crédulos.

...O sofisma dos exorcistas de Loudun era este absurdo paralogismo que Mirville ousa sustentar ainda hoje [no século XIX]: "*O diabo é o autor de todos os fenômenos que não se explicam pelas leis conhecidas da natureza*". A este aforismo antilógico, eles ajuntavam um outro de que faziam artigo de fé: "*O diabo devidamente exorcisado é forçado a dizer a verdade e pode-se admití-lo a dar testemunho em juízo*".

Grandier estava entregue a loucos furiosos. ...Nunca escândalo semelhante houvera afligido a Igreja: religiosas uivando, torcendo-se, blasfemando. Grandier, calmo, defendeu-se com dignidade. ...Três religiosas, em momento lucidez, foram prostar-se em frente ao tribunal gritando que Grandier era inocente; julgou-se que o demônio falava por suas bocas. ...Tal foi o "processo Grandier". Sua morte foi o

crime da ignorância e dos preconceitos de seu tempo e foi mais uma catástrofe que um assassinato. Urbano Grandier foi queimado vivo em 18 de agosto de 1634.

Começara o século XVIII e queimavam-se ainda homens. ...Em 1731, uma moça, **Catarina Cadière**, acusou seu confessor, o **padre Girard**, jesuíta, de sedução e de magia. Esta moça era uma extática estigmatizada [apresentava o fenômeno dos estigmas] que passara muito tempo por santa. Houve toda uma história de ataques lascivos, flagelações secretas, contatos luxuriosos... La Cadière não foi acreditada e o padre Girard escapou aos perigos de uma condenação.

As pessoas supersticiosas tinham, até então, explicado os fenômenos extraordinários pela intervenção do diabo e dos espíritos. ...Em todos os tempos, perturbações físicas acompanham certas moléstias nervosas. Os loucos, os epiléticos, os histéricos têm faculdades excepcionais, são sujeitos a alucinações **contagiosas** e produzem, por vezes, quer na atmosfera, quer nos objetos que nos cercam, comoções e desarranjos.

Capítulo VII

Origens Mágicas da Maçonaria

A grande associação cabalística conhecida na Europa sob o nome de Maçonaria surgiu de repente. ...Os historiadores dessa ordem não sabem explicar-lhe a origem... [Conforme disse o autor no Livro IV, capítulo 6]... eles tiveram os templários por modelos, os rosa-cruzes por pais e os joanitas por antepassados. Seu dogma é o de Zoroastro e o de Hermes, sua regra é a iniciação progressiva, seu princípio, a igualdade regulada pela hierarquia e a fraternidade universal; são os continuadores da Escola de Alexandria, herdeiros de todas as iniciações antigas, depositários dos segredos do Apocalipse e do Zohar. O objeto de seu culto é a Verdade representada pela luz. Eles toleram todas as crenças...

O fim alegórico da maçonaria é a reconstrução do templo de Salomão; o fim real é a reconstituição da unidade social pela aliança entre razão e fé e o restabelecimento da hierarquia conforme a ciência e a virtude, com a iniciação e as provas por graus. Nada é mais belo ...do que estas idéias e tendências; infelizmente as doutrinas da unidade e a submissão à hierarquia não se conservaram na maçonaria dissidente, oposta à maçonaria ortodoxa, e as maiores calamidades da revolução francesa foram resultado desta cisão.

Lenda de Hiram

Quando Salomão mandou construir o templo, confiou seus planos a um arquiteto chamado Hiram. Para dar ordem aos trabalhos, Hiram dividiu os trabalhadores segundo sua habilidade e como era grande o número deles, a fim de reconhecê-los, quer para empregá-los segundo seus méritos, quer para remunerá-los segundo seu trabalho, ele deu a cada categoria, de aprendizes, companheiros e mestres, palavras de passe e senhas particulares.

Três companheiros quiseram usurpar a condição de mestres sem o devido merecimento; puseram-se de emboscada nas três portas principais do templo e quando Hiram se apresentou para sair, um dos companheiros pediu-lhe a palavra de ordem dos mestres ameaçando-o com uma régua. Hiram respondeu: "Não foi assim que recebi a palavra que me pedis." O companheiro, furioso, bateu em Hiram com sua régua fazendo-lhe uma primeira ferida.

Hiram correu a uma outra porta onde encontrou o segundo companheiro. Mesma pergunta, mesma resposta e desta vez Hiram foi ferido com um esquadro; dizem outros, com uma alavanca. Na terceira porta estava o terceiro assassino que abateu o mestre com uma machadinha. Em seguida, os três companheiros esconderam o cadáver sob um monte de escombros e plantaram, sobre este túmulo improvisado, um ramo de acácia.

Salomão, dando pela falta do arquiteto, despachou nove mestres para procurá-lo. O ramo de acácia revelou-lhes o cadáver. Eles o tiraram de sob os escombros e como lá havia ficado bastante tempo, eles exclamaram levantando-o: "*Mac benach!* - que significa: a carne solta-se dos ossos. A Hiram foram prestadas as últimas honras; depois, Salomão mandou 27 mestres em busca dos assassinos.

O primeiro foi surpreendido em uma caverna. Perto dele ardia uma lâmpada. Corria um regato a seus pés e ao seu lado, havia um punhal. O mestre que penetrou na caverna reconheceu o assassino. Tomou o punhal e feriu-o gritando: "*Nekun!*", ou seja, "vingança". Sua cabeça foi levada a Salomão que estremeceu ao vê-la e disse ao que tinha assassinado: "Desgraçado, não sabias tu que eu me reservava o direito de punir?" Então, todos os mestres se ajoelharam e pediram perdão para aquele cujo zelo levava tão longe.

O segundo assassino foi traído por um homem que lhe dera asilo. Ele se escondera num rochedo perto de um sobre o qual brilhava um arco-íris; ao seu lado havia um cão deitado, cuja vigilância os mestres enganaram. Pegaram o criminoso, amarraram-no e conduziram-no a Jerusalém onde sofreu o último suplício. O terceiro foi morto por um leão que foi preciso vencer para resgatar o cadáver.

[Todos os elementos da lenda são alegóricos] ...Salomão é a personificação da ciência e da sabedoria supremas. O templo é a realização e a figura do reino hierárquico da verdade e da razão sobre a Terra. Hiram é o homem que chegou ao domínio pela ciência e pela sabedoria. Ele governa pela justiça e pela ordem, dando a cada um segundo suas obras... [e assim por diante]. ...Os verdadeiros maçons são os que persistem em querer construir o templo segundo o plano de Hiram. ...Os ritos da maçonaria são destinados a transmitir a lembrança das lendas de iniciação e conservá-la entre nossos irmãos.

Perguntar-nos-ão como, se a maçonaria é tão sublime e tão santa, como pôde ser proscrita e tantas vezes condenada pela Igreja. Já respondemos a essa questão falando das **cisões** e das profanações da maçonaria. A maçonaria é a gnose e os falsos gnósticos fizeram condenar os verdadeiros. [Os maçons verdadeiros mantêm-se ocultos porque] ...temem os profanadores, isto é, os falsos intérpretes, os caluniadores, os cétricos de sorriso estúpido, os inimigos de toda crença e toda moralidade. Em nosso tempo, aliás, um grande número de homens que se julgam maçons ignoram o sentido de seus ritos e perderam a chave de seus mistérios. ...

A maçonaria foi não somente profanada mas serviu mesmo de véu e de pretexto para as "cabalas" da anarquia, pela influência oculta dos vingadores de Jaques de Molay e dos continuadores da obra cismática de seu tempo. ...Os anarquistas retomaram a régua, o esquadro, a malheta e em cima escreveram "Liberdade, igualdade e fraternidade". Isto é, liberdade para as cobijas, igualdade na baixeza e fraternidade para destruir. Eis os homens que a Igreja condenou justamente e que condenará sempre.

FIM DO VOLUME V

► Retorno: [**Índice de Volumes**](#)

Bibliografia do Pesquisador

BABILÔNIA BRASIL. In <<http://www.angelfire.com/me/babiloniabrasil/magic1.html>> — acessado em 27/05/2005

BLAVATSKY, Helena Petrovna. Doutrina Secreta. São Paulo: Pensamento, 2003.

CULTURE OF IRAN. IN <<http://www.cultureofiran.com/>> acessado em maio de 2005

DICIONÁRIO de Mitologia Greco-Romana — São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ENOCH. O livro de Enoch, o Profeta: a revelação dos anjos. [Trad. Getúlio Elias Schanosky Jr.] — São Paulo: Madras, 2004.

GRANDES IMPÉRIOS E CIVILIZAÇÕES Enciclopédia. Mesopotâmia vol. I. Madrid: Ed Prado, 1997.

JOCASTIAN, Ayisha. O Livro de Nod. Edição on line.

In<http://pwp.netcabo.pt/dtangel/Livro_de_nod.pdf> acessado em 21/02/2005

MacNALL BURNS, Edward. História da Civilização Ocidental, vol. I. Porto alegre: Globo, 1975.

PAPUS (Gerard Anaclet Vincent Encausse). Tratado Elementar de Magia Prática. São Paulo: Pensamento, 1995.

SOUTO MAIOR, A. História Geral. **As civilizações iranianas**, p 43. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

μαηαβαρατηα



estudo

História da Magia

de Eliphas Levi

ÍNDICE

LIVRO VI — A MAGIA E A REVOLUÇÃO FRANCESA
Capítulo I: Autores Notáveis do Século XVIII

Capítulo II — Personagens Maravilhosos do Século XVIII

Capítulo III — Cazotte

Capítulo IV — Revolução Francesa

Capítulo V — Fenômeno Mediomania

Capítulo VI — Os Iluminados da Alemanha

Capítulo VII — Império e Restauração

LIVRO VI A MAGIA E A REVOLUÇÃO FRANCESA

Capítulo I - Autores Notáveis do Século XVIII

Até o fim do século XVIII, a China era praticamente desconhecida do resto do mundo, ...Nesta época, este vasto império, explorado pelos nossos missionários [missionários cristãos] nos foi revelado como uma necrópole de todas as ciências do passado. Parecem os chineses um povo de múmias. Entre eles não há progresso e vivem todos na imobilidade de suas tradições, das quais muito se retiraram o espírito e a vida. [**Aqui, E. Levi mostra uma visão estreita de progresso, tomando o modelo ocidental de desenvolvimento como único válido e digno de mérito**]. ...A China possui um *tarot* ...um livro hieroglífico composto unicamente das combinações de duas figuras [linha contínua e linha partida] ...Este livro é o *I-Kim* [I-Ching] - atribuído ao imperador Fo-hi. ... A chave deste livro é um pentáculo conhecido pelo nome de **Trigramas de Fo-hi**.

Segundo a lenda... há setecentos ou oitocentos anos, o imperador Fo-hi, meditando à beira de um regato sobre os grandes segredos da natureza, viu sair da água uma esfinge, ...um animal alegórico tendo a forma mista de um cavalo e de um dragão... Seu dorso era coberto de escamas sobre cada uma das quais brilhava a figura dos misteriosos trigramas. ...Este cavalo-serpente ...iniciou Fo-hi na ciência universal. Os Trigramas serviram-lhe de introdução; ele contou as escamas do cavalo-serpente e combinou os Trigramas de tantos modos que concebeu uma síntese das ciências comparadas e unidas entre si pelas harmonias pré-existentes e necessárias da natureza. A redação das tábuas do I-Kim foi o resultado desta maravilhosa combinação. A ciência da filosofia absoluta existiu pois na China.

Disputas teológicas deram ensejo a investigações mais importantes sobre as

antiguidades religiosas da China; tratava-se de saber se os jesuítas tinham razão de tolerar entre os chineses convertidos ao cristianismo o culto do céu e dos antepassados. ...Enquanto isso... imensa inquietação agitava a Europa. A fé cristã parecia a pique de extinguir-se e de todos os lados só se ouviam boatos de novas revelações e milagres. [Videntes proliferavam na Suécia] ..e a Alemanha estava cheia de novos "iluminados". O misticismo dissidente conspirava para substituir os mistérios da religião hierárquica pelos mistérios da anarquia.

Swedenborg

Swedenborg, o mais honesto e doce dos profetas do falso Iluminismo não era por isso menos perigoso que os outros. Pretender... que todos os homens sejam chamados a se comunicar diretamente com o céu é substituir o ensino religioso regular e a iniciação progressiva por ...divagações, pelas loucuras da imaginação e dos sonhos. "Vós sereis como deuses, conhecendo tudo sem ter tido o trabalho de aprender coisa alguma; vós sereis como reis, possuindo tudo sem ter tido o trabalho de adquirir nada." Tais são, em resumo, as promessas do espírito revolucionário... O sistema de Swedenborg não é outra coisa senão a Cabala sem hierarquia.

O meio proposto por Swedenborg para comunicar com o mundo espiritual, era um estado intermediário entre o sonho, o êxtase e a catalepsia. O iluminado sueco afirmava a possibilidade desse estado, mas não dava a teoria das práticas necessárias para a ele chegar... Um homem de gênio veio completar por uma taumaturgia natural as intuições proféticas de Swedenborg. Este homem era um médico alemão chamado **Mesmer**.

Mesmer

Mesmer teve a glória de encontrar, sem iniciador e sem conhecimentos ocultos, o agente universal da vida e de seus prodígios. [Escreveu ***Aforismos - Mémoires et Asphorismes Suivis des Précédés d'Eslon - 1846.***] Mesmer reconhece no ser natural duas formas que são a substância e a vida, de onde resultam a fixidez e o movimento que constituem o equilíbrio das coisas.

Ele reconhece a existência de uma natureza primeiro fluídica, universal... que, fixando-se, determina a constituição das substâncias e que, movendo-se sempre, modifica e renova as formas. Esta matéria fluídica é ativa e passiva; como passiva, atrai-se a si mesma; como ativa, projeta-se. Por ela, os mundos e os seres vivos que povoam os mundos atraem-se e repelem-se; ela passa de uns aos outros por uma circulação comparável à do sangue. Ela mantém e renova a vida de todos os seres; é o agente de sua força e pode tornar-se instrumento de sua vontade.

Os prodígios são os resultados das forças ou das vontades excepcionais. ...A doença,

como todas as desordens físicas, vêm de um desarranjo do equilíbrio normal da matéria primária num corpo organizado. Os corpos organizados são simpáticos ou antipáticos uns aos outros em virtude de um equilíbrio especial. Os corpos simpáticos podem curar-se uns aos outros, restabelecendo mutuamente seu equilíbrio. Esta propriedade dos corpos de equilibrar-se uns aos outros pela atração ou pela projeção da matéria primária, Mesmer a denominou **magnetismo**. Mesmer provou sua teoria por obras e suas experiências foram coroadas de pleno êxito.

Não faltaram a Mesmer a sanção do ódio, a consagração das perseguições e das injúrias. Ele foi expulso da Alemanha, foi escarnecido na França... porque suas curas eram evidentes e os doentes o procuravam... Os sábios eram hostis ao **mesmerismo**, os religiosos alarmavam-se com os perigos da nova descoberta e os supersticiosos clamavam contra o escândalo e a magia. Não se iria em nome do magnetismo negar os milagres do Salvador e de seus santos? — diziam uns; o que vai ser o poder do diabo? — diziam outros.

Capítulo II - Personagens Maravilhosos do Século XVIII

Saint Germain

A credulidade do século XVIII voltou-se toda para a magia porque as crenças vagassão a religião das almas sem fé: negavam-se os milagres de Jesus Cristo e atribuíam-se ressurreições ao conde de Saint Germain. Este singular personagem era um teósofo misterioso que, dizia-se, possuía todos os segredos da grande obra e sabia fabricar diamantes e pedras preciosas. Era um homem do mundo, de agradável conversação e de grande distinção de maneiras.

O conde de Saint Germain professava a religião católica, observando-lhe as práticas com grande fidelidade; no entanto, falava-se de evocações suspeitas e de aparições estranhas. Ele gabava-se de possuir o segredo da juventude eterna... Ninguém conhecia sua família e a ouvi-lo falar das coisas do passado, parecia que ele vivera há muitos séculos. ...Nascera em Lentmeritz, na Boêmia, no fim do século XVII e era filho natural ou adotivo de um rosa-cruz que se fazia chamar *Comes Cabalicus*, ou "Companheiro Cabalista". Saint Germain nunca falava de seu pai.

Os princípios de Saint Germain eram os dos rosa-cruzes e ele tinha fundado em sua pátria uma sociedade... O que é certo é que desapareceu de repente de Paris sem que se pudesse saber bem para onde ele se retirara... Os iluminados deixaram cair sobre sua memória, tanto quanto possível, o véu do silêncio e do esquecimento. A

sociedade que ele fundara sob o título de São Jakin... durou até a Revolução e desapareceu ou se transformou em tantas outras...

Tudo o que se conta sobre o misterioso conde de Saint Germain leva a crer que ele era um físico hábil e um químico distinto. Asseguram que ele possuía o segredo de soldar diamantes sem que se pudesse perceber nenhum vestígio do trabalho. Ele tinha arte de purificar pedrarias e dar assim um grande preço aos mais imperfeitos e comuns... Saint Germain inventou também... a arte de dar ao cobre mais brilho e ductibilidade. ...Ele era moreno e de pequena estatura, sempre vestido ricamente mas com muito gosto, deleitando-se, aliás, com todas as delícias do luxo.

Lascaris

Enquanto o conde S. Germain estava em moda em Paris, um outro adepto misterioso percorria o mundo recrutando apóstolos para a filosofia de Hermes: era um alquimista que se fazia chamar **Lascaris** e dizia-se arquimandrita do Oriente encarregado de [levantar recursos] para um convento grego. ...Em vez de pedir esmolas, Lascaris parecia suar ouro, pois deixava um sulco de ouro por onde passava. Por toda parte ele aparecia e suas aparições mudavam de forma; aqui mostrava-se velho, ali ainda era moço. Saint Germain era o homem dos iluminados teósofos; Lascaris representava os naturalistas ligados à tradição de Hermes.<BR



Cagliostro

Cagliostro era o agente dos templários... Como os templários, Cagliostro dava-se às práticas da magia negra e praticava a ciência funesta das evocações. Ele adivinhava o passado, o presente e predizia o futuro; fazia curas maravilhosas e pretendia também fazer ouro. ...Ele havia encontrado a chave dos fenômenos da mediomania. Ele mesmo era um medium, isto é, um homem com uma organização nervosa excepcionalmente impressionável. ...Teve um sucesso extraordinário ...e seu busto achava-se em toda parte com a inscrição: "O Divino Cagliostro". ... [Considerado como um deus] ...Cagliostro tornou-se um intrigante, um charlatão, proxeneta da própria mulher, um celerado, enfim, ao qual a inquisição de Roma julgou fazer graça condenando-o à prisão perpétua.

...Em sua prisão, Cagliostro pediu seu confessor e indicou ele mesmo o sacerdote: era um homem mais ou menos de seu feitio e estatura. O confessor entrou e no fim de algum tempo viram-no sair; algumas horas depois, o carcereiro, entrando na prisão do condenado, aí achou o cadáver de um homem estrangulado. O cadáver, desfigurado, estava coberto com as roupas de Cagliostro. Nunca mais o sacerdote foi visto. ...Neste ínterim, rebentou a Revolução Francesa e todo mundo se esqueceu de Cagliostro.

Capítulo III - Cazotte

Este é um capítulo confuso, texto desordenado, idéias esparsas, menção a fatos históricos pouco divulgados. Eliphas Levi escreve sem método. O título original "Profecias de Cazotte, trói o conteúdo que nada menciona sobre as referidas profecias.

[O nome de Cazotte começou a se tornar conhecido] ...por alguns opúsculos de literatura frívola, [em especial] ...um de seus romances intitulado **Diabo Amroso**. Este romance, de fato, está cheio de intuições mágicas... Alegorias cabalísticas, que se pode ler no livro hebreu **Revolução das Almas**, no **Dicionário Cabalístico do Sohar**, e nos **Comentários Talmudistas Sobre o Sota**, parecem ter sido conhecidas ou adivinhadas pelo autor do Diabo Amoroso... Dizem que depois da publicação desta obra, ele recebeu a visita de um personagem desconhecido, envolto num manto à moda dos franco-juizes. Este personagem fez sinais que Cazotte não compreendeu; Enfim, o visitante perguntou se realmente ele não era iniciado. Diante da resposta negativa de Cazotte, [que não era iniciado], o desconhecido tomou uma

fisionomia menos sombria e disse:

— Vejo que não sois um depositário infiel de nossos segredos, mas um vaso de eleição para a ciência. Quereis dominar realmente as paixões humanas e os espíritos impuros?

Cazotte era curioso; seguiu-se uma longa conversação que foi a preliminar de muitas outras e o autor de **Diabo Amoroso** foi, então, iniciado. Sua iniciação devia fazer dele um adepto dedicado da ordem e um perigoso inimigo para os anarquistas. ... [Durante a revolução foi perseguido] ... preso... compareceu perante o tribunal revolucionário; de antemão, estava condenado.

Capítulo IV - Revolução Francesa

Neste capítulo, Eliphas Levi nada acrescenta à História da Magia perdendo-se em comentários românticos que não ocupam mais que três páginas.

Capítulo V - Fenômenos da Mediomania

Loiseaut e as Aparições de João Batista

Em 1772 [a Revolução Francesa ocorreu em 1789], um habitante de Saint Mandé chamado **Loiseaut**, estando na igreja, julgou ver de joelhos a seu lado um singular personagem: era um homem moreno que vestia simplesmente umas calças de lã grosseira; tinha a barba comprida, os cabelos crespos e ao redor do pescoço, uma cicatriz vermelha e circular... A estranha figura não era vista por mais ninguém, exceto por Loiseaut.

Terminando sua prece, de volta para casa onde encontrou o mesmo personagem; ia falar-lhe, perguntar-lhe o que queria, mas o fantástico visitante desapareceu. Loiseaut recolheu-se ao leito com febre e não pôde adormecer. À noite viu seu quarto iluminar-se de súbito por um clarão avermelhado... Levantou-se bruscamente. No meio do quarto, em cima da mesa viu, num prato dourado, toda banhada em sangue, a cabeça de seu visitante da véspera. [A cabeça falou:]..."*Eu espero as cabeças dos reis e de suas cortesãs, espero Herodes e as Herodíades*"...

Depois de alguns dias, Loiseaut, curado, pôde voltar a seus negócios. Quando

atravessava a praça Luiz XV, foi abordado por um pobre que lhe pediu esmola. Loiseaut, sem olhar, tirou uma moeda e lançou no chapéu do desconhecido.

— Obrigado — disse-lhe o homem — é uma cabeça de rei, mas aqui — acrescentou ele estendendo a mão e mostrando o meio da praça — aqui cairá outra cabeça e é esta que eu espero.

Loiseaut olhou então o pobre homem com surpresa e soltou um grito reconhecendo a estranha figura de sua visão.

— Cala-te — disse-lhe o mendigo — tomarte-ia-am por louco porque aqui ninguém me pode ver senão tu. Tu me reconheceste, eu o vejo, sou de fato São João Batista, o Precursor, e eu venho anunciar-te o castigo dos sucessores de Herodes e dos herdeiros de Caifás. Tu podes repetir tudo o que eu te disser.

Sociedade Secreta

Desde esta época Loiseaut julgava ver quase todos os dias São João Batista junto de si. A visão lhe falava longamente das desgraças que iam cair sobre a França e a Igreja. Loiseaut uniu-se a outros visionários como ele e juntos formaram uma sociedade mística que se reunia em grande segredo. Os membros dessa associação colocavam-se em círculo segurando-se as mãos e esperavam as comunicações em silêncio... Caíam todos em sono magnético e viam desenrolar-se ante seus olhos as cenas futuras da Revolução e da restauração subsequente [Império de Napoleão].

Com a morte de Loiseaut, em 1788, um religioso chamado Dom Gerle, tornou-se chefe da sociedade. Quando sobreveio a Revolução, vários membros abandonaram a liderança de Dom Gerle e passaram a seguir as inspirações de uma *medium* chamada irmã Francisca André. Dom Gerle, tinha também sua *medium*, uma vidente quase cega chamada Catarina Theot, cujas previsões se realizaram além de curar muitos doentes. Como suas profecias versavam sobre temas políticos, o Comitê de Salvação Pública [espécie de polícia política dos revolucionários] interessou-se pelo caso. [Catarina Theot foi visitada pelo próprio Robespierre que, embora, disfarçado, foi "adivinhado" pela vidente e teve sua morte prevista. Robespierre nada fez contra a Sociedade porém outros empenharam-se na perseguição. Tempos depois, Catarina, Dom Gerle e vários membros foram presos e condenados à morte].

Capítulo VI - Os Iluminados da Alemanha

A Alemanha é a terra natal do misticismo metafísico e dos fantasmas... [Os alemães]

...amam seus velhos castelos e suas velhas lendas das margens do Reno; ele lêem pacientemente os tratados mais obscuros de sua filosofia e vêem nas brumas de seu céu e na fumaça de seu cachimbo mil coisas indizíveis que os iniciam nas maravilhas do outro mundo. Muito antes que se falasse na América e na França de *mediuns* e evocações, havia na Prússia iluminados e videntes que mantinham conferências regulares com os mortos.

Capítulo VII - Império e Restauração

Neste capítulo, o autor se ocupa da trajetória de Napoleão Bonaparte e sua tentativa reestabelecer a monarquia na França, o Império Napoleônico. Fala das profecias que anunciaram a emergência do novo líder, sua glória e sua queda, como no trecho atribuído a Nostadamus:

"Um imperador nascerá perto da Itália
Que ao império, bem caro será vendido
Mas deve ver com quem vai aliar-se
Que o dirão menos príncipe que o carrasco
De simples soldado subirá ao império
Valente nas armas, na Igreja ao pior,
Tratará os sacerdotes como água faz à esponja
(...no momento das maiores calamidades da Igreja,
ele cumulará os sacerdotes de bens)

Numa coleção de profecias, publicada em 1820 ...deparamo-nos com outra predição concernente a Napoleão I: "E fará o sobrinho o que o tio não pôde fazer".

FIM DO VOLUME VI

► Retorno: [Índice de Volumes](#)

Bibliografia do Pesquisador

BABILÔNIA BRASIL. In <<http://www.angelfire.com/me/babiloniabrasil/magic1.html>> — acessado em 27/05/2005

BLAVATSKY, Helena Petrovna. Doutrina Secreta. São Paulo: Pensamento, 2003.

CULTURE OF IRAN. IN <<http://www.cultureofiran.com/>> acessado em maio de 2005

DICIONÁRIO de Mitologia Greco-Romana — São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ENOCH. O livro de Enoch, o Profeta: a revelação dos anjos. [Trad. Getúlio Elias Schanosky Jr.] — São Paulo: Madras, 2004.

GRANDES IMPÉRIOS E CIVILIZAÇÕES Enciclopédia. Mesopotâmia vol. I. Madrid: Ed Prado, 1997.

JOCASTIAN, Ayisha. O Livro de Nod. Edição on line.

In<http://pwp.netcabo.pt/dtangel/Livro_de_nod.pdf> acessado em 21/02/2005

MacNALL BURNS, Edward. História da Civilização Ocidental, vol. I. Porto alegre: Globo, 1975.

PAPUS (Gerard Anaclet Vincent Encausse). Tratado Elementar de Magia Prática. São Paulo: Pensamento, 1995.

SOUTO MAIOR, A. História Geral. **As civilizações iranianas**, p 43. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

μαηαβαρατηα



estudo

História da Magia

de Eliphas Levi

ÍNDICE

LIVRO VII — A MAGIA NO SÉCULO XIX

Capítulo I: Os Magnetizadores Místicos e os Materialistas

Capítulo II — Das Alucinações

Capítulo III — Magnetizadores e Sonâmbulos

Capítulo IV — Fantasistas em Magia

Capítulo V — Lembranças Íntimas do Autor

Capítulo VI — Das Ciências Ocultas

Capítulo VII — Resumo

Conclusão

LIVRO VII A MAGIA NO SÉCULO XIX

Capítulo I — Os Magnetizadores e os Materialistas

Mais uma vez, E. Levi fica devendo no texto o que anuncia no título do capítulo. Entre divagações filosóficas desordenadas, cita nomes sem maiores referências históricas e deixa a desejar em termos de fatos. Neste estudo, destacamos somente a história "Uma Evocação na Igreja de Notre-Dame".

Evocação na Igreja de Notre-Dame

Há trinta ou quarenta anos [o autor escreve em 1789], um vigário da Igreja de Notre-Dame, homem muito piedoso e estimável, apaixonara-se pelo magnetismo e entregava-se a freqüentes experiências, consagrando mais tempo do que devia à leitura dos místicos... Sua cabeça cedo fatigou-se, teve insônias; levantava-se para estudar e quando o estudo não bastava para acalmar as agitações de seu cérebro, ele tomava a chave da igreja e penetrava no coro, iluminado somente pela fraca lâmpada do altar-mor.

Sentava-se e ali ficava até o dia seguinte, embevecido nas preces e meditações profundas. Uma noite, o assunto de sua meditação era a danação eterna. Ele pensava na doutrina tão ameaçadora do pequeno número dos eleitos e não sabia como conciliar esta rigorosa exclusão com a bondade infinita de Deus, que quer que todos os homens sejam salvos... Ele pensava no suplício do fogo e nas explicações

conciliatórias da teologia.

A Igreja não define o fogo do inferno; ele é eterno, segundo o Evangelho, mas em parte alguma está escrito que o maior número dos homens deve sofrer eternamente... Os pagãos poderão ser salvos pelo batismo do desejo, os pecadores escandalosos, por uma contrição súbita e perfeita, enfim, é preciso esperar por todos e orar por todos, exceto por um só, aquele de quem disse o Senhor [Jesus] que fora melhor para este homem não ter nascido.

O vigário deteve-se neste pensamento: de que um só homem trazia oficialmente a reprovação dos séculos: Judas Iscariotes... Seus olhos encheram-se de lágrimas, parecendo-lhe que a redenção seria sem efeito se não salvasse Judas. ...Mas Jesus Cristo, dizia a seu coração que o pária do Evangelho é salvo e que ele será, pela longa maldição que pesa sobre sua memória, o redentor de todos os párias e se assim era, um novo Evangelho deveria ser anunciado ao mundo: o da misericórdia infinita, universal, em nome de Judas regenerado...

Então, unindo as mãos com fervor, disse o vigário: "Meu Deus, dai-me o que não recusáveis outrora à fé, o que não recusais ainda hoje, um milagre para me convencer e me fortalecer, um milagre como penhor de uma missão nova. O entusiasta, então, levantou-se... e pronunciou em alta voz esta evocação: "Tu, que maldizem há dezoito séculos e que eu choro porque parece que tomaste o inferno para ti somente a fim de nos deixar o céu, infeliz Judas, se é verdade que o sangue de teu Mestre te purificou, se tu és salvo, vem impor-me as mãos para o sacerdócio da misericórdia e do amor!"

Tendo dito estas palavras... o vigário atravessa o coro e vai ajoelhar-se sob a lâmpada, ao pé do altar-mor. "Então - diz ele - eu senti positivamente e realmente duas mãos quentes e vivas pousarem sobre minha cabeça como as do bispo no dia da ordenação. Eu não dormia, não desmaiara, eu as senti; era um contato real e que durou alguns minutos. Deus me exaltara; fizera-se o milagre, novos deveres me eram impostos e uma vida nova começara para mim. A partir do dia seguinte, eu devia ser um novo homem..." No dia seguinte, de fato, o infeliz vigário estava louco.

Capítulo II — Das Alucinações

Depois da Revolução Francesa, entre os inconformados com o fim da monarquia, havia aqueles que fundaram uma seita, "Os salvadores de Luiz XVII". Luiz XVII, deveria ser o sucessor de Luiz XVI, destronado e condenado à morte pelos revolucionários. Preso com a família em 1792, dado como morto aos dez anos, segundo a lenda, na verdade teria escapado e outra criança fora condenada em seu lugar. Durante muito tempo, monarquistas esperaram o ressurgir do herdeiro, "O infante desaparecido". É desta seita e de seus

visionários, os crentes da volta do rei, que Levi se ocupa neste capítulo.

Em 1840, os "Salvadores de Luiz XVII" resolveram [inventar um profeta que proclamasse o retorno do rei e a restauração da monarquia]... Eles lançaram os olhos sobre um operário devoto, de caráter exaltado e cabeça fraca: Eugênio Vintras. Forjaram, então, uma carta dirigida ao príncipe, isto é, ao pretense , Luiz XVII. Encheram essa carta de promessas enfáticas do reino futuro, expressões místicas capazes de impressionar mentes simplórias e fizeram cair esta carta nas mãos do operário nas circunstâncias que o próprio Vintras descreve:

Eugênio Vintras

"Cerca de 9 horas, eu estava ocupado a escrever. Batem à porta. Julgando que era um operário que tinha negócios comigo, respondi bruscamente: "Entrai". Fiquei surpreso: em vez do operário, era um velho em andrajos. Perguntei-lhe o que queria. Ele respondeu: *"Não vos incomodeis, Pierre Michel* - nome pelo qual ninguém me chama. Em todo país chamam-me Eugênio e mesmo quando assino alguma coisa, nunca ponho estes dois prenomes. Senti inquietação e isso aumentou quando o velho me disse: *"Estou cansado; onde quer que eu me apresente encaram-me com desprezo ou como um ladrão"*. Estas últimas palavras aterrorizaram-me muito, ainda que ditas com ar triste e infeliz.

Levantei-me. Pus-lhe na mão uma moeda, dizendo-lhe: eu não o tomo por isto, meu bom homem. E assim dizendo, fiz-lhe perceber que eu queria despedi-lo cortesmente. Ele compreendeu e virou-me as costas e saiu tristemente. Mal pôs os pés no último degrau, puxei a porta e tranquei-a à chave. Não ouvia o velho descer. Chamei o operário, pedi que subisse ao meu quarto. Aí, sob pretexto de negócios, fiz percorrer comigo todos os lugares onde julgava possível ocultar-se o velho, pois não o vira sair. Saí do quarto com o operário. Fechei o aposento com chave. Percorremos todos os cantos. Nada vi. Ia, então, para a fábrica quando ouvi os sinos que chamavam para a missa. Resolvi ir e fui ao quarto correndo apanhar o livro de orações mas detive-se pois deparei-me com uma carta sobre a escrivaninha. Era uma carta ao duque de Normandia [pretense Luiz XVII] e falava de grandes verdades da nossa santa religião Católica, Apóstolica, Romana. Sobre a carta, estava a moeda que eu dera ao velho.

[Eis aí: Eugênio Vintras com espírito agitado] - dedicado a Liz XVII, ei-lo visionário pelo resto da vida, porque a imagem do velho não o deixou mais. Os alucinados da seita de Luiz XVII [fizeram] dele, em um só instante, um iluminado e profeta. [Aquela seita compunha-se] ...sobretudo de antigos servidores da realeza... Vintras, tornado seu médium, é o reflexo fiel de todas as fantasias cheias de lembranças romanescas de um misticismo envelhecido. [O novo profeta vê lírios banhados em

sangue] ...Vintras tem suores de sangue... Sacerdotes chamados a constatar estes prodígios são arrebatados na corrente do entusiasmo. ...Vintras, que os seus sectários tomavam como um novo Cristo, teve também seus Iscariotes: dois membros da seita. Alexandre Geoffroi e Gozzoli publicaram contra ele as revelações mais odiosas. Em 1843, o Papa Gregório XVI condenou formalmente a seita de Vintras.

Capítulo III — Magnetizadores e Sonâmbulos

A Igreja, em sua alta sabedoria, nos proíbe de consultar a sorte e de violar, por indiscreta curiosidade, os segredos do futuro; mas nos tempos de hoje [França, fim do século XIX] a voz da Igreja não é mais ouvida e a multidão se volta para os adivinhos e as pitonisas; os sonâmbulos tornaram-se oráculos para aqueles que não crêem mais nos preceitos do Evangelho e ninguém pensa que **a preocupação dedicada a um acontecimento predito suprime, de algum modo, nossa liberdade e paralisa nossos meios de defesa. Consultando a magia para prever os acontecimentos futuros damos asas à fatalidade** ...É importante conhecer entre os que se ocupam do magnetismo quais são os homens verdadeiramente sérios.

Barão Du Potet

O Barão Du Potet abriu em Paris uma escola prática de magnetismo onde o público podia instruir-se dos processos e verificar os fenômenos. Du Potet é uma natureza excepcional e particularmente intuitiva. Como todos os contemporâneos, mesmo os mais instruídos, ele ignora a Cabala e seus mistérios; apesar disso, o magnetismo lhe revelou a magia. Ele sentiu necessidade de revelar e de ocultar esta ciência terrível... e escreveu um livro que ele vendeu somente a seus adeptos e sob o sêlo do segredo mais absoluto.

O Barão estabeleceu ...a existência desta luz na qual os crisiácos [extáticos, sonâmbulos] percebem **todas as imagens e todos os reflexos do pensamento**. Ele provoca projeções vivas desta luz por meio de um aparelho absorvente que ele chama **espelho mágico**: é, simplesmente, um círculo ou um quadrado de carvão em pó, fino e peneirado. Neste espaço negativo, a luz projetada pelo crisiáco e pelo magnetizador reunidos, colora imediatamente e realiza todas as formas correspondentes a suas impressões nervosas.

Descobriu-se muito recentemente que as mesas giratórias [a reunião dos espíritos] assim como a imantização humana dá aos objetos móveis, submetidos à influência dos crisiacos, um movimento de rotação. As massas, mesmo as mais pesadas, podem ser levantadas e movidas no espaço por esta força, porque a gravidade só existe em razão do equilíbrio de outras duas forças da luz astral; aumentai a ação de uma das duas e a outra cederá imediatamente. [O médium é o agente que interfere no equilíbrio de forças da luz astral, do ambiente os fenômenos se produzem].

Este poder excêntrico de atração ou de projeção supõe sempre um estado doentio naquele que é o paciente. Os *mediuns* são todos uns seres excêntricos e mal equilibrados e a mediomania supõe ou ocasiona uma série de outras manias nervosas, idéias fixas, desregramentos de apetites, erotomania desordenada, pendores à morte e ao suicídio. Entre os seres assim afetados, a responsabilidade moral parece não existir mais. Eles fazem o mal com a consciência do bem; choram de piedade na igreja e podem ser surpreendidos em terríveis bacanais. Eles têm uma maneira de explicar tudo: é o diabo, são os espíritos que os obsedam... Que querei deles? Que lhes perguntais? Eles não vivem mais neles mesmos, é um ser misterioso que os anima, é ele que age em seu lugar, este ser que se chama legião!

Os ensaios reiterados de uma pessoa de boa saúde para criar, em si mesma, faculdades de *medium*, afadigam, adoecem e podem desarranjar a razão. Foi o que sucedeu ao advogado Victor Hennequin, um jovem dotado de instrução e talento. Em 1848 ele começou experiências com mesas giratórias. Logo foi tomado de mediomania e julgou-se instrumento das revelações da alma da terra. Publicou um livro: *Salvemos o Gênero Humano*. Publicou ainda outras obras... Morreu após um acesso de demência furiosa numa casa de alienados.

Capítulo IV — Fantasistas em Magia

Afonso Esquiros

Há vinte anos [a autor escreve em setembro de 1789], um de nossos amigos de infância, Afonso Esquiros, publicou um livro de alta fantasia intitulado *O Mágico*. ...Pela publicação desse romance, fundou uma escola de fantasistas em magia cujo representante mais distinto é, atualmente, Henri Delage. Delage é um escritor fecundo e um taumaturgo desconhecido; ele declarou que durante um inverno onde reinava a terrível moléstia de peito que se chama gripe, bastava-lhe entrar num salão para curar imediatamente todas as pessoas que aí se achavam. É verdade que ele foi vítima do milagre, porque ganhou uma rouquidão que não o deixou mais.

Muitos amigos de Delage nos asseguraram que ele tem o dom da ubiquidade [estar em vários em dois ou mais lugares ao mesmo tempo]. ...Ele declara-se sinceramente católico e proclama seu respeito e amor pela religião. Ora, a religião poderá fazer dele um santo, o que um título mais estimável e mais glorioso do que o de feiticeiro.

Conde de Ourches

Homem venerável pela sua idade, consagra sua vida e sua fortuna às experiências magnéticas. ...Durante muito tempo o Conde foi dominado por uma idéia fixa: o receio de ser enterrado vivo e por isso escreveu muito sobre a necessidade de verificar os óbitos de modo mais certo do que se faz habitualmente. Ourches tinha razão para temer posto que seu temperamento pletórico [sangüíneo, agitado] e sua extrema suscetibilidade nervosa, diariamente sobreexitada por suas experiências... o expõe, talvez, a ataques de apoplexia. O Conde de Ourches é, em magnetismo, discípulo do abade Faria e, em nocromância, pertence à escola do Barão de Guldenstubbé.

Barão de Guldenstubbé

O Barão de Guldenstubbé publicou um livro intitulado: *Pneumatologia positiva experimental: a realidade dos espíritos e o fenômeno maravilhoso de sua escritura direta*. Eis como ele mesmo narra sua descoberta:

Foi no corrente ano de 1850, cerca de três anos antes da epidemia das mesas girantes, que o autor quis introduzir na França os círculos de espiritualismo da América, as pancadas misteriosas de Rochester e a escritura puramente maquinal dos *mediuns*.

Guldenstubbé ...[formou] o primeiro círculo segundo o modo dos americanos, graças ao concurso precioso que lhe prestou M. Roustan, antigo *medium* da *Sociedade de Magnetizadores Espiritualistas*, homem simples mas cheio de entusiasmo pela santa causa do espiritismo. ...É sabido que os círculos americanos são baseados... sobre a distinção dos princípios magnéticos ou positivos e elétricos, ou negativos. Estes círculos se compõem de doze pessoas, seis das quais representam os elementos positivos [magnéticos] e as seis outras, os elementos negativos ou sensitivos [elétricos]. A distinção dos elementos não deve ser feita segundo o sexo das pessoas, se bem que as mulheres tenham, geralmente, atributos negativos e sensitivos e que os homens, sejam dotados de qualidades positivas ou magnéticas. Deve-se pois estudar bem a condição moral e física de cada um antes de formar os círculos, porque há mulheres delicadas que têm qualidades masculinas bem como, homens vigorosos, que não são mais que mulheres no moral.

Vampiros: Enterrados Vivos

As pessoas enterradas vivas não podem ter, debaixo da terra, senão sonhos rápidos, de pouca duração, podendo viver, todavia, muito tempo, conservadas pela luz astral, num estado completo de sonambulismo lúcido. Suas almas acham-se, então, sobre a terra, ainda, presas ao corpo adormecido por uma cadeia invisível; se são almas ávidas e criminosas, elas podem aspirar [absorver] a quintessência do sangue das pessoas adormecidas de sono natural e transmitir essa seiva a seu corpo enterrado para conservá-lo por mais tempo, na esperança vaga de serem restituídas à vida. É este espantoso fenômeno que se chama **vampirismo**, fenômeno cuja realidade foi constatada por numerosas experiências e tão bem atestadas como tudo o que há de mais solene na história...

Existe ainda um grande número de atas sobre exumação de vampiros. As carnes estavam em notável estado de conservação mas tresandavam a sangue. Seus cabelos haviam crescido extraordinariamente e saíam em anéis entre as fendas do caixão. A vida não existia mais no aparelho que serve à respiração, mas somente no coração que, de animal, parecia ter-se tornado vegetal. Para matar o vampiro, era preciso atravessar-lhe o peito com uma pua [estaca de madeira]; então, um grito horrível anunciava que o sonâmbulo do túmulo se despertara em sobressalto numa verdadeira morte. Para tornar essa morte definitiva, cercava-se a sepultura do vampiro com espadas plantadas no solo com as pontas voltadas para fora, porque os fantasmas da luz astral se decompõem pela ação [contato] das pontas metálicas... que lhes destroem o corpo coagulado [de luz astral coagulada, densificada]... Os casos de vampirismo são muito raros e uma pessoa sã de espírito e de corpo não poderia ser vítima [desse mal] se não abandonou, em vida, seu corpo e sua alma, por qualquer cumplicidade em crime ou paixão desregrada.

Capítulo V — Lembranças Íntimas do Autor

Em 1839, Afonso Esquiros convidou Eliphas Levi para conhecer um místico que se apresentava como "O Mapah", cujo nome verdadeiro era Ganneau; Levi descreve a visita:

Num terrível casebre, estava um homem barbudo, de uma figura majestosa e profética ...Ele estava cercado de muitos homens barbudos e extáticos como ele e de uma mulher de traços imóveis, semelhante a uma sonâmbula adormecida. ...O *Mapah* era, como se vê, um continuador de Catarina Theot, de Dom Gerle... Um dia, ele nos declarou, confidencialmente, que era Luiz VII, ressurgido na terra para uma obra de regeneração e que aquela mulher, que vivia com ele, fora Maria Antonieta... Esquiros e eu fomos ver o *Mapah* para recrearmos com sua demência; no entanto, nossa imaginação ficou impressionada com seus discursos. ...Tal é o perigo

das manias entusiastas, elas são contagiosas e ninguém se inclina impunemente à beira do abismo da loucura...

Os fenômenos magnéticos produzidos por Ganneau duraram ainda depois de sua morte. Sua viúva, mulher sem instrução e de inteligência negativa, ficara no sonambulismo em que seu marido a mergulhara. Semelhante a estas crianças **que sofrem a forma das imaginações de suas mães**, ela tornou-se uma imagem viva de Maria Antonieta, prisioneira na Conciergerie. Suas maneiras são as de uma rainha para sempre viúva e desolada; por vezes, ela deixa escapar alguns queixumes que incam que seu sonho a afadiga, mas ela se indigna soberanamente contra os que procuram despertá-la; não apresenta nenhum sinal de alienação mental; sua conduta exterior é razoável, sua vida, perfeitamente honrada e regular...

Capítulo VI — Das Ciências Ocultas

O segredo das ciências ocultas é o do da natureza mesma, é o segredo da geração dos anjos e dos mundos, é o segredo da onipotência de Deus! ...O equilíbrio é a harmonia que resulta da analogia dos contrários... Civilizações elevaram-se e pereceram, quer pela demência anárquica do despotismo, quer pela anarquia despótica da revolta...

A **luz** é o equilíbrio da sombra e da claridade.

O **movimento** é o equilíbrio da inércia e da atividade.

A **autoridade** é o equilíbrio da liberdade e do poder.

A **sabedoria** é o equilíbrio nos pensamentos.

A **virtude** é o equilíbrio nas afeições.

A **beleza** é o equilíbrio das formas.

As belas linhas são as linhas justas e as magnificências da natureza são uma álgebra de graças e esplendores. Tudo o que é justo é belo; tudo o que é belo deve ser justo. O céu e o inferno são o equilíbrio da vida moral; o bem e o mal são o equilíbrio da liberdade. A grande obra é a conquista do ponto central [tao] onde reside a força equilibrante [chi=ki]. ...Os homens que alcançam esse ponto central são os verdadeiros adeptos, são os taumaturgos da ciência e da razão. Eles são senhores de

todas as riquezas do mundo e dos mundos, são os confidentes e os amigos dos príncipes do céu e a natureza lhes obedece porque eles querem o que quer a lei que faz marchar a natureza. Eis o que o Salvador do mundo chama **O Reino de Deus, o Sanctum Regnum**.

Capítulo VII — Resumo

Resta-nos agora resumir e concluir. ...A ciência mágica é a ciência absoluta do equilíbrio. Esta ciência, essencialmente religiosa, presidiu à formação dos dogmas do antigo mundo e foi, assim, mãe-nutriz de todas as civilizações. ...Ela [a ciência mágica] nos diz crêr em Deus e adorá-lo sem procurar defini-lo porque um Deus definido é, de alguma forma, um Deus finito. Depois de Deus ela nos mostra como princípios soberanos as matemáticas eternas e as forças equilibradas. Na Bíblia está escrito que Deus dispôs tudo segundo peso, número e medida. ...O peso é equilíbrio, o número é quantidade, medida é proporção - tais são as bases eternas ou divinas da natureza.

Há no universo três coisas: o **espírito**, o **mediador plástico** e a **matéria**. A substância criada é Uma - é luz. O que os antigos chamavam de **os quatro elementos** não eram para eles corpos simples, mas as quatro formas elementares da **substância única**. Estas quatro formas eram figuradas pela Esfinge: o ar pelas asas, a água pelo seio de mulher, a terra pelo corpo de touro, o fogo pelas garras de leão...

As formas da Esfinge representam também, por analogia hieroglífica, as quatro propriedades do **agente mágico universal**, isto é, a **luz astral**: dissolver, coagular, aquecer, esfriar. Estas quatro propriedades, dirigidas pela vontade do homem, podem modificar todas as formas da natureza e produzir, segundo a impulsão dada, a vida ou a morte, a saúde ou a moléstia, o amor ou o ódio, a riqueza e a pobreza.

Questões Paradoxais

1. Pode-se escapar à morte?

Pode-se escapar à morte de dois modos: no tempo e na eternidade. **No tempo**, curando todas as moléstias e evitando as enfermidades da velhice. **Na eternidade** perpetuando pela lembrança a identidade pessoal [individualidade] através das

transformações da existência. [Sugere distinção entre VIDA e EXISTÊNCIA. A primeira, limitada no tempo, a segunda, eterna, além do tempo].

A vida, resultante do movimento, não pode conservar-se senão pela sucessão e o aperfeiçoamento das formas. A ciência do movimento perpétuo é a ciência da vida. Todo movimento se opera pela destruição... Toda geração é uma morte e toda morte, uma geração.

2. A pedra filosofal existe? Como encontrá-la?

O que os alquimistas e os físicos modernos chamam calor, luz, eletricidade, magnetismo, para os antigos são **manifestações fenômenais elementares** da substância única chamada **aur**. Em teoria, segundo a ciência transcendental, a pedra filosofal que cura todas as moléstias e opera a transmutação dos metais existe incontestavelmente. ...Para encontrá-la é preciso procurá-la.

3. Podemos fazer-nos servir pelos espíritos?

Quando o Salvador do mundo triunfou, na sua tentação do deserto, das três cobiças que avassalam a alma humana - os apetites, as ambições, a cupidez - está escrito que os anjos se aproximaram dele e o serviram. Porque os espíritos estão a serviço do espírito soberano e o espírito soberano é o que encadeia as turbulências desregradas e os ímpetos injustos da carne. Notemos, todavia, que é contra a ordem da Providência intervir o modo natural das comunicações entre os seres. Nós não vemos o Salvador e os apóstolos evocarem as almas dos mortos.

A imortalidade da alma, sendo um dos dogmas mais consoladores da religião, deve ser reservada às aspirações da fé e não será, por consequência, nunca provado por fatos acessíveis à crítica da ciência. Por isso, o abalo ou a perda da razão é - e será sempre - o castigo dos tiverem a temeridade [impertinência] de olhar a outra vida com os olhos desta. Nas tradições mágicas os mortos evocados aparecem com semblantes tristes e coléricos. Eles se lastimam por terem sido perturbados em seu repouso e não proferem senão censuras e ameaças.

4. Que é a clavícula, o selo e o anel de Salomão?

As chaves ou clavículas de Salomão são **forças religiosas e racionais** expressas por sinais que servem menos para evocar os espíritos do que para preservar a si mesmo de toda aberração nas experiências relativas às ciências ocultas. O selo resume as chaves; o anel indica o uso. ...Expliquemos em poucas palavras a onipotência desse anel. A vontade é onipotente quando se arma das forças vivas da natureza. O pensamento é ocioso e morto e enquanto não se manifesta pelo verbo

ou, pelo sinal, não pode [o pensamento] excitar nem dirigir a vontade. O sinal sendo a forma necessária do pensamento é o instrumento indispensável da vontade. Quanto mais perfeito é o sinal, tanto mais fortemente é o pensamento formulado e, por consequência, é a vontade dirigida com poder. O anel de Salomão, com seu duplo selo, é toda a ciência e toda a fé dos magos reunidas num sinal. ...É onipotente, se é um sinal vivo; mas é ineficaz se é um sinal morto. A vida dos sinais é a inteligência e a fé: inteligência da natureza; fé em seu motor eterno.

5. Pode-se prever o futuro por cálculos certos?

No jogo de xadrez, prever é ganhar; o mesmo se dá no ogo da vida. Nada na vida acontece por acaso; o acaso é o imprevisto mas o imprevisto do ignorante fora previsto pelo sábio. Todo acontecimento, toda forma, resulta de um equilíbrio de forças e estas forças podem ser representadas por números. O futuro pode, por isso, ser determinado pelo cálculo. ...O futuro está no passado; o passado, está no futuro. Quando o gênio prevê, ele se lembra.

6. Pode-se fazer bem ou mal por influências mágicas?

A vontade do homem modifica as causas fatais; uma só impulsão dada por um homem pode mudar o equilíbrio de todo um mundo. O homem pode, com um sopro, fazer esvair toda a felicidade de um de seus semelhantes. Os homens são imantados como os mundos. Eles irradiam sua luz especial como sóis. Uns são mais absorventes, outros irradiam mais voluntariamente. Ninguém é isolado no mundo. Todo homem é uma fatalidade ou uma providência. ...Enquanto um homem se acha escravizado às exigências da fatalidade, é um profano ...A ciência, em suas mãos, seria um terrível instrumento de destruição.

O homem livre, aquele que domina pela inteligência os instintos cegos da vida, este é essencialmente conservador e reparador. O profano, mesmo querendo fazer o bem, faz o mal. O iniciado não pode querer fazer o mal; se ele fere, é para castigar ou para curar. O sopro do profano é mortal; o do iniciado, vivifica. O profano sofre para fazer sofrer os outros; o iniciado sofre para que outros não sofram. O profano envenena flechas com o próprio sangue. O sangue do iniciado cura as feridas mais resistentes.

7. Que se deve fazer para ser um verdadeiro mago?

O homem que dispõe das forças ocultas da natureza sem se expor a ser esmagado por elas, este é um verdadeiro mago.

8. Em que consistem precisamente as forças da magia negra?

A força da magia negra é o **contágio da vertigem**, é a epidemia da demência.

Conclusão

Na natureza, tudo se conserva pelo equilíbrio e se renova pelo movimento. O equilíbrio é a ordem; o movimento é o progresso. O homem, com esta ciência, pode produzir e dirigir fenômenos naturais... O equilíbrio moral é o concurso da ciência e da fé, distintas em suas forças e reunidas em sua ação.

Fazer o que Deus ordena ["Seja feita a vossa vontade"] não é bom somente segundo a fé mas também segundo a razão, porque é razoável obedecer-lhe. O homem poderá dizer: "Eu faço o bem não somente porque Deus quer, mas porque eu também quero. A vontade humana será, assim, submetida e livre ao mesmo tempo; porque arazão, demonstrando de modo irrecusável a **sabedoria** das prescrições da fé, agirá por seu próprio movimento, regulando-se segundo a lei divina... Então, não haverá mais nem superstição nem impiedade possível... Até lá, teremos a dor e o pavor de ver todos os dias por-se em dúvida os princípios mais simples e mais comuns do direito e do dever entre os homens...

Enquanto a alta magia foi profanada pelamaldade dos homens, a Igreja deveu [teve de] prescrevê-la. Os falsos gnósticos infamaram o nome tão puro do gnosticismo e os feiticeiros foram injustos com os filhos dos magos [comprometeram a reputação dos magos]. Mas a religião, amiga da tradição e guardados tesouros da antiguidade, [não poderá] repelir por [muito tempo] mais uma doutrina que é anterior à Bíblia...

Nossa **História da Magia** teve por fim demonstrar que, no princípio [desde a mais remota antigüidade da história humana], os grandes símbolos da religião foram, ao mesmo tempo, os da ciência, então, oculta. Que a tradição e a ciencia, reunidas no futuro, se entreajudarão, serão como irmãs: elas tiveram o mesmo berço.

FIM DO VOLUME VII

► Retorno: [Índice de Volumes](#)

Bibliografia do Pesquisador

BABILÔNIA BRASIL. In <<http://www.angelfire.com/me/babiloniabrasil/magic1.html>> — acessado em 27/05/2005

BLAVATSKY, Helena Petrovna. Doutrina Secreta. São Paulo: Pensamento, 2003.

CULTURE OF IRAN. IN <<http://www.cultureofiran.com/>> acessado em maio de 2005

DICIONÁRIO de Mitologia Greco-Romana — São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ENOCH. O livro de Enoch, o Profeta: a revelação dos anjos. [Trad. Getúlio Elias Schanosky Jr.] — São Paulo: Madras, 2004.

GRANDES IMPÉRIOS E CIVILIZAÇÕES Enciclopédia. Mesopotâmia vol. I. Madrid: Ed Prado, 1997.

JOCASTIAN, Ayisha. O Livro de Nod. Edição on line.

In<http://pwp.netcabo.pt/dtangel/Livro_de_nod.pdf> acessado em 21/02/2005

MacNALL BURNS, Edward. História da Civilização Ocidental, vol. I. Porto alegre: Globo, 1975.

PAPUS (Gerard Anaclet Vincent Encausse). Tratado Elementar de Magia Prática. São Paulo: Pensamento, 1995.

SOUTO MAIOR, A. História Geral. **As civilizações iranianas**, p 43. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

μαηαβαρατηα



estudo

**História da Magia
de Eliphas Levi**

APÊNDICE DO PESQUISADOR

ÍNDICE: Alquimistas & Ocultistas: Dados Biográficos

Cornélius Agrippa

Robert Fludd

Jacob Boheme

Paracelso

Franz Anton Mesmer

Jacques de Molay

Saint Germain

Jacques Cazotte

Alessandro Cagliostro

Links relacionados

[Sociedade das Ciências Antigas - Biografias](#)

[Loja Teosófica Virtual - Instrutores da Humanidade](#)

Alquimistas & Ocultistas: Dados Biográficos



Henry Cornelius Agrippa Von Nettesheim

Cornélio Agrippa nasceu em Colônia, Alemanha, em 14 de setembro de 1486. Foi advogado, médico e astrólogo. Em seu país, esteve a serviço do imperador Maximiliano I. Aos 20 anos, foi encarregado de uma missão secreta na França e em 1506, estava na Universidade de Paris onde encontrou vários ocultistas acabando por se tornar um deles. Foi um dos fundadores da Irmandade Rosa-Cruz parisiense. Viajou pela Itália e Espanha. Em 1538, publicou **Occult Philosophy** onde defendia a idéia de que a principal maneira de chegar a Deus é por meio da fé. Além disso, defendia a condição de magista: os ocultistas não são "supersticiosos ou malignos, mas homens sábios, sacerdotes e profetas." Estes pensamentos foram imediatamente censurados pela Igreja e Agrippa foi processado pela Inquisição. Considerado herege, morreu em seguida, em Grenoble, no dia 18 de fevereiro de 1535.

Robert Fludd

Dr. Robert Fludd, mais conhecido pelos ocultistas como **Robertus de Flactibus** ou ainda, "O Maior Inglês Rosa-Cruz", nasceu em Milgate House, paróquia de Bearstead, Condado de Kent - Inglaterra, em 1574, onde ainda hoje podem ser vistas as armas

(brasão) e os monumentos da família. Aos 17 anos ingressou no Saint John College, em Oxford. Graduou-se bacharel em 1597 e alcançou o mestrado em 1598. Estudou Física e Medicina. Durante seis anos, viajou pela França, Espanha, Itália e Alemanha; mais tarde, percorreu as terras da Arábia e no Egito.

Era um cientista experimentador e realizava curas maravilhosas. De volta à Inglaterra, entrou para o Christ Church College (Oxford). Em Londres, exerceu a medicina na Fenchurch Street além de manter um estúdio de pesquisa em sua residência, na Coleman Street. Publicou um livro de nome comprido: "**Apologia Compediaria Fraternitatem de Rosea Crucis Suspicionis et Infamiae Maculis Aspersam, veritates quaesi Fluctibus abluens et abstergens**", em 1616. Fludd entrou para história como o mais representativo dos ingleses praticantes da medicina mística (ou ocultista), possuidor da chave da Ciência Universal. Ele morreu em 08 de setembro de 1637, em sua casa, na paróquia de St. Catherine, na Coleman Street. Seus restos mortais, enterrados na Igreja de Bearsted, repousam sob uma lápide que ele fez com as próprias mãos.



Jacob Boheme

Nasceu em 1575 na pequena cidade de Alt Seidenburg, distante uma légua e meia de Gorlitz, na Alemanha. Seus pais, Jacob e Ursula, eram luteranos, simples e honestos. O

primeiro emprego do pequeno Jacob foi de pastor de ovelhas em Lands-Krone, uma montanha nos arredores de Gorlitz. A única espécie de educação que teve foi recebida na escola da cidade de Seidenberg, que ficava a uma milha de sua casa. Aos catorze anos aprendeu o ofício de sapateiro. Em seguida, viajou pela Alemanha como artífice, sempre no mesmo ramo. Por volta de 1599, retornou a Gorlitz onde veio a ser um mestre em sua profissão. Casou-se com Katherine Kuntzschmann, com quem teve quatro filhos, a um dos quais ensinou seu ofício.

Relatou a um amigo que, durante o tempo de seu aprendizado, quando seu mestre estava ausente, viu entrar na sapataria onde trabalhava, uma figura de aspecto venerável, um estranho vestido de forma simples, querendo comprar um par de sapatos que já havia escolhido. Julgando-se incapaz de lidar com vendas, Böehme fez-lhe um preço muito alto, crendo que o estranho recusaria e ele não seria repreendido pelo dono, seu mestre. O comprador, entretanto, pagou o preço estipulado e se afastou. Após ter dado alguns passos para fora da oficina, chamou com voz alta e firme: " Jacob! Venha cá! ". O jovem, a princípio assustou-se ao ouvir aquele desconhecido chamá-lo pelo nome de batismo, depois, decidiu atendê-lo. O forasteiro, com ar sério mas amável, disse-lhe: "Jacob, você é ainda muito pequeno, mas será grande e se tornará outro homem, e será objeto da admiração de todos. Isto porque é piedoso, crê em Deus e reverencia sua Palavra, acima de tudo. Leia cuidadosamente as Santas Escrituras, nas quais encontrará consolo e instrução, pois sofrerá muito; terá de suportar a pobreza, a miséria e as perseguições; mas seja corajoso e perseverante, pois Deus o ama". Em seguida, fixando-o bem nos olhos, apertou-lhe a mão e se foi, sem deixar qualquer indício.

Voltando a si do espanto, Böehme renunciou os prazeres da juventude folgazã e nunca mais abandonou a leitura das Santas Escrituras, tornando-se mais austero e mais atento em todos os seus atos. Böehme era de natureza humilde, sensível e contemplativa. Além da Bíblia, estudou as obras de Paracelso e os tratados místicos de Kaspar Schwenkfeld e de Valentin Weigel. Schwenkfeld e Weigel foram dois teólogos luteranos que romperam com a ortodoxia luterana para se dedicarem a uma doutrina mística. O primeiro foi fundador da seita dos Schwenkfelders que posteriormente veio a adotar as idéias de Böehme. Weigel, que havia sido influenciado pelas obras de Eckartausen, Teuler, Paracelso e do pseudo Dionísio, divulgava uma doutrina gnóstica de caráter panteísta.

Desde cedo, Jacob Böehme entregara-se à crença em Deus com toda a simplicidade e humildade de seu coração. Ao mesmo tempo em que era combatido, lutava, inconformado, porque os outros não podiam conhecer a verdade. Seu coração simples solicitava e procurava, fervorosamente, praticar e aplicar-se ao amor pela verdadeira piedade, pela virtude, e a levar uma vida reclusa e honesta, privando-se de todos os prazeres da vida social. Por ser isto absolutamente contrário aos costumes de então, ele adquiriu vários inimigos.

Depois de ganhar a vida com o suor de seu rosto, como um laborioso trabalhador, no ano de 1600, quando tinha 25 anos, Böehme sentiu-se envolvido pela luz Divina. Estava sentado em seu quarto, quando seus olhos caíram sobre o prato de estanho polido que refletia a luz do sol com um esplendor maravilhoso. Isso levou Böehme a um êxtase inesperado e pareceu-lhe que a partir daquele momento podia contemplar as coisas na profundidade de seus fundamentos. Pensou que fosse apenas uma ilusão e, para expulsá-la de sua mente, saiu para o jardim. Mas aí observou que contemplava o verdadeiro coração das coisas, a autêntica grama, a verdadeira harmonia da natureza que havia sentido interiormente. Percebeu a sua essência, uso e propriedades, que lhe eram reveladas através das linhas e formas. Desta maneira compreendeu toda a criação e mais tarde escreveu um livro sobre os fundamentos daquela revelação, intitulado "De Signatura Rerum". Böehme encontrou alegria no conteúdo daqueles mistérios, voltou para casa e cuidou de sua família, vivendo em paz e silêncio sem revelar a ninguém as coisas que lhe haviam sucedido.

Dez anos mais tarde, no ano de 1610 viu-se novamente invadido por aquela luz. Todavia, aquilo que nas visões anteriores lhe havia aparecido de modo caótico e multifacético, pode agora ser reconhecido como uma unidade, tal como uma harpa em que cada uma de suas cordas fosse, por si só, um instrumento separado, enquanto que o todo constitui a harpa. Agora reconhecia a ordem divina da natureza. Sentiu necessidade de por em palavras o que havia visto, para preservar suas recordações. Descreveu, então, o fato da seguinte maneira:

"Abriu-se para mim um largo portão e em um quarto da hora vi e aprendi mais do que veria e aprenderia em muitos anos de universidade. Por essa razão, estou profundamente admirado e dirijo a Deus minhas orações, agradecendo-lhe por isto. Porque vi e compreendi o Ser dos seres, o Abismo dos abismos e a geração eterna da Santíssima Trindade, o descendente e origem do mundo de todas as criaturas, pela divina sabedoria: Soube e vi por mim mesmo os três mundos, ou seja, o divino (angelical e paradisíaco), o das sombras (que deu origem e natureza ao fogo) e o mundo exterior e visível (sendo à procriação ou o nascimento exterior tanto do mundo interior como do espiritual). Vi e conheci toda a essência do trabalho o mal e o bem original e a existência de cada um deles; e também como frutificou com vigor a semente da eternidade. E isso de tal forma que dela fiquei desejoso e rejubilei-me".

Para não esquecer a grande graça que acabara de receber e para não desobedecer a um mestre tão santo e consolador, decidiu escrever em 1612, embora sua situação, financeira não fosse boa e não possuísse um livro sequer, com exceção da Bíblia. Surgiu então seu primeiro livro: "Die Morgenrotte im Aufgang" (O vermelho Matutino), que foi posteriormente chamado por um de seus seguidores, o Dr. Balthazar Walter, de "Aurora". Este livro não foi mostrado a ninguém, a não ser a um cavalheiro muito conhecido, Karl von Endern, que se encontrava por acaso em sua casa. Era desejo de Böehme que este livro jamais fosse impresso. Todavia, acabou por ceder à insistência de

Endern, e lhe emprestou o livro. Mas este, desejando possuir esse tesouro oculto, separou e distribuiu as folhas a alguns amigos que se puseram a copiá-lo. Deste modo começaram a correr rumores que acabaram por chegar aos ouvidos do pastor de Gorlitz, Gregor Richers. Este, mesmo sem ter lido ou examinado o livro, condenou-o do púlpito quando pregava e, esquecendo completamente a caridade cristã, caluniou e injuriou seu autor, a ponto de o magistrado de Gorlitz ser forçado a intimar Böehme a comparecer com o manuscrito.

Böehme compareceu, e perante os magistrados recebeu ordem de deixar a cidade imediatamente, sem mesmo ver a família e colocar os negócios em ordem. Submeteu-se a essa determinação, porém, desejava saber o que havia de errado com ele. Em resposta o pastor declarou que desejava vê-lo preso e longe da cidade. Posteriormente, a ordem do magistrado foi revogada e notificaram Böehme de que poderia morar em Gorlitz e trabalhar em sua profissão, contanto que não escrevesse mais sobre assuntos teológicos, acrescentando: "Sutor ne ultra crepidam", isto é "O sapateiro não vai além das sandálias".

Böehme esperou pacientemente que cessassem as denúncias (de 1613 a 1618), o que não aconteceu; muito pelo contrário, recrudesceram; mas nem por isso deixou de orar por aqueles que o condenaram. Sentia-se infeliz em seu silêncio forçado. Tempos depois, referindo-se a esse período diria que se comparava a uma semente que, oculta no seio da terra, desenvolvia-se apesar do mau tempo e das tempestades.

Santa e pacientemente, submeteu-se ao veredicto que recebeu e permaneceu sete anos sem escrever. Entretanto, um novo impulso de seu interior veio despertá-lo. Além disso, pessoas crentes e versadas nas ciências da natureza estimularam-no a continuar sua obra e a "não esconder a lâmpada debaixo da cama". Decidiu-se, então, a recomendar a escrever e muitas obras surgiram: "Von der Drei Principien Gottliches Wesens" (Os Três Princípios da Natureza de Deus) em 1619; "Vom Dreifachem Leben des Menschen" (A Vida Tríplice do Homem), "Vierzig Fragen von der Seele" (Quarenta Questões da Alma), "Von der Menschwerdung Jesu Christi" (A Encarnação de Jesus Cristo), "Von Sechs Theosophischen Punkten" (Seis Pontos Teosóficos), "Grundlicher Bericht von dem Irdischen und Himmlischen Mysterio" (Relato Metódico do Mistério Terrestre e Celeste) em 1620; "Von der Geburt und Bezeichnung Aller Wesen" (O Nascimento e a Marca de Todas as Coisas), mais conhecido como "Signatura Rerum", em 1621; "Von der Gnadenwahl" (A Escolha da graça) em 1623; "Betrachtung Gottlicher Offenbarung" (Os Três Princípios da Revelação Divina) e "Der Weg zu Christo" (O Caminho Para o Cristo) em 1624.

Cada livro que Böehme escreveu marcou nele, segundo suas próprias palavras, o crescimento do "lírio espiritual", ou seja, o amadurecimento da vida, sempre para a Luz do Espírito, o "novo nascimento de Cristo". O "crescimento do lírio" está acontecendo sempre, é a triunfante auto-realização da perfeição de Deus; Böehme via o universo

como um grande processo alquímico, uma retorta destilando perpetuamente os metais para transmutá-los em ouro celestial.

O Dr. Balthazar Walter, que fez numerosas viagens durante sua vida, permanecendo inclusive seis anos entre os árabes, os sírios e os egípcios, para aprender com eles a verdadeira sabedoria oculta, sustentava que havia encontrado alguns fragmentos dessa ciência aqui e ali, mas em nenhuma parte ela era tão profunda, tão pura, como a de Jacob Böehme, este homem simples, esta pedra angular rejeitada pelos sábios dialéticos e pelos doutores metafísicos da Igreja. Por isso deu-lhe o nome de "Philosophus Teutonicus" (Filósofo Alemão) tanto para distingui-lo das outras nações, como para evidenciar suas eminentes qualidades entre seus compatriotas, tendo em vista que fora sempre muito austero em sua conduta e sempre levava uma vida cristã, humilde e resignada.

A morte de Böehme ocorreu em um domingo, 20 de novembro de 1624. Antes de uma hora, Böehme chamou Tobias, seu filho, e perguntou-lhe se não havia escutado uma maravilhosa música. Pediu-lhe, então que abrisse a porta do quarto, para que a canção celestial pudesse ser melhor ouvida. Mais tarde perguntou que horas eram, e quando lhe responderam que o relógio havia soado as duas horas disse: "Ainda não chegou a minha hora, mas dentro de três horas será a minha vez". Depois de uma pausa, falou de novo: "Ó Deus poderoso, salva-me, de acordo com Tua Vontade". E outra vez disse: "Tu Cristo crucificado, tem piedade de mim e leva-me contigo ao teu reino". Deu então, à sua esposa certas instruções com referência a seus livros e outros assuntos temporais, dizendo-lhe também, que ela não sobreviveria por muito tempo (como de fato ocorreu e, despedindo-se de seus filhos, disse: "Agora entrarei no Paraíso". Então pediu a seu filho mais velho, cujos olhos pareciam prender Böehme a seu corpo, que se virasse de costas e, com um profundo suspiro, sua alma abandonou o corpo, indo para a terra à qual pertencia; entrando naquele estado que só é conhecido por aqueles que fizeram da Iniciação, o motivo de sua existência.

FONTE: Sociedade das Ciências Antigas - Biografias: Jacob Boheme

Paracelso

Thophrastus Bombastus von Hohenheim nasceu em 10 de novembro de 1493 na cidade suíça de Einsiedeln. Orfão de mãe, o pai era médico e professor de Química. Aos 17 anos foi fazer estudos superiores em Baliléia, um dos mais importantes centros culturais da época. Não se adaptou à comunidade estudantil e abandonou os cursos regulares para ingressar na escola do monastério beneditino de Santo André, Lavanthal, onde conheceu o bispo e alquimista Erhart Baumgartner. Mais tarde, em Würzburg, tornou-se aluno do abade Johan Tritemus, outro alquimista e ocultista. Conheceu também Heinrich Cornelius Agrippa, estudioso de ciências ocultas. Foram amigos que influenciaram o jovem Theophrastus em sua formação.

Adotou o pseudônimo Paracelso cujo significado pode ser "Comparável a Celso" [Celso: discípulo do médico grego Galeno] ou "Voltado para o alto", pela fusão da palavra grega *para*, ou "em direção a..." e a latina *celsus*, ou, "elevado". Em 1515, aos 22 anos, iniciou uma longa viagem de estudos. Percorreu toda a Europa, foi médico em campo de batalha onde teve a oportunidade de realizar estudos práticos em anatomia e cirurgia. Em 1526, voltou para a Alemanha onde exerceu a medicina com base na teoria de que todas as doenças têm causa idêntica: "a desarmonia entre o microcosmo e o macrocosmo".

Apoiado em Hipócrates, afirmava que o homem traz dentro de si a força necessária para superar qualquer enfermidade. O segredo da cura estaria não exatamente no uso dos remédios, mas em "despertar o médico interno", a energia vital do organismo. Seus êxitos lhe valeram uma cátedra na Universidade de Basiléia. Era admirado pelos alunos, no entanto, encontrou muitos inimigos entre os acadêmicos. Foi acusado de alcoolismo (e bebia mesmo) e de blasfêmia. Quando incitou seus discípulos a queimarem os livros ultrapassados de Galeno e Avicena, foi obrigado a sair da cidade. Desde então, assumiu definitivamente a condição de místico, aprofundando-se em ocultismo, astronomia e religião.

Entre 1531 e 1534 foi pregador bíblico entre os montanhese dos Alpes. Em 1536, concluiu um livro de profecias: eram "prognósticos para preparar os gentios para os fatos que estão suspensos no ar". Em 1541, famoso porém pobre e solitário, foi acolhido em Salzburgo pelo Príncipe Ernesto da Baviera, bispo local. No mesmo ano, em 24 de setembro, morreu de causa desconhecida em um quarto do Hotel Cavalo Branco.

**FONTE: As Profecias de Paracelso IN Os Grandes Profetas
São Paulo: Editora Nova Cultural, 1985 — p 197**



Franz Anton Mesmer

Mesmer foi o médico austríaco criador da teoria do magnetismo animal conhecido pelo nome de mesmerismo. Nasceu a 23 de maio de 1734, em Iznang, uma pequena vila perto do Lago Constance. Estudou teologia em Ingolstadt e formou-se em medicina na Universidade de Viena. Provido de recursos, dedicou-se a longos estudos científicos, chegando a dominar os conhecimentos de seu tempo, época de acentuado orgulho intelectual e ceticismo. Era um trabalhador incansável, calmo, paciente e ainda um exímio músico.

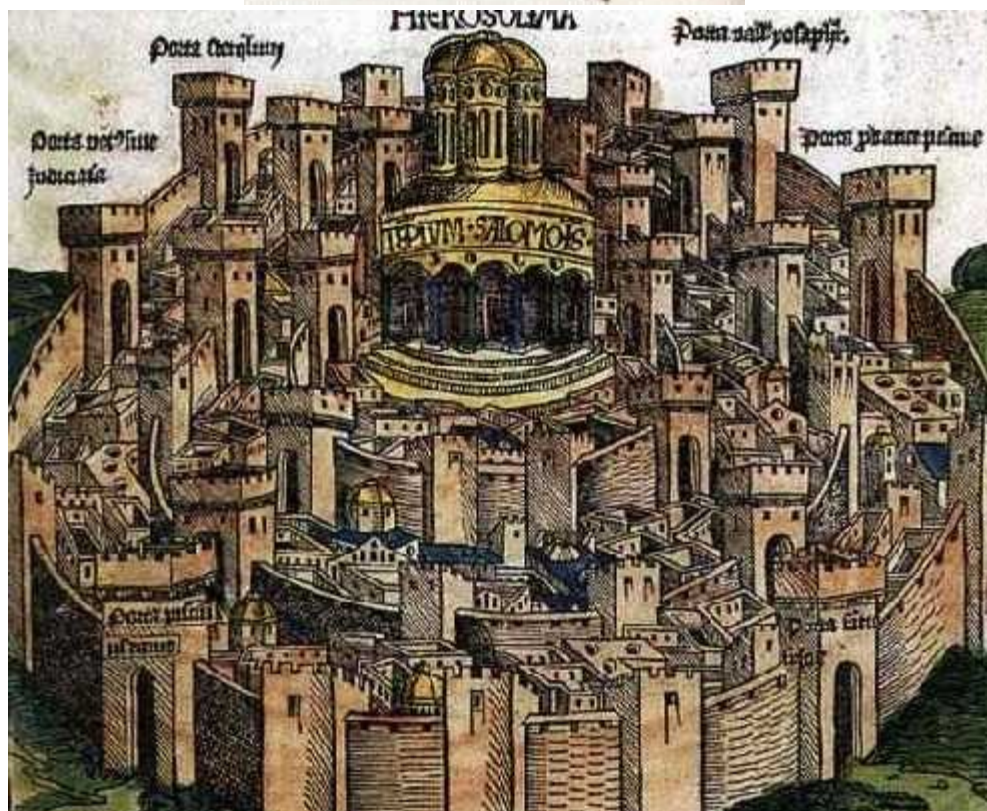
Em 1775, após muitas experiências, Mesmer reconhece que pode curar mediante a aplicação de suas mãos. Acredita que dela desprende um fluido que alcança o doente; declara: "De todos os corpos da Natureza, é o próprio homem que com maior eficácia atua sobre o homem". A doença seria apenas uma desarmonia no equilíbrio da criatura, opina ele. Mesmer, que nada cobrava pelos tratamentos, preferia cuidar de distúrbios ligados ao sistema nervoso. Além da imposição das mãos sobre os doentes, para estender o benefício a maior número de pessoas, magnetizava água, pratos, cama, etc., cujo contato submetia os enfermos.

Mesmer praticou durante anos o seu método de tratamento em Viena e em Paris, com evidente êxito, mas acabou expulso de ambas as cidades pela inveja e incompreensão de muitos. Depois de cinco tentativas para conseguir exame judicioso do seu método de curar, pelas academias, é que publica, em 1779, a "Dissertação sobre a descoberta do magnetismo animal", na qual afirma que esta é uma ciência com princípios e regras, embora ainda pouco conhecida. A sua popularidade prosseguiu por muitos anos, mas outros médicos o taxavam de impostor e charlatão. Em 1784, o governo francês nomeou uma comissão de médicos e cientistas para investigar suas atividades. Benjamin Franklin foi um dos membros dessa comissão, que acabou por constatar a veracidade das curas, porém as atribuíram não ao magnetismo animal, mas a outras causas fisiológicas desconhecidas.

Concentrado no alívio à dor, Mesmer não chegou a perceber a existência do sonambulismo artificial, que seu ilustre e generoso discípulo, conde Maxime Puységur, descobre (inclusive a clarividência a ele associada), o qual se desenvolve durante o transe magnéticos em certas pessoas. Em 1792, Mesmer vê-se forçado a retirar-se de Paris, vilipendiado, e instala-se em pequena cidade suíça, onde vive durante 20 anos sempre servindo aos necessitados e sem nunca desanimar nem se queixar. Em 1812, já aos 78 anos, a Academia de Ciências de Berlim convida-o para prestar esclarecimentos, pois pretendia investigar a fundo o magnetismo. Era tarde; ele recusa o convite. A Academia encarrega o Prof. Wolfart de entrevistá-lo. O depoimento desse professor é um dos mais belos a respeito do caridoso médico:

"Encontrei-o dedicando-se ao hospital por ele mesmo escolhido. Acrescente-se a isso um tesouro de conhecimentos reais em todos os ramos da Ciência, tais como dificilmente acumula um sábio, uma bondade imensa de coração que se revela em todo o seu ser, em suas palavras e ações, e uma força maravilhosa de sugestão sobre os enfermos." No início de 1814, ele regressou para Iznang, sua terra natal, onde permaneceria os seus últimos dias até falecer em 05/03/1815.

Assim foi Mesmer. Durante anos semeou a cura de enfermos doando de seu próprio fluido vital em atitude digna daqueles que sacrificam-se por amor ao seu trabalho e a seus irmãos. Suas teorias atravessaram décadas e seu exemplo figura luminoso entre os missionários que sob o açoite das críticas descabidas e as agressões da calúnia, passam incólume escudado pelo dever retamente desempenhado. Seu nome jamais se desligará do vocábulo "fluido" e sua vida valiosa pelos frutos que gerou, jamais será esquecida por aqueles cuja honestidade de propósitos for o ornamento de seus espíritos. A sua obra foi decisiva para demonstrar a realidade da imposição das mãos como meio de alívio aos sofrimentos, tal como a utilizavam os primeiros cristãos antigamente e os espíritas atualmente. **FONTE: Espiritismo Mogi**



Jacques de Molay

FONTE: Cavaleiros Templários HPG

Historiadores modernos acreditam que Jacques DeMolay nasceu em Vitrey, na França, no ano de 1244. Pouco se sabe de sua família ou sua primeira infância, porém, na idade de 21 anos, ele tornou-se membro da Ordem dos Cavaleiros Templários. Na Ordem participou destemidamente de numerosas Cruzadas, e o seu nome era uma palavra de ordem de heroísmo, quando, em 1298, DeMolay foi eleito Grão Mestre. Era um cargo que o classificava como e muitas vezes acima de grandes lordes e príncipes. DeMolay assumiu o cargo numa época em que a situação para a Cristandade no Oriente estava ruim. Os infiéis sarracenos haviam conquistado os Cavaleiros das Cruzadas e capturado a Antioquia, Trípoli, Jerusalém e Acre. Restaram somente os "Cavaleiros Templários" e os "Hospitalários" para confrontarem-se com os sarracenos. Os Templários, com apenas uma sombra de seu poder anterior, se estabeleceram na ilha de Chipre, com a esperança de uma nova Cruzada. Porém, as esperanças de obterem auxílio da Europa foram em vão pois, após 200 anos, o espírito das Cruzadas havia-se extinguido.

Os Templários foram fortemente entrincheirados na Europa e Grã-Bretanha, com suas grandes casas, suas ricas propriedades, seus tesouros de ouro; seus líderes eram respeitados por príncipes e temidos pelo povo, porém não havia nenhuma ajuda popular para eles em seus planos de guerra. Foi a riqueza, o poder da Ordem, que despertou os desejos de inimigos poderosos e, finalmente, ocasionou sua queda.

Em 1305, Felipe, o Belo, então Rei de França, atento ao imenso poder que teria se ele pudesse unir as Ordens dos Templários e Hospitalários, conseguindo um titular controle, procurou agir assim. Sem sucesso em seu arrebatamento de poder, Felipe reconheceu que deveria destruir as Ordens, a fim de impedir qualquer aumento de poder do Sumo Pontificado, pois as Ordens eram ligadas apenas à Igreja. Em 14 de setembro de 1307, Felipe agiu. Ele emitiu regulamentos secretos para aprisionar todos os Templários.



DeMolay e centenas de outros Templários foram presos e atirados em calabouços. Foi o começo de sete anos de celas úmidas e frias e torturas desumanas e cruéis para DeMolay e seus cavaleiros. Felipe forçou o Papa Clemente a apoiar a condenação da Ordem, e todas as propriedades e riquezas foram transferidas para outros donos. O Rei forçou DeMolay a trair os outros líderes da Ordem e descobrir onde todas as propriedades e os fundos poderiam ser encontrados. Apesar do cavalete e outras torturas, DeMolay recusou-se.

Finalmente, em 18 de março de 1314, uma comissão especial, que havia sido nomeada pelo Papa, reuniu-se em Paris para determinar o destino de DeMolay e três de seus Preceptores na Ordem. Entre a evidência que os comissários leram, encontrava-se uma confissão forjada de Jacques DeMolay há seis anos passados. A sentença dos juizes para os quatro cavaleiros era prisão perpétua. Dois dos cavaleiros aceitaram a sentença, mas DeMolay não; ele negou a antiga confissão forjada, e Guy D'Avergnie ficou a seu lado. De acordo com os costumes legais da época, isso era uma retratação de confissão e punida por morte. A comissão suspendeu a seção até o dia seguinte, a fim de deliberar.

Felipe não quis adiar nada e, ouvindo os resultados da Corte, ele ordenou que os prisioneiros fossem queimados no pelourinho naquela tarde.

Quando os sinos da Catedral de Notre Dame tocavam ao anoitecer do dia 18 de março de 1314, Jacques DeMolay e seu companheiro foram queimados vivos no pelourinho, numa pequena ilha do Rio Sena, destemidos até o fim. Apesar do corpo de DeMolay ter perecido naquele dia, o espírito e as virtudes desse homem, para quem a Ordem DeMolay foi denominada, viverão para sempre. "Embora o corpo de DeMolay tivesse sucumbido aquela noite, seu espírito e suas virtudes pairam sobre a Ordem DeMolay, cujo nome em sua homenagem viverá eternamente." Jacques DeMolay morreu com 70 anos; durante sua morte na fogueira intimou aos seus três algozes, a comparecer diante do tribunal de Deus, e amaldiçoando os descendentes do Rei da França, Filipe "O Belo":

"NEKAN, ADONAI !!! CHOL-BEGOAL!!! PAPA CLEMENTE... CAVALEIRO GUILHERME DE NOGARET... REI FILIPE: INTIMO-OS A COMPARECER PERANTE AO TRIBUNAL DE DEUS DENTRO DE UM ANO PARA RECEBEREM O JUSTO CASTIGO. MALDITOS! MALDITOS! TODOS MALDITOS ATÉ A DÉCIMA TERCEIRA GERAÇÃO DE VOSSAS RAÇAS!!!" (Jacques de Molay)

Clemente V (Bertrand de Got) - Papa de 1305 a 1314, nascido em Villandraut (Gironde), na França, em 1264. Teve a sede de seu papado em Avignon, cidade ao sul de França, devido as pressões de Filipe, o Belo. A sede do papado manteve-se em Avignon por 70 anos (1307- 1377), episódio que ficou conhecido como Cativo de Avignon. Morto por ingerir esmeraldas reduzidas a pó (para curar sua febre e um ataque de angústia e sofrimento), que provavelmente cortaram seus intestinos. O remédio foi receitado por médicos desconhecidos (?), quando o papa retornava a sua cidade natal.

Guilherme de Nogaret (Guarda-Selos do reino) – Nogaret já havia cometido ações contra Bonifácio VIII, Papa de 1294 a 1303. Nascido em Anagni, entre 1220 e 1230, dedicou-se ao estudo de Direito, sendo considerado, quando cardeal, eminente jurista e hábil diplomata. Convenceu o Papa eremita Celestino V a renunciar, sendo eleito em seu lugar. Entrou em choque com Filipe, o Belo quando promulgou a bula Clericis Laicos, proibindo o clero de pagar impostos sem autorização papal. Depois de 1300, cresceram as dificuldades entre Bonifácio VIII e Filipe, o Belo, que falsificou bulas e pôs os franceses contra o Papa. Guilherme de Nogaret, aliado a dois cardeais da família Collona, recrutou na Itália um exército e assaltou o Palácio Anagni. Lá, o Papa, em seus 86 anos, dentro de seus aposentos sacerdotais, foi intimado a renunciar o papado, ao que teria respondido: "Aqui está meu pescoço, aqui está minha cabeça: morrerei, mas morrerei papa!". Foi esbofeteado por um dos cardeais Collona e excomungou Guilherme de Nogaret. Permaneceu prisioneiro por dois dias até que a população o socorreu. Regressando à Roma, enlouqueceu devido ao golpe e morreu blasfemando depois de quatro meses (11 de outubro). Diz-se que morreu envenenado por uma vela, fato que se atribui a Nogaret que, no entanto, não fora incriminado. Em seu lugar, o crime foi imputado a Evrard, antigo Templário. O veneno contido na vela era composto de dois

pós de cores diferentes:

CINZA: Cinzas da língua de um dos irmãos d'Aunay (que foram queimados por terem corneado Carlos e Luís com suas respectivas esposas). Elas tinham um suposto efeito sobrenatural para atrair o demônio.

CRISTAL ESBRANQUIÇADO: "Serpente de Faraó". Provavelmente sulfocianeto de mercúrio. Gera por combustão: Ácido sulfúrico, vapores de mercúrio e compostos anídricos; podendo assim, provocar intoxicações tanto cianídrica, quanto mercurial.



Saint Germain

A Europa do século XVIII testemunhou o aparecimento de uma constelação de notáveis homens espirituais que trabalharam para aliviar o sofrimento humano, apontaram para uma comunidade humana regenerada e tiveram um papel central na transição da noção régia "L'Etat, c'est moi", para a concepção contemporânea de nação. O Conde de Saint-Germain foi o mais misterioso e enigmático dentre aqueles personagens. Embora ele

mantivesse relações familiares com a maior parte das cabeças coroadas da Europa, pouco era conhecido de sua própria vida. Nenhuma data ou lugar podem ser indicados como sendo os de seu nascimento, e sua morte registrada é quase certamente uma falsificação. Mesmo sendo brilhante e talentoso, sua origem e educação são desconhecidas. Viajando incessantemente pelas capitais importantes da época, suas atividades em grande parte eram ocultas. H.P.Blavatsky sugere uma relação estreita entre Mesmer, Saint-Martin, Cagliostro e Saint-Germain, e afirma que Saint-Germain "supervisionava o desenrolar dos acontecimentos" na carreira de Mesmer e indicara Cagliostro para assistí-lo. O vasto período de tempo em que Saint-Germain trabalhou e o nível em que o fez sugerem que sua visão e esforços não eram limitados por nenhum lugar ou período únicos.

Saint-Germain apareceu primeiro em Veneza, no início do século XVIII, aparentando ter quarenta e cinco anos de idade, extremamente bem-apegoado, com olhos intensos e maneiras atraentes. Em torno de 1760 a Condessa von Georgy encontrou-o na corte de Luís XV. Atônita por ver o Conde completamente igual ao que era cinquenta anos antes, perguntou-lhe se era realmente ele. O Conde não apenas confirmou sua suspeita, mas relatou diversos incidentes que só os dois conheciam.

Em 1710 Rameau elogiou as claras e emocionantes improvisações de Saint-Germain ao pianoforte. O Príncipe Ferdinand von Lobkovitz recebeu uma de suas composições, e outra, com a assinatura do Conde, acabou por chegar às mãos de Tchaikovsky. Duas outras, datadas de 1745 e 1760, estão preservadas no Museu Britânico. Saint-Germain tocava violino igualmente bem, sendo comparado favoravelmente com Paganini por aqueles que haviam ouvido ambos tocar.

O conhecimento de línguas de Saint-Germain era fenomenal. Ele falava francês, inglês, alemão, italiano, espanhol e português fluentemente e sem sotaque. Os eruditos ficavam surpresos pela sua facilidade no grego e no latim, assim como no sânscrito, chinês e árabe, que ainda não eram bem ensinados nos liceus franceses. Ele era ambidestro e podia escrever com ambas as mãos ao mesmo tempo. Franz Gräffer testemunhou Saint-Germain escrever rapidamente a mesma carta com as duas mãos em duas folhas de papel. Quando superpostas uma à outra e vistas contra uma janela, as folhas translúcidas revelaram escritas idênticas, "como se fossem cópias de uma mesma matriz". Ele também era um esplêndido pintor e crítico de arte. Suas obras eram notadas pelo brilho realístico que dava às pedras preciosas que pintava na tela. Embora se suspeitasse que ele misturava madrepérola em seus pigmentos, ele jamais revelou o segredo e suas cores nunca foram reproduzidas.

Seu conhecimento de alquimia e química é bem atestado. Ele admitia que podia fazer pérolas artificialmente e uma vez removeu uma jaça de um grande diamante possuído por Luís XV. Casanova testemunhou uma moeda de prata de sessenta cêntimos ser transformada em uma peça de ouro puro em cerca de dois minutos. Quando Casanova

lançou dúvidas sobre o que havia visto, Saint-Germain respondeu simplesmente: "As pessoas que questionam a minha Arte não merecem minha atenção", e Casanova jamais o viu novamente. Dois meses mais tarde Casanova deu a moeda para o Marechal-de-campo Keith em Berlin. Além desta capacidade de aperfeiçoar os metais, a própria idade imutável e hábitos alimentares únicos de Saint-Germain - ninguém jamais o viu comer - sugerem que ele possuía o elixir da vida. Uma vez que outros alegaram ter recebido benefícios diretos de seus derivados, incluindo vigor recuperado e saúde restaurada, memória aumentada e vida prolongada, parece que Saint-Germain possuía o conhecimento do Azoth, que em suas três formas constitui a Pedra Filosofal, o poder de projeção e o elixir da vida.

Mesmo sem haver evidência de ter alguma vez recebido receitas ou lucro de seus investimentos, Saint-Germain era rico. Suas jóias pessoais eram fabulosas, incluindo um par de fivelas de sapato que valiam duzentos mil francos. Os convites para os seus jantares suntuosos, nos quais ele não comia nada, eram enviados em cartões engastados de pedras preciosas. Ele tinha crédito em todos os bancos e jamais estava em débito. A fonte de sua riqueza, contudo, permanece desconhecida.

Suas origens são igualmente desconhecidas. Dizia-se variadamente que ele era um descendente de Carlos II da Espanha, um judeu da Alsácia, o filho de um rei de Portugal, ou o Príncipe Rakócxý da Transilvânia. o Príncipe Karl von Hesse-Cassel, um amigo do Conde, acreditava, mas não pretendia certeza, que a última identidade era a correta. Saint-Germain ocasionalmente usava o título de Conde Tzarogy, e o Príncipe Karl havia ouvido que quando o irmão e irmã do Conde receberam do Imperador Carlos VII os títulos e nomes de Saint Karl e Saint Elisabeth, ele mesmo adotou o nome de Sanctus Germano, "o irmão santo". Mas Saint-Germain comprou do Papa o condado de San Germano e seu título. Uma vez ele mesmo disse que havia vivido por um tempo na Caldéia, mas não está claro se ele estava se referindo a uma vida anterior. Uma especulação recente de Jacques Sadoul sugere uma conexão entre o Signor Geraldí, Lascaris e Saint-Germain. Descrições existentes sobre sua aparência e maneiras são muito similares e todos os três eram alquimistas, lingüistas e conversadores notáveis. Geraldí estava em Viena em 1687; desapareceu em 1691. Lascaris apareceu em torno de 1693, realizou muitas transmutações documentadas e sumiu entre 1730 e 1740, logo antes de Saint-Germain chegar à Inglaterra. O astrólogo Etteila arriscou declarar em 1786 que Saint-Germain e Irineu Filaletes eram a mesma pessoa, acrescentando: "Monsieur de Saint-Germain une em sua própria pessoa um conhecimento perfeito das três ciências clássicas".

Todos os que o encontravam ficavam profundamente impressionados com sua natureza gentil e refinada, sua graça, amabilidade e compaixão, e com sua palestra brilhante e envolvente. Suas histórias sobre tempos antigos, como as sobre Francisco I de França, eram tão animadas e detalhadas que muitos vieram a acreditar que ele tinha centenas de anos de idade. Ao mesmo tempo que realmente sugeria ser muito velho e que tinha

conhecimento pessoal dos eventos antigos, ele não pretendia que tudo o que lembrava tivesse ocorrido quando estava no corpo que possuía como 'Saint-Germain'. Quando uma vez mostrou o retrato de sua mãe para a Condessa de Genlis em 1723, ela notou o traje desconhecido usado na pintura. "A que período pertence esta roupa?", perguntou ela, mas não recebeu resposta.

'O Homem-Prodígio', o 'homem milagroso', fascinou toda a Europa cortesã. De todos os cantos vinham relatos de alguma visão estranha, alguma experiência peculiar, de uma história maravilhosa ou alguma atividade misteriosa. A maior parte deles é fragmentária e inclui histórias inventadas, pois se tornara sinal de distinção e prestígio ter algum encontro com Saint-Germain. Ele não tentava encorajar ou suprimir nenhuma história particular, pois elas ocultavam mais completamente seu trabalho verdadeiro dos olhos curiosos e bisbilhoteiros. Ao passo que um número de pessoas notáveis de menor escalão tenha registrado incidentes em sua vida, aqueles que mantinham posições críticas no poder e influência e que freqüentemente o tinham como confidente não escreveram histórias detalhadas dos eventos em andamento.

Em 1723 Saint-Germain estava na França e em relações estreitas com Madame de Pompadour, a quem ela havia dado uma caixa de ágata que, quando levada para perto de um fogo, revelava uma pintura de uma pastora com seu rebanho. Um grupo de nobres austríacos e húngaros eram amigos seus, incluindo o Príncipe Kaunitz e o Príncipe Ferdinand von Lobkovitz. De 1737 a 1742 Saint-Germain viveu na corte do Xá da Pérsia, onde mergulhou em estudos alquímicos. Foi lá, disse ele, que começou a entender os segredos da natureza. Voltou a Versalhes e passava muitas horas com Luís XV. De acordo com Horace Walpole, Saint-Germain, que "canta e toca violino maravilhosamente", foi à Inglaterra e foi implicado na Revolução Jacobina em 1745. Um inimigo introduziu uma carta, alegadamente escrita pelo Pretendente, no bolso de Saint-Germain e então prenderam-no. Ele imediatamente explicou-se, foi inocentado, e jantou na mesma noite com William Stanhope, Conde de Harrington e Secretário do Tesouro. No mesmo ano foi a Viena, onde foi calorosamente recebido por Lobkovitz, primeiro ministro do Imperador Francisco I. Durante este período ele também visitou Frederico o Grande em Sans-Souci, e lá teve várias conversas com Voltaire. Embora um cético empedernido, Voltaire sentiu-se movido a escrever que "o conde de Saint-Germain é um homem que jamais nasceu, e jamais morrerá, e que sabe tudo".

Saint-Germain viajou à Índia com o General Clive. Mais tarde ele escreveu: "Devo meu conhecimento de fazer jóias à minha segunda viagem à Índia, no ano de 1755". A partir de seu próprio relato, ele esteve também na África e na China, mas não deu datas. Quando voltou à França em 1757, causou profundo impacto no Marechal, o Conde de Belle-Isle, que haveria de se tornar Secretário de Estado com o Duque de Choiseul no reinado de Luís XVI. Nesta altura o Rei deu a Saint-Germain um apartamento no castelo real de Chambord, e formou-se um grupo de estudantes ao seu redor. Entre eles estava o Barão von Gleichen, o Marquês d'Urfré e a Princesa de Anhalt-Zerbst, mãe de Catarina

II da Rússia. Algumas lendas fantásticas sobre o Conde se espalharam em toda Paris porque um inglês de nome Lorde Gower se divertia imitando Saint-Germain e fazendo que sua imitação falasse e fizesse coisas tolas. Saint-Germain tinha de suportar a fofoca que surgia nos salões da época e o fez sem queixa.

Luís XV enviou Saint-Germain em missão secreta extraordinária para Haia, para descobrir se os ingleses aceitariam uma paz que era aceitável para a França. Saint-Germain chegou com cartas de Belle-Isle e rapidamente descobriu que o Duque de Choiseul estava trabalhando contra a paz, e que o Conde d'Affry, embaixador francês oficial, era seu aliado. O Conde avisou Madame de Pompadour, explorou os sentimentos de vários diplomatas e convenceu Jorge III de que ele estava agindo em nome do Rei de França. Choiseul soube que Saint-Germain descobrira suas tramas e ordenou que o prendessem. Saint-Germain insistiu que não tinha nada a temer de Choiseul, não obstante, escapou rapidamente pela Frísia Oriental em direção à Inglaterra, onde foi recebido na corte. Quando o Conde de la Watú descobriu a partida súbita, escreveu para Saint-Germain:

"Se um raio me atingisse eu não teria ficado mais confuso do que quando descobri que houvestes partido de Haia... Sei bem, Monsieur, que sois o maior senhor em toda a Terra; só lamento que pessoas vis ousem dar-vos aborrecimentos, e diz-se que ouro e intrigas estão sendo empregados em oposição aos vossos esforços pela paz... Se decidis que posso ser de valia para vós, contaí com minha fidelidade; não tenho senão meu braço e meu sangue, mas ponho tudo isso a vosso serviço".

Quando seus esforços pela paz pareceram falhar, ele voltou a Paris em maio de 1761. Quando o Marquês d'Urfé informou Choiseul da presença do Conde, ele respondeu: "Não me surpreende, pois ele passou a noite em meus aposentos". Desta discussão surgiu o Pacto de Família, que por fim foi sucedido pelo Tratado de Paris, que deu fim às guerras coloniais. A seguir Saint-Germain é encontrado em São Petersburgo. O Conde Gregor Orloff escreveu ao Margrave de Brandenburg-Anspach que o Conde "teve grande papel na sua revolução" e ajudou a estabelecer Catarina II no trono. Por volta de 1763, contudo, Saint-Germain estava em Bruxelas. O Conde Karl Cobenzl escreveu para o Primeiro Ministro, Príncipe Kaunitz, que ele havia visitado o Conde.

"Possuindo grande fortuna, ele vive na maior simplicidade; ele sabe tudo, e demonstra uma retidão, e uma bondade de alma, dignas de admiração". Cobenzl descreveu uma transmutação do ferro, vários processos de tintura "e o mais perfeito curtume", a eliminação do cheiro dos óleos de pintura e a produção de cores brilhantes. Ele então delineou um plano de manufatura sem custo destes itens, pelos quais o Conde recusou recompensa exceto uma fração dos lucros. Nesta época Casanova encontrou Saint-Germain em Tournay e foi informado da fábrica de Cobenzl.

Em algum momento entre 1763 e 1769 Saint-Germain passou um período de um ano em

Berlin. Dieudonné Thiébault lembrou em suas memórias que Saint-Germain "era claramente de berço nobre, e transitava na boa sociedade". Quando Madame de Troussel e o Abade Perteny, "que não tardou em reconhecer nele as características que constituem um adepto", mencionou a Pedra Filosofal, Saint-Germain ridicularizou os esforços ilógicos da maioria dos alquimistas. "Eles não usam agente nenhum exceto o fogo", disse o Conde, conforme relatos, "esquecendo que o fogo divide e decompõe, e que conseqüentemente é mera tolice depender dele para a criação de um composto novo". Thiébault acreditava que Cagliostro havia sido seu discípulo e iniciado pelo próprio Saint-Germain. Cagliostro permaneceu sempre fiel ao seu mestre, mesmo sendo atacado amiúde por homens e mulheres astutos e maliciosos. Mas, diz Thiébault:

"Na história do Monsieur de Saint-Germain temos a história de um homem sábio e prudente que jamais atentou voluntariamente contra o código de honra, ou fez algo que pudesse ofender nosso senso de probidade. Temos maravilhas sem fim, mas nunca algo mesquinho ou escandaloso".

Em torno de 1770 Saint-Germain viajou para Veneza, onde instalou uma fábrica que empregava centenas de operários trabalhando no tingimento e processamento do linho para que tomasse a aparência de seda italiana. Ele acompanhou a Tunis o Conde von Lamberg, Camareiro do Imperador José II. No mesmo ano o Conde Alexis Orloff acolheu-o calorosamente em Leghorn, onde ele apareceu de uniforme russo e usou o nome de Conde Saltikoff. Nesta época ele também foi visto em Paris por ocasião da desgraça de Choiseul. Heer van Sypesteijn escreveu:

"Todas as suas habilidades, especialmente sua extraordinária bondade, sim, mesmo magnanimidade, que formavam suas características essenciais, o tornaram tão respeitado e amado que quando, em 1770, depois da queda do Duque de Choiseul, seu arqui-inimigo, ele apareceu em Paris novamente, foi só com grandes expressões de tristeza que os parisienses deixaram que ele partisse".

Por ocasião da morte de Luís XV em 1774 - que havia pronunciado as ominosas palavras "depois de mim, o dilúvio" - Saint-Germain foi para Haia pela última vez e logo seguiu para Schwalbach. Foi visto por Björnstahl em Hanau, com o Lorde Cavendish. Nos dois anos seguintes ele visitou Triesdorf, Leipzig e Dresden. Em 1779 foi para Hamburgo. Lá foi o hóspede ilustre do Príncipe Karl von Hesse, e juntos eles empreenderam alguns experimentos secretos, todos dedicados ao bem da humanidade.

A última fase da carreira pública do Conde é relatada com mais detalhes nos 'Souvenirs de Marie-Antoinette', da Condessa d'Adhémar. O livro é apócrifo, e inclui cenas que ela não poderia ter testemunhado pessoalmente, mas documentos a respeito de Saint-Germain foram cuidadosamente preservados pelos descendentes da Condessa e parece provável que a maior parte dos casos relatados no livro sejam baseados nas suas recordações. A Condessa diz que Saint-Germain visitou-a várias vezes e persuadiu-a

para usar sua influência sobre a nova Rainha, Maria Antonieta. Em várias ocasiões Saint-Germain detalhou o destino da monarquia francesa: uma conspiração estava em andamento - embora não houvesse um líder único - para subverter toda a ordem social. Uma vez que ela havia surgido por causa das necessidades legítimas das massas, não poderia ser ignorada, mas a menos que Luís XVI tomasse a iniciativa da reforma, outros, especialmente os Enciclopedistas ávidos de poder, usariam o nome do povo em proveito de seus fins complexos, confusos e ignóbeis. Além de certo ponto nada mais poderia ser feito, de modo que o Rei devia agir rapidamente. Infelizmente, Maurepas, de quem o Rei dependia, era ao mesmo tempo um tolo e um inimigo de Saint-Germain. O Rei devia ter a coragem de livrar-se dele.

A triste história da Condessa d'Adhemar é bem conhecida: os esforços do Conde suscitaram a atenção de Luís e de Maria Antonieta, que admitiram mesmo que o Conde enviara a ela cartas anônimas que haviam advertido e protegido numerosas vezes. Mas seus conselhos não conseguiram livrar o Rei da intolerável influência de Maurepas. Saint-Germain previu o resultado final - revolução e república, um império temporário e uma legião de governos controlados por homens ambiciosos e indignos. Diz-se que ele apareceu na decapitação de Maria Antonieta, e novamente em 1804, 1813 e 1820. Exceto por estas breves aparições, ele escreveu à Condessa pela última vez em 1789: "Tudo está perdido, Condessa! Este é o último sol que brilhará sobre a monarquia; amanhã ela já não existirá, o caos prevalecerá, a anarquia sem paralelo... agora é tarde demais".

Em 1784 o Conde retirou-se para o castelo do Príncipe Karl e, de acordo com o registro paroquial de Eckernförde, morreu depois de uma doença em 27 de fevereiro. Ninguém viu o corpo, e Saint-Germain esteve presente na Grande Convenção Maçônica de Paris em 1785. Com ele estavam Saint-Martin, Mesmer e Cagliostro. Estes quatro também estiveram presentes na Convenção de Wilhelmsbad em 1782. Tendo-se encerrado a vida pública de Saint-Germain, ele continuou a visitar por muitos anos alguns poucos que estavam profundamente envolvidos na obra Maçônica. Franz Gräffer relatou que Saint-Germain lhe disse: "No fim deste século devo desaparecer da Europa, e recolher-me à região dos Himalaias. Eu preciso descansar, eu devo descansar. Dentro de exatamente oitenta e cinco anos as pessoas me verão novamente. Ele consultou o Conde Chalons em 1788 e aconselhou o Barão von Steuben para juntar-se a Lafayette na América. Finalmente, o Mahatma K.H. declarou que foi "na casa de seu fiel amigo e patrono, o benevolente Príncipe alemão, em cuja presença ele fez sua última partida - para O LAR".

Além de ser chamado de Templário por Cadet de Gassicourt, Deschamps asseverou que Saint-Germain havia pessoalmente iniciado Cagliostro na Ordem. Gräffer relatou que em 1776 Saint-Germain explicou os princípios do magnetismo para Mesmer, que já havia começado ele mesmo a descobri-los. Depois de sua conversa, Mesmer desistiu do uso dos magnetos e dedicou-se inteiramente ao magnetismo animal. Mais de um escritor da época suspeitou de que a mão diretriz de Saint-Germain estava em um número de

sociedades Maçônicas e espirituais secretas, cujos líderes eram desconhecidos. Além dos Fratres Lucis e dos Cavaleiros do Templo, seu nome foi associado com os Irmãos da Ásia, com a Ordem da Observância Estrita, que ajudaram a fundar, e com grupos Rosacruz.

Embora Saint-Germain supostamente tenha escrito diversas obras, apenas um breve tratado sobrevive. É o famoso 'A Santíssima Trinosofia', ocasionalmente atribuído a Cagliostro porque a cópia sobrevivente foi encontrada entre seus pertences pessoais quando ele foi preso em Roma pela Inquisição. A tradição afirma que Cagliostro o recebeu quando foi iniciado nos Templários por Saint-Germain. A conclusão contém diversas páginas de misteriosas figuras hieroglíficas e desenhos. As doze seções anteriores são um texto alegórico sobre a iniciação, escrito por um prisioneiro da Inquisição para seu amigo Filócato, na véspera da sua entrada no "santuário das ciências sublimes", que está aberto a todos que podem ver e voar em direção ao Trono do Eterno.

"Duas pedras bloqueadoras igualmente perigosas constantemente se apresentarão a ti. Uma delas é o ultraje dos sagrados direitos de cada indivíduo. É o mau uso do poder que Deus terá confiado a ti; a outra, que trará a ruína sobre ti, é a indiscrição... Ambas nascem da mesma mãe, ambas devem sua existência ao orgulho. A fragilidade humana as alimenta; elas são cegas, sua mãe as conduz".

Ordenam ao protagonista seguir à noite para um altar de ferro em um monte perto do Vesúvio e proferir uma invocação. Ao fazê-lo, ele é envolvido em fina fumaça, e a cena se dissolve, e ele é levado para uma alegoria na qual ele penetra o segredo dos quatro elementos e o mistério do espírito. Aceitando que o relato tem uma precisão simbólica, o texto assume a feição de um relato detalhado do triunfo da natureza eterna sobre as aparências internas e externas, através da obediência, coragem, constância, consciência e desejo de aprender no Palácio da Sabedoria. Depois de muitas provas terem sido ultrapassadas, o protagonista conclui:

"Percebo com espanto que entrei novamente na Sala dos Tronos (a primeira em que me encontrei ao entrar no Palácio da Sabedoria). O altar triangular ainda estava no centro da sala, mas a ave, o altar e a tocha estavam unidos e formavam um único corpo. Perto deles havia um sol dourado. A espada que eu trouxera da sala do fogo estava a poucos passos distante, no assento de um dos tronos: eu tomei a espada e golpeei o sol, reduzindo-o a pó. Então toquei nele e cada molécula sua se tornou um sol dourado como aquele que eu despedaçara. Naquele instante uma voz alta e melodiosa exclamou 'A obra está perfeita!'. Ouvindo isso, os filhos da luz acorreram a mim, as portas da imortalidade se me abriram, e a nuvem que vela os olhos dos mortais se dissipou. Eu VI e os espíritos que presidem sobre os elementos reconheceram-me como seu mestre".

A vida de Saint-Germain demonstrou a alegoria espiritual da qual ele escreveu. Ela foi majestosa e maravilhosa demais para qualquer mente compreender, exceto as mais

imaginativas e intuitivas. Marie-Raymonde Delarme, em seu recente livro 'Le comte de Saint-Germain', conclui que "Na história do século XVIII o Conde de Saint-Germain deixou a imagem de um espírito universal, dotado de rara intuição, capaz de levar à perfeição - em sua própria odisséia espiritual - as múltiplas possibilidades das quais o tempo anunciou a promessa". Helena Blavatsky resumiu seu caráter e obra com objetividade: "O Conde de Saint-Germain foi com certeza o maior Adepto Oriental que a Europa viu ao longo dos últimos séculos".

Autor: Elton Hall

Fonte: [LOJA TEOSÓFICA VIRTUAL](#)



Jacques Cazotte

Jacques Cazotte nasceu em Dijon em outubro de 1719. Foi educado por jesuítas e aos 27 anos obteve um cartório na Martinica somente retornando a Paris em 1760, quando começou sua carreira literária. Seu primeiro romance foi muito bem aceito, na corte e

em meio ao povo, o que o encorajou a continuar a escrever. Publicou, então, *Les Prouesses Inimitables d'Olivier, maquis d'Edesse* (As Proezas Inimitáveis d'Olivier, marquês d'Edesse). Depois, produziu aventuras fantásticas com cenário oriental, como *Milles et Unefadaises, Contes a Dormir Debut*, em 1742. Em 1771, escreveu *Lord Impromptu* porém, a mais popular de suas obras foi *Diabo Amoroso* (1772), uma história fantástica na qual o herói se envolve com o diabo.

Em 1775, Cazotte envolveu-se com as doutrinas dos "Iluminados", declarando que ele mesmo possuía o dom da profecia e teria antecipado vários acontecimentos relacionados à Revolução Francesa. A descoberta de seus escritos proféticos, em agosto de 1792, acarretou-lhe uma sentença de prisão e uma condenação da qual escapou graças aos esforços de sua filha. A esperança de liberdade não durou pouco tempo: ele foi executado poucos meses depois do protelamento da sentença, em agosto do mesmo ano.

Conde Alessandro Cagliostro

O mistério envolve os homens que passam suas vidas a serviço da humanidade e mantêm-se extremamente dedicados somente aos seus superiores. Os padrões de julgamento social e a moralidade convencional não podem ser separados de seus caracteres. O mistério que envolve Alessandro, Count di Cagliostro, foi montado por boatos e calúnias sem fundamento a uma tal extensão que, "Sua história aceita é muito bem conhecida para precisar ser repetida, e sua verdadeira história nunca foi contada". A pesquisa conscienciosa tem dissipado as nuvens dos boatos e da difamação o suficiente para revelar à análise imparcial uma vida nobre permeada com sabedoria e envolvida pela paixão.

"Não posso", testemunhou Cagliostro, "falar positivamente com relação ao lugar onde nasci, nem dos pais de quem nasci". Seus inimigos diziam que ele era José Balsamo, um famoso aventureiro e criminoso da Sicília, mas suas palavras e atos negam essa identificação. Ninguém que reconhecesse Balsamo veio a público para estabelecer a relação. De acordo com o próprio Cagliostro, ele viveu como uma criança chamada Acharat no palácio do Mufti Salahayyam em Medina. Seu governador, um Adepto Oriental chamado Althotas, disse-lhe que ele nascera de nobres pais cristãos, porém se recusou a falar mais. Referências casuais, contudo, levaram Cagliostro a acreditar que ele nascera em Malta. Althotas tratava-o como um filho e cultivava sua aptidão para as ciências, especialmente botânica e química. Cagliostro aprendeu a respeitar a religião e a lei em cada cultura e região. "Ambos nos vestimos como Maometanos e estamos externamente de acordo com a devoção do Islam, mas a verdadeira religião foi impressa em nossos corações". Quando criança, aprendeu os idiomas árabe e orientais e também muito sobre o Egito antigo.

Aos doze anos, Althotas levou-o a Mecca, onde permaneceram por três anos. Quando Acharat encontrou o Sharif, ambos imediatamente sentiram uma forte ligação e choraram na presença um do outro. Embora passassem muito tempo juntos, o Sharif recusou-se a discutir a origem de Acharat, embora uma vez o tivesse avisado de que “se algum dia eu deixasse Mecca, estaria ameaçado com as maiores infelicidades, e acima de tudo ordenou-me cautela com a cidade de Trebizond”. A uniformidade da vida no palácio falhou em saciar a sede por conhecimento e experiência de Acharat e a tempo ele decidiu ir para o Egito com Althotas. Na hora da partida, o Sharif despediu-se dele chorando, com as palavras, “Filho infeliz da natureza, adeus”.

No Egito, ele aprendeu que as pirâmides continham segredos desconhecidos pelo turista. Foi admitido pelos sacerdotes do templo “a lugares tais, que nenhum outro viajante comum jamais havia entrado antes”. Após três anos de viagem “pelos principais reinos da África e da Ásia”, ele chegou a Rhodes em 1766, onde pegou um navio francês para Malta. Enquanto estava hospedado no palácio de Pinto, Grão Mestre de Malta, o Cavaleiro d’Aquino de Caramanica apresentou-o à ilha. “Foi aqui que eu pela primeira vez assumi o modo de vestir Europeu e com ele o nome de Conde Cagliostro”. Althotas apareceu com a roupa e a insígnia da Ordem de Malta.

“Tenho todas as razões para acreditar que o Grão Mestre Pinto estava familiarizado com minha verdadeira origem. Frequentemente me falava do Sharif e mencionava a cidade de Trebizond, porém jamais consentiria em entrar em outros detalhes particulares sobre o assunto.” Com base nesta referência, alguém especulou que Cagliostro era o filho do Grão Mestre Pinto e uma nobre senhora de Trebizond, mas Cagliostro, ele mesmo, jamais expressou esta opinião. Enquanto ainda em Malta, Althotas faleceu. Minutos antes de sua passagem, ele declarou a Cagliostro: “Meu filho, conserve para sempre diante de seus olhos o temor a Deus e o amor de suas pequenas criaturas; logo você estará convencido, pela experiência, de tudo aquilo que tenho lhe ensinado”.

Com a permissão relutante do Grão Mestre, Cagliostro deixou Malta na companhia do Cavaleiro d’Aquino para a Sicília, as Ilhas Gregas, e finalmente, Nápoles, o lugar natal do Cavaleiro. Enquanto o Cavaleiro se ocupava com assuntos pessoais, Cagliostro prosseguiu para Roma. Retirou-se para um apartamento para melhorar seu italiano, mas logo o cardeal Orsini solicitou sua presença e, através dele, conheceu vários cardeais e príncipes romanos.

Em 1770, com a idade de vinte e dois anos, ele conheceu e se apaixonou por Seraphina Feliciani. Embora ela fosse a dona do seu amor e devoção pelo resto de suas vidas, ela nunca foi capaz de totalmente romper com a Igreja e seria usada como “a ferramenta dos Jesuítas”. Aconteceu que a natureza de Cagliostro, boa ao extremo, e a total confiança que colocava em seus amigos foram a causa de seus desapontamentos. A generosidade de Cagliostro logo esgotou suas fontes e o casal foi desfeito quando viajavam para visitar amigos em Piemonte e Genova. Mas em julho de 1776, quando

chegaram a Londres, estavam outra vez em boas situação, porém a causa de seu progresso fica, como sempre, perdida em mistério.

Eles se hospedaram e logo atraíram admiradores, ainda que ninguém tivesse certeza de onde se originavam, ou qual era seu itinerário recente. Um laboratório foi montado num aposento para estudos de Física e Química. A grande generosidade de Cagliostro levou um grupo de impostores gananciosos a tentar trapaceá-lo através de processos legais que exigiam dinheiro, acusando-o de praticar bruxaria. Esta última acusação foi retirada imediatamente, mas uma coalizão de advogados e juizes desonestos arrancaram-lhe cada centavo que puderam antes que o Conde ficasse livre de suas intrigas. Suas intenções ficaram evidentes pelo fato de que, finalmente, todos eles, de alguma forma, morreram na prisão ou foram executados por fraude, perjúrio e outros crimes. Cagliostro recusou a oportunidade de propor recursos reparatórios, mas decidiu deixar a Inglaterra.

Antes da partida, contudo, tanto ele como a condessa foram admitidos na Loja Esperança da ordem da Estrita Observância. Seu lema era "União, Silêncio, Virtude", seu trabalho filantropia e seu estudo, ocultismo. Através desta Ordem, Cagliostro espalharia a Maçonaria Egípcia por toda a Europa. Deixando Londres em Novembro de 1777 com apenas cinquenta guinéus, viajou para Bruxelas "onde encontrei a Providência esperando que enchesse meu bolso outra vez". Esta é sempre a história de Cagliostro. Quando ele aparece na história, ele tem tudo, não pede nada e deixa tudo generosamente.

Veio para Hague, onde foi recebido como um Franco-maom pela loja local da Ordem da Estrita Observância. Seu discurso sobre Maçonaria Egípcia, a mãe do puro impulso Maçônico, motivou a Loja a adotar o Rito Egípcio tanto para homens como para mulheres. A Condessa Cagliostro foi instalada como Grã-Mestra. Aqui emergiu a missão de Cagliostro de purificar, restaurar e elevar a Maçonaria ao nível de verdadeiro ocultismo. Esta tarefa comanda o centro das atenções pelo do resto de sua vida. Como suas numerosas profecias sobre grandes e pequenos assuntos indicavam, ele tinha uma visão clara da iminente arrancada da ordem social, política e religiosa da Europa. Ele antevia que somente nas Lojas unificadas os servidores dos homens sábios do Oriente poderiam, poderiam atuar junto tanto os nobres e os homens comuns em mútua lealdade aos mais altos ideais e guiar a Europa através da transição em direção a uma era iluminada.

Ao passar por Nuremberg, ele trocou sinais secretos com um Franco-Maom, hospedando-se no mesmo hotel. Quando indagado quem era, Cagliostro desenhou num papel a serpente mordendo sua cauda. O hóspede, imediatamente, reconheceu um grande ser numa missão importante e, tirando um rico anel de diamante de sua mão, investiu-o em Cagliostro. Quando ele chegou a Leipzig, a Ordem estava preparada para homenageá-lo com um lauto banquete preparado para um dignitário visitante, mas havia chegado a época de ser colocada a Maçonaria Egípcia em sua verdadeira perspectiva. Após o jantar, Cagliostro fez um discurso sobre o sistema e seu significado. Ele convocou

os Maçons reunidos para adotarem o Rito, porém a direção da Loja hesitou. Cagliostro avisou que o momento da escolha para Maçonaria havia chegado e profetizou que a vida do chefe – Herr Scieffort – estava na balança: se a Maçonaria Egípcia não fosse abraçada, Scieffort não sobreviveria durante aquele mês. Scieffort recusou a aceitar modificações em sua Loja, e cometeu suicídio poucos dias depois. Abalados e intrigados, os membros da Loja aclamaram Cagliostro, e seu nome foi ouvido pela cidade. Enquanto ele continuava a viagem, as Lojas da Ordem da Estrita Observância calorosamente lhe davam boas vindas.

Seguiu para Mittau, capital de Duchy de Courland e centro de estudos ocultos, ali chegando em março de 1791. Cagliostro explicou o significado da Maçonaria Egípcia em termos de regeneração moral da humanidade. Embora o homem tenha conhecido a natureza da deidade e o mundo, os profetas, apóstolos e padres da Igreja apropriaram-se deste conhecimento para seus próprios fins. A Maçonaria Egípcia continha as verdades que poderiam restaurar este conhecimento numa humanidade renovada. O Marechal Von Medem e sua família convidaram Cagliostro para ficar em Courland e apresentaram-no às pessoas de influência. O longo interesse de Von Medem pela alquimia logo se voltou para outros fenômenos, e ele pediu insistentemente a Cagliostro que demonstrasse os poderes que, segundo boatos, ele possuía. A princípio relutante, ele finalmente produziu uma quantidade de fenômenos, além suas curas medicinais universalmente aclamadas.

Cagliostro agora deixou que soubessem que ele era o Grande Cophta da Loja, um sucessor na linhagem de Enoch, e que ele, obediamente, recebia ordens de “seus chefes”. Infelizmente, a vontade de apoiar a Maçonaria Egípcia alimentava-se da insaciável fome por mais fenômenos. Cagliostro mostrou seus poderes em numerosas ocasiões, mas recusava-se a ser empurrado para um mercado atacadista de milagres. E pela primeira vez ele se viu chamado de impostor, quando não atendia aos pedidos. “O espiritismo nas mãos de um Adepto se torna magia”, H.P.Blavatsky escreveu, “pois ele é versado na arte de entremesclar as leis do Universo, sem quebrar nenhuma delas e sem por isso violar a natureza”. Ela disse que homens tais como Mesmer e Cagliostro “controlam os Espíritos, em vez de permitir que seus assuntos sejam controlados por eles; e o Espiritismo está a salvo nas suas mãos”. Mas, Cagliostro explicou, tais poderes eram para serem usados para o bem do mundo e não para a gratificação da curiosidade ociosa.

Ele decidiu ir para São Petersburg, onde foi aceito na Loja e inúmeras curas foram testemunhadas, mas não receberam com calor a idéia da Maçonaria Egípcia. Recusando-se a produzir os fenômenos, pensaram que era um curador, não um mago. Varsóvia respondeu melhor, contudo. Lá ele encontrou o Conde Moczinski e o Príncipe Adam Poninski, que insistiu com Cagliostro para ficar em sua casa. Ele aceitou a Maçonaria Egípcia e uma grande parte da sociedade polonesa o seguiu. Dentro de um mês, uma Loja para o Rito Egípcio foi fundada. Em 1780 ele foi recebido em várias ocasiões pelo Rei Stanislaw Augustus. Descreveu o passado e predisse o futuro de uma senhora da

Corte que duvidou de seus poderes. Ela, imediatamente, atestou o passado, enquanto a história provou a verdade no futuro.

Cagliostro deixou Varsóvia em 26 de junho e não foi visto até 19 de setembro, quando chegou a Strasburgo. Multidões aguardavam na Ponte de Keehl para ver sua carruagem e ele foi aclamado quando entrou na cidade. Imediatamente, começou a atender aos pobres, libertando devedores da prisão, curando os doentes e fornecendo remédios gratuitamente. Tanto os amigos quanto os inimigos concordavam que Cagliostro se recusava a receber qualquer remuneração ou benefício por seus incansáveis trabalhos. Embora a nobreza se tornasse interessada, ele se recusava a produzir fenômenos, salvo em seus próprios e estritos termos. Logo ficou íntimo do Cardeal de Rohan, para quem ele previu a hora exata da morte da Imperatriz Maria Theresa. O cardeal convidou-o a se hospedar em seu palácio e mais tarde declarou que ele havia testemunhado em várias ocasiões Cagliostro produzir ouro num vaso alquímico. "Posso dizer-lhe com certeza", ele insistiu com uma senhora que duvidava da habilidade de Cagliostro, "que ele nunca pediu ou recebeu qualquer coisa de mim".

O General Laborde escreveu que nos três anos que Cagliostro viveu em Strasburgo ele atendeu quinze mil pessoas doentes, das quais apenas três morreram. Sua reputação foi confirmada quando ele salvou o Marquês de Lasalle, Comandante de Strasburgo, de um caso desesperador de gangrena. Durante este período, o primo do Cardeal, Príncipe de Soubise, adoeceu em Paris. Os médicos não lhe deram nenhuma esperança de cura e o Cardeal, alarmado, suplicou a ajuda de Cagliostro. Este viajou incógnito a Paris com o Cardeal, e o Príncipe recuperou a saúde em uma semana. Somente após a cura foi sua identidade anunciada, para espanto da faculdade de medicina parisiense.

Quando estava em Strasburgo, Cagliostro recebeu a visita de Lavater, o fisiognomonista de Zurique, que indagou acerca da fonte do grande conhecimento de Cagliostro. "In verbis, in herbis, in lapidibus", ele respondeu, sugerindo três grandes tratados de Paracelso. Foi naquela época que Cagliostro foi tocado pela condição de pobreza de um homem chamado Sacchi e empregou-o em seu hospital. No espaço de uma semana, Cagliostro descobriu que o homem era um espião de alguns médicos invejosos e havia extorquido dinheiro de seus pacientes a fim de torná-lo desacreditado. Posto para fora do hospital, Sacchi ameaçou a vida de Cagliostro e foi imediatamente expulso de Strasburgo pelo Marquês de Lasalle. Sacchi inventou e publicou uma história difamatória na qual afirmava que Cagliostro era um filho criminoso de um cocheiro napolitano. Esse absurdo estava destinado a ser usado contra Cagliostro pelo resto de sua vida.

O Cardeal de Rohan, que havia instalado um busto de Cagliostro talhado pelo escultor Houdon em seu estúdio em Saverne, surgiu em sua defesa. Três cartas chegaram em março de 1783 da Corte de Versalhes, para o Real Baylor de Strasburgo. A primeira, do Conde de Vergennes, Ministro dos Negócios Estrangeiros, dizia: "O Sr. Di Cagliostro pede apenas por paz e segurança. A hospitalidade lhe assegura ambas. Conhecendo as

inclinações naturais de V.S., estou convencido de que se apressará a cuidar para que desfrute de todos os benefícios e amenidades que ele pessoalmente merece”. A segunda veio do Marquês de Miromesnil, Guardador do Selo: “O Conde di Cagliostro tem estado comprometido ativamente no auxílio dos pobres e infelizes, e sou conhecedor de um fato notavelmente humanitário desempenhado por esse estrangeiro, que merece lhe seja garantida proteção especial”. A terceira, do Marechal de Segur, Ministro da Guerra, dizia: “O Rei encarrega V.S. que cuide não somente de que ele não seja atormentado em Strasburgo, como também que deva receber nessa cidade toda consideração totalmente merecida pelos serviços que tem prestado aos doentes e aos pobres”.

Em junho chegou uma carta de Nápoles, informando-lhe de que o Cavalheiro d'Aquino, seu companheiro em Malta, estava seriamente doente. Apressou-se a ir para Nápoles, apenas para encontrar o Cavalheiro morto. A Loja União Perfeita saudou-o com homenagens e ali ficou por vários meses, já que o governo napolitano tinha acabado de remover o banimento da Franco-Maçonaria. Bordeaux convidou-o a ir para lá, e ele decidiu assim fazer, viajando em lentas etapas.

O Conde de Saint-Martin já havia preparado terreno em Bordeaux e Lyons para instituir o Rito Retificado de Saint-Martin, que havia purificado e enobrecido a idéia da Maçonaria. O Duque de Crillon e Marechal de Mouchy pessoalmente lhe deram as boas vindas, mostrando-lhe a cidade e homenageando-o em banquetes. Os pobres afluíam até ele e eram curados. Em Bordeaux, Cagliostro teve um sonho no qual era levado a uma brilhante câmara, na qual sacerdotes egípcios e nobres Maçons estavam sentados. “Esta é a recompensa que você terá no futuro”, uma grande voz anunciou, “mas por enquanto você deve trabalhar ainda com mais diligência” Havia chegado o tempo de enraizar firmemente a Maçonaria Egípcia.

Alquier, Grão Mestre em Lyons, chefiou um grupo de delegações solicitando que ele se estabelecesse ali permanentemente. Aceito com toda a cerimônia dentro da Loja Lyons, foi convidado a fundar uma Loja para a Maçonaria Egípcia. Uma captação feita entre Maçons forneceu fundos para construírem um belo prédio, de acordo com as instruções de Cagliostro. Logo teve início a construção da Loja da Sabedoria Triunfante, a qual foi a Loja Mãe de todos os Maçons Egípcios, e a Cagliostro foi dado completo gerenciamento da Loja de Alquier.

Cagliostro instruiu seus novos discípulos a se retirarem em meditação por três horas diariamente, pois o conhecimento é adquirido pelo “preenchimento de nossos corações e mentes com a grandeza, a sabedoria e o poder da divindade, aproximando-nos dela através de nosso fervor”. Cada um deve cultivar a tolerância por todas as religiões, uma vez que existe a verdade universal em seus âmagos; segredo, porque é o poder da meditação e a chave da iniciação; e o respeito pela natureza, pois ela contém o mistério do divino. Com estas três diretrizes como base, o discípulo poderia esperar pela imortalidade espiritual e moral. A motivação que deverá estar sempre em mente é “Qui

agnoscit mortem, cognoscit artem” – aquele que tem conhecimento sobre a morte, conhece a arte de dominá-la.

Tendo estabelecido a Maçonaria Egípcia sobre as firmes fundações erigidas por Saint-Martin, Cagliostro não estava destinado a testemunhar seu florescimento no grande templo para ela construído. O Cardeal de Rohan insistiu com veemência que ele viesse a Paris. A Ordem dos Philaléthes tinha organizado a Convenção Geral da Maçonaria Universal. Maçons proeminentes de todas as Lojas da Europa tinham vindo para a primeira assembléia realizada em novembro de 1784. Mesmer e Saint-Martin foram convidados. Agora era a chance para a bênção final do Rito Egípcio – “onde A Sabedoria triunfará” – fosse confirmada. Cagliostro decidiu ir em janeiro de 1785. Deixando os negócios da Loja em ordem, ele escolheu os oficiais permanentes e lembrou-lhes de seus compromissos.

“Nós, os Grandes Cophtas, fundadores e Grão Mestres da Suprema Maçonaria Egípcia em todas as quadrantes orientais e ocidentais do globo, damos ciência a todos aqueles que verão o que está aqui presente, que em nossa estada em Lyons muitos membros deste Oriente que seguem o rito ordinário, e que carregam o título de “Sabedoria”, tendo manifestado a nós seu ardente desejo de se submeterem ao nosso governo e de receberem de nós a iluminação e os poderes necessários para conhecerem e propagarem a Maçonaria em sua verdadeira forma e pureza original, atendemos aos seus pedidos, persuadidos de que, aos lhes fornecermos sinais de nossa boa vontade, conheceremos a grata satisfação de termos trabalhado para a glória do Eterno e para o bem da humanidade. Em aditamento, instruímos cada um dos irmãos que andem constantemente no estreito caminho da virtude e que mostre, pela propriedade desta conduta, que conhecem e amam os preceitos e o propósito de nossa Ordem.”

Quando Cagliostro chegou a Paris, tentou viver uma vida retirada, de modo a trabalhar pela união das Ordens Maçônicas. Mas os doentes irromperam em sua casa e ele outra vez passou longas horas curando-os. Panfletos surgiram por toda Europa com um retrato do divino Cagliostro, desenhado por Bartolozzi, sob o qual se escreveram as seguintes palavras: “Reconheçam as marcas do amigo da humanidade. Cada dia é marcado por novo benefício. Ele prolonga a vida e socorre o indigente, o prazer de ser útil é sua única recompensa.”

Cagliostro veio para auxiliar o progresso da Maçonaria Egípcia. Rapidamente fundou duas Lojas. Savalette de Langes convidou-o a se unir à Philaléthes, junto com Saint-Martin. Este último recusou, com base em que a Ordem seguia práticas espíritas, porém Cagliostro aceitou provisoriamente, e declarou sua missão:

“O desconhecido Grão Mestre da verdadeira Maçonaria lançou seus olhos sobre os Philalétheanos... Tocado pelo sincero reconhecimento de seus desejos, ele se digna estender sua mão sobre eles, e consente em conceder-lhes um raio de luz dentro da

escuridão de seu templo. É o desejo do Desconhecido Grão Mestre provar a eles a existência de um Deus – a base de sua fé; a dignidade original do homem, seus poderes e destino... É por atos e fatos, pelo testemunho dos sentidos, que eles conhecerão DEUS, O HOMEM e as coisas espirituais intermediárias (princípios) existentes entre eles: dos quais a verdadeira Maçonaria dá os símbolos e indica o verdadeiro caminho. Que eles, os Philaléthes abracem as doutrinas desta verdadeira Maçonaria, submetam-se às normas de seu chefes, e adotem sua constituição. Mas, acima de tudo, que o Santuário seja purificado; saibam os Philaléthes que a luz pode apenas descer dentro do Templo da Fé (baseada no conhecimento), não dentro daquele do Ceticismo. Que se dediquem às chamas as vaidades acumuladas em seus arquivos; pois é apenas sobre as ruínas da Torre da Confusão que o Templo da Verdade pode ser erigido.”

Após infrutíferas negociações, ele enviou a seguinte mensagem: “Saibam que não estamos trabalhando para um homem, porém para toda a humanidade. Saibam que desejamos destruir o erro – não somente um simples erro, porém todos os erros. Saibam que esta política é dirigida não contra exemplos isolados de perfídia, porém contra todo um arsenal de mentiras.”

Finalmente, após ter ficado claro que a grande Convenção não chegaria a nenhum acordo, ele enviou a última e triste carta: “Já que vocês não têm fé nas promessas do Deus Eterno ou de Seu ministro na terra, eu os abandono a vocês mesmos, e lhes digo esta verdade: não é mais minha missão ensinar-lhes. Infelizes Philaléthes, vocês semearam em vão; vocês colherão apenas ervas daninhas”. Assim, foi perdida a maior possibilidade de lançar as fundações da Fraternidade Universal à época de Cagliostro.

O restante da vida de Cagliostro é trágico. O cardeal de Rohan desejou obter um lugar na corte, porém Maria Antonieta não gostava dele. Madame de Lamotte, desconhecida da Rainha, viu uma chance para um grande ganho pessoal na frustração do Cardeal. Fazendo-se de confidente da Rainha, ela forjou cartas de Maria Antonieta para de Rohan e fingiu que levava respostas de volta a Versalhes. Finalmente ela induziu o Cardeal a comprar um ostentoso colar no valor de um milhão e seiscentos mil livres para a Rainha, colocando o valor em sua conta. Quando a primeira prestação venceu, a Rainha, que não sabia nada do negócio, não pagou e de Rohan foi forçado a honrá-lo. A batalha que se seguiu na Corte viu Madame de Lamotte defendendo-se e acusando a Rainha de trapaça e Cagliostro de roubar o colar que ela mesma havia quebrado e vendido.

A Rainha ficou furiosa, e todas as partes envolvidas no caso foram encarceradas na Bastilha. Embora Cagliostro fosse completamente inocente, tanto ele como Seraphina passaram seis meses na prisão. O caso alcançou tão horribéis proporções que a velha e abusiva denúncia de Sacchi veio a público e lida contra Cagliostro, mas o Parlamento de Paris ordenou sua supressão por ser “injuriosa e caluniadora”. Finalmente Cagliostro foi declarado inocente e libertado diante de dez mil parisienses que esperavam por ele. O “Caso do Colar de Diamantes” é em geral admitido como sendo o prólogo da Revolução

[francesa]. Maria Antonieta considerou a libertação de Cagliostro e do Cardeal como um ataque à sua reputação. O Rei ordenou que Cagliostro deixasse a França e afastou o Cardeal de suas atribuições.

Cagliostro viajou para a Inglaterra, porém seus inimigos, agora completamente cientes da total natureza de sua missão, viram a chance de destruí-lo. Mal havia chegado à Inglaterra quando o famoso editor do vicioso Correio da Europa o atacou. Cagliostro alojou Seraphina com o artista de Louthembourg e viajou para a Suíça em 1787. Seraphina juntou-se a ele na companhia de Louthembourg imediatamente depois. A Maçonaria Egípcia era praticada por pequenos grupos em Bale e Bienne, mas não puderam apoiar o casal Cagliostro. Já que seus próprios poderes somente poderiam ser usados para os outros e não para si mesmo, e agora que os outros o rechaçavam, ele era forçado a viajar sem repouso.

Por volta de 1789 ele chegou a Roma para encontrar-se em segredo com Franco-Maçons da Loja Verdadeiros Amigos. A Igreja, porém, totalmente ciente da ameaça espiritual que Cagliostro apresentava para ela, enviou dois Jesuítas fazendo-se de convertidos para a Maçonaria Egípcia. Na ocasião em que eram admitidos à Ordem, eles convocaram a polícia papal, e o casal os Cagliostro foi levado para a prisão no Castelo Santo Ângelo em 17 de dezembro. Se Seraphina se voltou contra Cagliostro ou sucumbiu por medo diante da Inquisição, não está claro. Mas seus depoimentos foram prejudiciais. Após dúzias de interrogatórios, nos quais a trama foi ameaçadoramente disposta, a Inquisição soube apenas o que todo mundo sabia: que Cagliostro era um Maçom, um herege pela sua crença de que todas as religiões são iguais, e que desprezava a intolerância religiosa. A farsa terminou em 21 de março de 1791, quando a Inquisição condenou Cagliostro à morte. Entretanto, antes de o Papa assinar a sentença, um estrangeiro apareceu no Vaticano. Dando uma palavra ao Secretário do Cardeal, foi imediatamente admitido em audiência. Após sua saída, o Papa comutou a sentença para prisão perpétua.

Seraphina foi libertada apenas para ser presa por novas acusações e internada no convento de Santa Apolônia de Trastevere. Nada mais se soube sobre ela e seu corpo nunca foi encontrado. Cagliostro foi enviado ao Castelo São Leo e colocado no topo inacessível de um rochedo. Lá ele pereceu até 1795. Uma inscrição que fez na parede de sua cela tem a data de 15 de março. Roma reportou que ele morreu em 26 de agosto. Aqui acaba a história, mas a tradição maçônica sussurra que Cagliostro escapou da morte. Endreinek Agardi de Koloswar relatou que o Conde d'Ourches, que quando criança havia conhecido Cagliostro, jurou que o Senhor e a Senhora de Lasa, saudados em Paris em 1861, não eram ninguém menos que o Conde e a Condessa Cagliostro. Com o nascimento envolto em mistério, Cagliostro saiu desta vida também em mistério, conquanto sua existência tenha sido dedicada ao serviço da humanidade e à esperança da imortalidade espiritual.

Autor: Elton Hall

Tradução: Maurilena Ohana Pinto

Fonte: TEOSOFIA.COM.BR

Links relacionados

[Sociedade das Ciências Antigas - Biografias](#)
[Loja Teosófica Virtual - Instrutores da Humanidade](#)

FIM DO APÊNDICE do Pesquisador

► Retorno: [Índice de Volumes](#)

Bibliografia do Pesquisador

BABILÔNIA BRASIL. In <<http://www.angelfire.com/me/babiloniabrasil/magic1.html>> — acessado em 27/05/2005

BLAVATSKY, Helena Petrovna. Doutrina Secreta. São Paulo: Pensamento, 2003.

CULTURE OF IRAN. IN <<http://www.cultureofiran.com/>> acessado em maio de 2005

DICIONÁRIO de Mitologia Greco-Romana — São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ENOCH. O livro de Enoch, o Profeta: a revelação dos anjos. [Trad. Getúlio Elias Schanosky Jr.] — São Paulo: Madras, 2004.

GRANDES IMPÉRIOS E CIVILIZAÇÕES Enciclopédia. Mesopotâmia vol. I. Madrid: Ed Prado, 1997.

JOCASTIAN, Ayisha. O Livro de Nod. Edição on line.

In<http://pwp.netcabo.pt/dtangel/Livro_de_nod.pdf> acessado em 21/02/2005

MacNALL BURNS, Edward. História da Civilização Ocidental, vol. I. Porto alegre: Globo, 1975.

PAPUS (Gerard Anaclet Vincent Encausse). Tratado Elementar de Magia Prática. São Paulo: Pensamento, 1995.

SOUTO MAIOR, A. História Geral. **As civilizações iranianas**, p 43. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

μ α η α β α ρ α τ η α



estudo

História da Magia
de Eliphas Levi

Apêndice II

TRECHOS DIVERSOS

O MAL

O mal é o soluço eterno da humanidade que se contorce e chora, é a risada atroz do mau oprimindo o justo, são as profundezas infernais que se abrem dentro de nós e que em todas as almas cava, por um instante, o gênio da perversidade. O mal moral existe: reina em certos espíritos, encarna-se em certos homens; estes são os demônios. E para aqueles que duvidam da existência do diabo respondemos: tudo o que tem um nome existe; a palavra pode ser proferida em vão, mas em si mesma ela não poderia ser vã e tem sempre um sentido. O Verbo nunca é vazio.

O mal existe; é impossível duvidar disso. Há seres que ciente e voluntariamente fazem o mal. O espírito que anima estes seres e que os excita a fazer o mal é desencaminhado, desviado do bom caminho, lançado como um obstáculo ao bem; é precisamente o que significa a palavra grega **diabolos**, que traduzimos pela palavra diabo. O mal é falta de integridade no ser.

O mal moral é a mentira em ação como a mentira é o crime das palavras. A injustiça é a essência da mentira; toda mentira é uma injustiça. ...A injustiça é a morte do ser moral, como a mentira é o veneno da inteligência. Jesus disse: "O diabo é mentiroso como seu pai". Quem é o pai do diabo? É o homem; aquele que lhe dá uma existência pessoal, vivendo segundo suas inspirações; o homem que se faz diabo é o pai do mau espírito encarnado." p 28 - 29

LUZ ASTRAL

A luz astral é um agente misto, um agente natural e divino, corporal e espiritual, um mediador plástico universal, um receptáculo comum das vibrações do movimento e das imagens da forma, um fluido e uma força que se pode denominar imaginação da natureza. ...A luz astral magnetiza, aquece, atrai, repele, vivifica, destrói, coagula, separa, quebra, reúne todas as coisas sob a impulsão das vontades poderosas. Deusa criou no primeiro dia quando disse: **fiat lux!** p 31

Quando o cérebro se congestionava ou se sobrecarrega de luz astral, produz-se um fenómeno particular. Os olhos, em vez de verem "para fora", vêem para dentro; faz-se noite no exterior, no mundo real (mayavico), e a claridade fantástica irradia-se, somente no "mundo dos sonhos". Então, a alma percebe imagens que são o reflexo de suas impressões e de seus pensamentos. ...Eis aí a fonte de todas as aparições, de todas as visões extraordinárias e de todos os fenómenos intuitivos que são peculiares tanto ao êxtase quanto à loucura. ...Saber empregar esta força e nunca se deixar invadir e sobrepujar por ela, **pisar na cabeça da serpente** — eis o que nos ensina a Magia da Luz. p 32-33

A luz astral é a alma viva da terra, alma material e fatal, ...Esta luz que cerca e penetra todos os corpos pode anular a gravidade e produzir fenómenos giratórios ou de levitação. ...Os médiuns, em geral, são seres doentes em que se faz o vácuo e que atraem então a luz astral como os abismos atraem as águas... Os médiuns são criaturas fenomenais em quem a morte luta visivelmente contra a vida. Da mesma forma se deve julgar os fascinadores, os lançadores de sorte, as pessoas que têm mau-olhado e os feiticeiros. São vampiros, quer voluntários, quer involuntários; eles atraem a vida que lhes falta e perturbam, assim, o equilíbrio da luz. Se o fazem voluntariamente são malfeitores que é preciso punir; se o fazem involuntariamente, são doentes perigosos, de cujo contato deve ser cuidadosamente evitado pelas pessoas delicadas e, sobretudo, nervosas. p 140

MAGOS E ANIMAIS

Não está de acordo com as leis da Natureza poder o homem ser devorado pelos animais selvagens. Deus o armou de poder para lhes resistir; ele pode fasciná-los com o olhar, refreá-los com a voz, detê-los com um sinal; e vemos, de fato, que os animais ferozes temem o olhar fixo do homem e parecem estremecer à sua voz. As projeções da luz astral os paralisa e os abate de medo. ...Os animais atacam somente os que o temem ou aqueles que os agridem. Um homem intrépido e desarmado pode fazer recuar um tigre com o magnetismo do olhar. p 64

MAGIA NEGRA

Pode-se definir a Magia Negra como a arte de produzir nos outros a loucura artificial. É também a ciência dos envenenamentos. Mas o que nem todo mundo sabe ...é que se pode matar por congestão ou por subtração súbita da luz astral quando alguém faz ... do seu próprio aparelho nervoso uma espécie de pilha galvânica viva, capaz de condensar e projetar com força essa luz que embriaga e que fulmina.

p 72

LILITH & NAEMA

Há nos infernos, dizem os cabalistas, duas rainhas de estriges: uma é Lilith, a mãe dos abortos, e a outra é Naema, a beleza fatal e assassina. Quando um homem é infiel à esposa que lhe destinava o céu, quando ele se entrega aos caprichos de uma paixão estéril, Deus lhe toma sua esposa legítima para entregá-lo aos abraços de Naema. Esta rainha das estriges sabe apresentar-se com todos os encantos da virgindade e do amor: ela desvia o coração dos pais e os obriga ao abandono de seus deveres e de seus filhos; ela impele os homens casados à viuvez e força a um casamento sacrílego os homens consagrados a Deus. Quando ela usurpa o título de esposa, é fácil reconhecê-la: no dia de seu casamento é calva, porque sendo a cabeleira da mulher o véu do pudor, neste dia lhe é interdita; visto como depois do casamento ela afeta o desespero e o desgosto da existência, prega o suicídio e abandona, enfim, com violência o que lhe assiste, deixando-o marcado com uma estrela infernal entre os dois olhos. Naema pode vir a ser mãe; mas não educa nunca seus filhos; ela os dá a devorar a Lilith, sua funesta irmã. p 328

IGUALDADE

Dar aos homens naturalmente desiguais uma liberdade absoluta é organizar a guerra social...

p 327

PECADO

"Não se deve dar o nome de majestade levianamente; majestade vem de mago porque os magos, sendo pontífices e reis, foram as primeiras majestades. Pecar mortalmente é ofender a Deus em sua majestade, isto é, ferí-lo como Pai lançando a morte nas fontes da vida. A fonte do Pai é luz e vida, a fonte do Filho é sangue e água, a fonte do Espírito Santo é fogo e ouro. Peca-se contra o Pai pela mentira, contra o Filho, pelo ódio e contra o Espírito Santo, pela devassidão, que é obra de morte e destruição". LEVI apud LAVATER - p 340

CÉU & INFERNO

Negar o inferno é negar o céu... O inferno é a razão equilibrante do céu porque a harmonia resulta da analogia dos contrários. ***Quod superius, sicut quod inferius***: a superioridade existe em razão da inferioridade; é a profundidade que determina a altura e se encherdes os vales fareis desaparecer as montanhas; assim, se ofuscardes as sombras, aniquilareis a luz que só é visível pelo contraste graduado da sombra e da claridade e produzireis a obscuridade universal por um imenso deslumbramento... **p 350**

FIM DO APÊNDICE II do Pesquisador
► Retorno: [Índice de Volumes](#)

Bibliografia do Pesquisador

BABILÔNIA BRASIL. In <<http://www.angelfire.com/me/babiloniabrasil/magic1.html>> — acessado em 27/05/2005

BLAVATSKY, Helena Petrovna. Doutrina Secreta. São Paulo: Pensamento, 2003.

CULTURE OF IRAN. IN <<http://www.cultureofiran.com/>> acessado em maio de 2005

DICIONÁRIO de Mitologia Greco-Romana — São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ENOCH. O livro de Enoch, o Profeta: a revelação dos anjos. [Trad. Getúlio Elias Schanosky Jr.] — São Paulo: Madras, 2004.

GRANDES IMPÉRIOS E CIVILIZAÇÕES Enciclopédia. Mesopotâmia vol. I. Madrid: Ed Prado, 1997.

JOCASTIAN, Ayisha. O Livro de Nod. Edição on line.

In<http://pwp.netcabo.pt/dtangel/Livro_de_nod.pdf> acessado em 21/02/2005

MacNALL BURNS, Edward. História da Civilização Ocidental, vol. I. Porto alegre: Globo, 1975.

PAPUS (Gerard Anaclet Vincent Encausse). Tratado Elementar de Magia Prática. São Paulo: Pensamento, 1995.

SOUTO MAIOR, A. História Geral. **As civilizações iranianas**, p 43. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

pesquisa - seleção - adaptação e comentários: Mahajah!ck | outubro - 2005